

PALAVRAR

Ler e escrever é resistir

REVISTA LITERÁRIA SEMESTRAL

N.º 3 | JULHO 2022





EDITORIAL

3 Analita Alves dos Santos
Diana Almeida

PER FICTA,
RESISTERE

8 OS OUTROS
SOMOS TODOS NÓS
Ana Pinheiro

12 ARABELA
E OS OUTROS
Ana Roque

16 LUNA
Ana Sofia Abreu

20 ATRÁS
DA ROSEIRA
Carla Carmona

24 DESRATIZAÇÃO
EM CURSO
Carmo Marques

28 SAPATOS
DE SALTO ALTO
Clara SL

32 UMA JOANINHA PRESA
ENTRE DOIS DEDOS
Cláudia Passarinho

34 NA
TUA PELE
Diana Martins

36 NO PAÍS
DOS SONHOS
José Mendes

40 ESTAVA MORTA,
CHEIA DE VIDA
Maria Celeste Pereira

44 DOIS CAROÇOS DE MAÇÃ
E DUAS CAIXAS VAZIAS
Marisa Rocha

48 A PORTEIRA
Teresa Dangerfield

GAVETA
CRIATIVA

96 NO LEITO FLUIDO
DA ESCRITA
David Roque

LUSOFONIAS

100 NOTÍCIAS
DO BRASIL
João Melo

PALAVRA
DE LEITOR

104 RENASCER,
DE SUSAN SONTAG
Mário Rufino

BESTIÁRIO
ARDILOSO

106 A CONSPIRAÇÃO
DOS OBSCUROS
Porventura Correia

A LITERATURA
PELOS TEMPOS

4 JOSÉ RIÇO DIREITINHO
O SEXO QUE NOS ILUMINA
Filipa Melo

LETRA
MIUDINHA

52 A MILÉSIMA
PRIMEIRA VEZ
Ana Costa

57 AS ESTRELAS
DO JEREMIAS
Alexandra Duarte

SALTANDO
DO PARÊNTESES

70 O OUTRO
AFLITO
Gabriela Pacheco

72 NA PAREDE DE ALGUÉM,
NÃO VEJO EU A MINHA
Inês Pinto

74 SÃO OS OUTROS
QUE NOS DÃO VIDA
Margarida Ruivo

76 NOTAS
SOBRE O OUTRO
Miguel Arranhado

78 É COMO CAIR
DA BICICLETA
Nuno Gonçalves

80 VONTADE
DE SER DIFERENTE
Sílvia Bernardo

LÍNGUA
MÁTRIA

98 QUERIA?
JÁ NÃO QUER?
Marco Neves

CRÓNICA
DO VIAJANTE

102 PASSEANTE
DE PARIS
João Ventura

SENTENTIA

108 QUERO ESCREVER
AUTOAJUDA,
TEM ALGUMÁ DICA?
James McSill

112 OS OUTROS
ESCRITORES
Lénia Rufino

QUESTIONÁRIO
DE PROUST A...

6 RAUL MINH'ALMA

RESISTENTIA
POÉTICA

60 AMAVA
O LONGE
Ana Sofia Brito

61 O UNIVERSO SUPERLATIVO
DO OUTRO, ENQUANTO NÓS
Ana Ribeiro

62 DEIXA O VENTO
PASSAR
Analita Alves dos Santos

63 POEMA
António Guerreiro

64 DESPERTA
A MADRUGADA
Carla de Paula

65 OS
OUTROS
José Nicolau

66 HALTER EGO
Maria Luísa Francisco

67 SOLITUDE
Margarida Correia

68 SOPRO
Patrícia Lameida

DA PALAVRA
À FORÇA

82 DAR UMA NOVA
OPORTUNIDADE AO AMOR
Cidália Santos

84 QUERO SER COMO
OS OUTROS
Daniela Rosa

86 NÓS
E LAÇOS
Isaura Correia

88 OS OUTROS
NÃO SOMOS NÓS
Júlia Domingues

90 OS
OUTROS
Manuela Vieira

92 O OUTRO
OS OUTROS
Margarida Constantino

94 A ESCRITA
SUBSTITUIU A VOZ
Maria Bruno Esteves

A BIBLIOTERAPEUTA
SUGERE

114 BIBLIOTERAPIA
E CRONOTERAPIA
Sandra Barão Nobre

Ficha Técnica

Diretora: Analita Alves dos Santos | Editora: Diana Almeida | Capa, design e paginação: Isa Silva | Revisão: Ana Costa, Carmo Marques, David Roque e Teresa Dangerfield | N.º de inscrição na ERC: 127573 | Propriedade: Analita Alves dos Santos | Sede: Rua dos Missionários, Lote 11 L 8500-309 Portimão | Sede da redação e da Editora: Rua dos Missionários, Lote 11 L 8500-309 Portimão | analita.santos@oprizerdaescrita.com | Estatuto editorial ©2022 Revista Palavrar | Todos os direitos reservados. Todos os textos são publicados segundo o Acordo Ortográfico em vigor, exceto quando a pedido específico do autor.

OS OUTROS

Diana Almeida

Outros. Os muitos que nos rodeiam e que não somos nós. Os que conhecemos, os que amamos, os que nos magoaram, os que odiamos, os que admiramos e os outros que nos são tão pouco que mal os reconhecemos. Depois há os outros que estão em nós. As versões múltiplas da pessoa que somos, tão diferentes e tão iguais à identidade que ostentamos.

Todos estes Outros, e muitos mais ainda, servem de mote ao terceiro número da revista literária PALAVRAR – Ler e escrever é resistir. Fonte de inspiração inesgotável, foram materiais de labor pelos autores que aqui podem ser encontrados, e que os celebram na sua diversidade.

E é de celebração este número. Esta revista que nasceu pela força da vontade em fazer acontecer, no seio de autores em crescimento que são já uma família, comemora um ano de existência. Três números lançados, dezenas de textos publicados, novos autores e autores consagrados, lado a lado nas nossas páginas. E o que fizemos enche-nos de orgulho e vontade de fazer melhor.

Assim, assinalando um ano de existência da PALAVRAR, e em sintonia com o mote deste volume, abrimo-la pela primeira vez a vozes que surgem no exterior da comunidade que ergueu e sustém este projeto, mas que partilham o mesmo sonho, o mesmo desejo de escrever, ler e resistir. Um ano volvido e não somos já um sonho, somos mais do que um projeto. Entre todos os outros, a revista literária PALAVRAR – Ler e escrever é resistir é uma referência, levando a milhares de leitores as suas palavras. E cresceremos, resistiremos e continuaremos a PALAVRAR.

Analita Alves dos Santos

Quem são os Outros?
Decidi escrever o meu contributo para o editorial desta terceira edição da PALAVRAR – Ler e escrever é resistir, subordinada ao tema "Os Outros",

após ler o texto da Diana Almeida. Fiquei com a sensação de que nada mais tinha a acrescentar. A Diana diz tudo. Enaltece e celebra, com as suas palavras de incentivo e de esperança, o primeiro ano de vida da PALAVRAR, o papel decisivo de cada um dos autores colaboradores (as novas vozes e as vozes literárias já consagradas) que fazem desta revista literária não um "projeto", mas uma realidade que alcança já milhares de leitores. Menciona ainda os "Outros" exteriores e os muitos "Outros" que existem dentro de nós.

É impossível pensar no conceito de "Outros" sem recordar Fernando Pessoa e os seus vários heterónimos. Fernando Pessoa e as suas personalidades literárias mais conhecidas, Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Álvaro de Campos são um bom exemplo da nossa multiplicidade criativa interior.

Não precisamos de ser poetas para manifestar esses "Outros". Os diversos papéis que assumimos na vida (o de mulher, de mãe, de profissional, de amiga, de filha, de confidente) fazem-nos transbordar e, em certas situações, descobrir estranhos em nós, principalmente quando o inesperado acontece e reagimos, agimos como nunca pensaríamos ser capazes. Essa força ou estranheza, quando consciente e encarada com clareza, faz-nos sentir vivos, renovados ou, até assustados. A vida é demasiado inesperada para ser previsível.

Antes de finalizar, importa olhar para a origem e significado da palavra "outro" (já sabe como gosto do "cuidado com a Língua" e de explorar o significado das palavras).

O vocábulo "outro" tem origem no latim *alter-tra-trum*, "um dos dois, um ou o outro" e é um determinante e pronome indefinido que significa*: não este; diferente, mais um; seguinte; precedente; restante.

Não é este que esperava, mas outro; és tão diferente de mim; mais um que não ficará; o seguinte, que nunca será igual ao anterior; o precedente do que sonhei; o restante, aquele que ficou, o que mais interessa.

Afinal, quem são os Outros?

Os Outros, somos sempre nós.

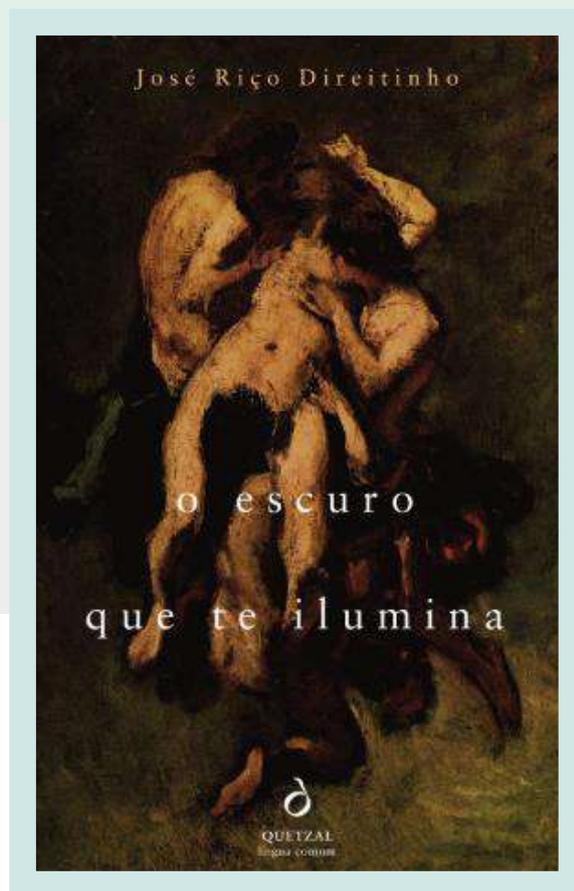
* Fonte: "outros", in *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*

JOSÉ RIÇO DIREITINHO O SEXO QUE NOS ILUMINA

FILIPA
MELO

Em Portugal, temos o hábito muito entranhado de, em público, não chamarmos as coisas pelos seus nomes, não darmos os nomes devidos às coisas. Não darmos nome às queixas, às zangas, às conquistas, às dores, às derrotas, aos sentimentos, e sobretudo, sobretudo, não darmos a palavra ao sexo. Salvo raríssimas exceções, não a demos durante séculos na literatura. Até que chega o dia. Ou, como diria Bocage, um desses poucos que honrosamente quebraram a regra. Chegou por fim "o fornicário dia".

Chegou com "O Escuro Que te Ilumina", o regresso de José Riço à ficção, após 13 anos de silêncio. Perfila-se, pois, riço e bem direitinho, o autor. Ele é um homem — evidência — corajoso, um escritor que os tem no sítio — uma evidência para quem acabar de ler estas 142 páginas. Este é um romance pequeno, mais novela, talvez. É a fala confessional de um homem, sem nome, professor catedrático, que, à noite, espreita os vizinhos e se apaixona platonicamente por uma mulher, cujos gestos observa minuciosa e enlevadamente através de um telescópio apontado ao prédio da frente. Diz: "O trágico da paixão, a minha, é ter de a viver sozinho."



Há quem assegure que as pessoas mais tristes e solitárias na intimidade são aquelas que mais fazem rir os outros em público. São o palhaço triste, mascarado, disfarçado de entertainer. Neste livro, solidão acaba por rimar com muita tesão. Exibicionismo também. Mas, sobretudo, com uma tesão melancólica, passada ao acto no *bas-fond* de Lisboa e arredores, em bares ou em terrenos baldios, onde se pratica *glory holes* e *happy ends*, chuvas douradas e *butt plugs*, *figging*, *dogging* ou *carparking* — se não sabem o que nada disto é, leiam o livro – rituais plurais, voyeuristas, sadomasoquistas, o que se quiser como expressão sexual livre. O protagonista apresenta-se de batina preta, "desabotoada de alto a baixo: o hissope levantado na mão quando me aproximava dos grupos, dando-lhes uma mãozinha no que fosse preciso: fé, esperança e caridade:", aspergindo-os por fim com um muito pós-moderno amor líquido.

Faz sexo com desconhecidos, serve-lhe "para tornar a realidade irreal: é esse o jogo, estar e não estar. O outro não existe como alguém, ainda não teve tempo para ser outro para quem o olha: é uma coisa, menos do que um corpo, é um sex toy que se mexe por si, sem precisar de pilhas."

Sim, neste livro há carne, muita carne, senhores, e é servida crua. Nome a nome, gesto a gesto, está aqui o que (quase?) nunca esteve assim num romance português: sexo a nu, mostrado de forma amoral.

É verdade que Riço Direitinho o temperou com suficiente meta-ficção. O protagonista ensina literatura, é culto, cita Nietzsche, Al Berto, Klaus Knausgard — a quem, suspeito, se deve muito do impulso de auto-ficção deste livro —, Ângelo de Lima, Borges, Vergílio Ferreira, Kavafis, Rubem Fonseca ou Agustina Bessa Luís.

Mas diz, por exemplo: "Estou cada vez mais convencido de que uma das coisas que falta aos corpos docentes é foder." E, depois, com a inteligência em riste, profusamente excitada por uma aluna, declama Bocage ou adapta Florbela Espanca:

"Foder, foder perdidamente!

Foder só por foder: aqui, além,

mais este e aquele e aquela,

o outro e a outra e toda a gente.

Foder, foder. E não foder ninguém!

É preciso cantar a Primavera em cada vida:

é preciso cantá-la assim florida,

pois se Deus nos deu caralho e cona foi para foder!

E se um dia termos de ser pó, cinza e nada,

que sejam as nossas noites uma longa alvorada,

que nos saibamos perder para nos encontrarmos."

Depois, há uma colega que ensina Filosofia Medieval e que ele encontra no "Mise-em-Scène", um bar liberal e kinky ali para os lados do Parque Eduardo VIII. Também há uma juíza, torturada com sádica privação, e uma inspectora da PJ... Há naufrágios, inundações, fornicações e divagações várias.

Sim, neste livro há sexo, muito sexo. Todavia, o que motiva as incursões noturnas do protagonista é um caso de amor platónico. E repete, vezes e vezes:

"Escrevo como se me lesse..." Diz que torna a sua vida mais devassa para não sentir tanto a falta dela, a vizinha da frente, tão distante e inacessível. É uma desculpa para não pôr o protagonista só a ter sexo.

Mas nós aceitamo-la como engenho literário, não se pode querer ter tudo, assim, do dia para a noite. No final, foi tudo um sonho. Petrarca e Laura andam por aqui, e o primeiro diz: "Por vós convém que eu arda e em vós respire, que fui só vosso; e se de vós me privo, nenhuma outra desgraça é tal tormento."

O sexo deve integrar a História, com H grande, e também a que o traz pequeno. O sexo deve integrar a Literatura. Sexo aberto e gráfico, mais ou menos literário. Mas: sexo. Porque muitos dos momentos mais intensos e felizes das nossas vidas estão ligados ao sexo. E já é hora da literatura portuguesa falar de nós e das nossas vidas.

Escrever sobre sexo implica tacto, muito tacto — não se riam, é verdade. É preciso medir o poder das palavras. Deixar entrar o material natural, sem filtros, direitinho, inteirinho, trabalhá-lo de uma forma nem decorosa, nem indecorosa.

A história não acaba nem bem nem mal, que é como acabam todas as histórias verdadeiras: há o amor consumado, um piercing no prepúcio, a inscrição definitiva da amada no corpo do protagonista, um dióspiro erótico e uma janela vazia. "O sexo é a narrativa", lê-se a poucas páginas do fim. Alguns dirão: Não havia necessidade. Mas havia, sim, e muita. Ora, ora, aqui o têm.

«Escrever sobre sexo implica tacto, muito tacto — não se riam, é verdade. É preciso medir o poder das palavras. Deixar entrar o material natural, sem filtros, direitinho, inteirinho, trabalhá-lo de uma forma nem decorosa, nem indecorosa.»

QUESTIONÁRIO DE PROUST A...

RAUL MINH'ALMA



Raul Minh'alma nasceu em 1992, é natural do Marco de Canaveses e formado em Engenharia Mecânica na FEUP. Publicou o seu primeiro livro em 2011, com o título *Desculpe Mãe*, mas foi em 2016, com apenas vinte e quatro anos, que alcançou o reconhecimento do público com o seu primeiro bestseller *Larga Quem Não Te Agarra*. Entre outros livros, publicou em 2018 o romance *Foi Sem Querer Que Te Quis* que viria a ser o livro mais vendido em Portugal no ano de 2019. Já em 2020 Raul Minh'alma foi mesmo o autor que mais livros vendeu em Portugal, sendo o mais jovem de sempre a consegui-lo. Em 2021 repetiu o feito, continuando a ser o escritor mais vendido.

1 | Qual o principal aspeto da sua personalidade?

Pacificador, conciliador. Estou sempre à procura de resolver conflitos, de serenar mentes e corações. De moderar ideias e posições nos que me rodeiam.

2 | Qual é a sua qualidade favorita num homem?

Coragem.

3 | Qual é a sua qualidade favorita numa mulher?

Confiança.

4 | O que mais aprecia nos amigos?

O compromisso em alimentar essa amizade. A capacidade, muitas vezes altruísta, de dizer que sim.

5 | Qual é o seu principal defeito?

Cismático.

6 | Qual o seu passatempo favorito?

Ver vídeos sobre algum assunto que queira aprender.

7 | Qual a sua noção de felicidade?

Estar em paz com o que é, com o que não é e com o que poderia ser.

8 | Qual a sua noção de infelicidade?

Estar mal resolvido com alguma coisa.

9 | Se você não fosse você mesmo, quem seria?

Alguém que, com certeza, precisaria de estar aqui para evoluir o suficiente para não ter de voltar aqui.

10 | Onde gostaria de morar?

Em Espanha. Algures no norte de Espanha.

11 | Qual a sua cor favorita?

Não tenho cores favoritas, mas tenho tons, talvez. Tons escuros para tudo o que seja objeto, acessório ou roupa, e tons claros para tudo o que seja casa ou espaço de habitação.

12 | Qual o seu escritor favorito?

Aquele que me conseguiu ensinar de forma eficaz aquilo que pretendo aprender.

13 | Qual o seu poeta favorito?

Fernando Pessoa.

14 | Qual o seu herói favorito na ficção?

Sherlock Holmes.

15 | Qual a sua heroína favorita na ficção?

Mary, personagem do livro Nunca Me Esqueças, de Lesley Pearce

16 | Quais os seus pintores e compositores favoritos?

Salvador Dalí e Hans Zimmer, respetivamente.

17 | Quais os seus heróis na vida real?

A minha mãe.

18 | Qual a sua figura feminina favorita na história?

Princesa Diana.

19 | Quais os seus nomes favoritos?

Leonardo e Rodrigo.

20 | O que você mais odeia?

Os "narizes empinados" desta vida.

21 | Quais as figuras históricas que você mais odeia?

O ditador [inserir nome de qualquer um]

22 | Qual o evento militar que você mais admira?

Qualquer um que tenha trazido mais bem do que mal ao mundo.

23 | Qual o talento natural que você gostaria de ter?

Improvisar.

24 | Como você gostaria de morrer?

De forma pacífica e quando sentir que... já posso ir.

25 | Qual é seu estado mental atual?

Tranquilo no meio do caos.

26 | Por qual defeito você tem menos tolerância?

Ruindade e falta de sentido de humor.

27 | Qual o seu lema favorito?

Nunca te prendas a um erro só porque já perdeste muito tempo com ele.

OS OUTROS SOMOS TODOS NÓS

ANA
PINHEIRO

Sentado na sombra de um outrora demasiado presente, admiro a multidão que passa, apressada, indiferente, alheada no seu movimento cadenciado de final de dia.

Conversas cruzadas, telemóveis que retinem, buzinas desenfreadas, a cidade em hora de ponta. Ao fundo, um homem bem-apegoado afasta um transeunte que se aproxima.

O mundo avança apático, submerso nos seus inúmeros problemas, desinteressado dos que há muito deixaram de ter interesse.

Até há pouco tempo fui um deles. Alheado, apressado, absorto.

Atropelado pela correria dos dias. Fraquejam-me as pernas. Os ossos rangem quando encostados na rigidez do banco onde me quedo. Dezoito meses. Dezoito meses de agonia, onde me afundo, lenta e dolorosamente. Este cerco que me esmaga e asfixia, conquanto a borda se torna cada vez mais difícil de alcançar.

Hoje foi um dia mau. E ontem, e anteontem. Nem me lembro quando foi a última vez que tive

«Ferro o dente nos resquícios de uma sandes, tão sensaborona quanto ressequida, empurrada com um gole no tinto esquecido, atirado como esmola para junto do caixote do lixo.»

um assim-assim. Já para não falar em dias bons. Esses, há muito que não habitam por estes lados. Distraído em pensamentos pouco abonatórios, nem dou pela noite que cai. As luzes da cidade ofuscam-me o olhar, enquanto o rio, ao fundo, espelha a lua que se espraia pelas margens. Nos prédios em volta, milhares de janelas se iluminam, deixando antever famílias que jantam, mães que embalam os filhos, casais que se amam, vizinhas que assistem à novela do serão. Quem sabe, até o meu glorioso estará a jogar!

Ferro o dente nos resquícios de uma sandes, tão sensaborona quanto ressequida, empurrada com um gole no tinto esquecido, atirado como esmola para junto

do caixote do lixo. Quando termino, deixo a cabeça pousar no blusão, dobrado, servindo de almofada. Dizem que a almofada é boa conselheira, mas a minha, de tão gasta, já perdeu a capacidade de me fazer sonhar. O Tiago costuma dizer — sonhar não tem prazo de validade. Eu sorrio e penso, aos cinquenta e dois anos, o "consumir de preferência até" há muito se esgotou. Aparecerá o Tiago esta noite? É um tipo porreiro. Um bocado inocente, talvez. Afirmo que me vai safar. É ponto de honra para ele. Talvez não conte é que, para (quase) tudo são precisas duas partes e eu, por mim, pouco consigo fazer.

O tempo arrasta-se devagar e perco a noção das horas. Embalado pela brisa fresca, deixo-me enlevar. Por entre as estrelas vislumbro-me, de novo, a chegar a casa, estacionar o carro e atirar com a porta. Uma pancada seca faz-me soerguer afogueado:
— A porta, a porta! — gesticulo, afugentando os olhos que me fitam, sem os reconhecer.
— Amadeu, Amadeu! — a voz apazigua-me — Sou eu, o Tiago. O que se passa?

O Tiago estende-me uma água. Despejo-a de um trago e, tremelicante, amasso a garrafa vazia. Recupero o controlo das batidas e o peito, ainda arfante, relaxa nas respirações pausadas.
— Amadeu, penso que chegou a hora de termos uma conversa séria! Não é a primeira vez que o encontro numa situação como esta, mas hoje assustou-me a valer.
Tiago é firme. Esta noite não escapo. As dúvidas assaltam-me, devo mesmo continuar a escapar? Ou talvez seja hora de aceitar uma mão amiga? Afinal, o Tiago tem sido presença assídua na minha vida.
— Tens tempo, Tiago? — num rasgo de coragem, ergo-me.
As mãos firmes de Tiago amparam-me, a tempo de evitar que o chão conheça o baque de um corpo sobre a laje. A névoa envolve-me e só recordo o pisca-pisca de uns faróis azuis intensos. Não sei precisar o tempo que, veloz, escorre sem dar tréguas. Ao lado da cama vislumbro uma mancha, que se move na minha direção. Reconheço, na expressão agastada, os olhos meigos do Tiago.

— Amadeu, como se sente? — pergunta, solícito.
— Deixámos uma conversa por começar, Tiago. É tudo quanto recordo.
— Agora não, Amadeu. Noutra altura falamos disso. Diga-me, como se sente?
— Cansado. Acredito que o meu tempo está a chegar ao fim. Senta-te mais perto, vamos conversar. Devo-te isso.
Fecho os olhos com força. Na mente em desalinho perpassam imagens desconexas. Faço um esforço para organizar os acontecimentos. Não foi há muito tempo, ainda assim, parece-me que foi noutra vida. O Tiago percebe e não interrompe.
— Até junho do ano passado eu fui um homem como tantos outros. A vida corria-me de feição. Dono da minha própria empresa. Abri-a com muito esforço, anos e anos de trabalho para fazer dela aquilo que um dia foi... — a voz embargada, dificulta-me o raciocínio.
— Amadeu, não precisa cont...
Pouso a mão no braço do Tiago e corto-lhe a palavra:
— Não, Tiago! Eu quero continuar. Como eu estava a dizer — retomo — trabalhei muito. Cheguei a ter vinte e oito empregados ao serviço. O meu espaço era o mais bem-conceituado da linha de Cascais. Sobranceiro à praia, vista panorâmica, peixinho bom, enfim, o melhor. Há cerca de três anos, se não me falha a ideia, comecei a ser abordado por investidores espanhóis. Queriam aplicar uns dinheiros em Portugal. Promessas de expansão do restaurante pelas praias de norte a sul do país e, numa ambição desmedida, aceitei a sociedade. Ao início correu tudo de feição, chegámos até a abrir um novo restaurante numa praia badalada. Em trinta anos de trabalho nunca tinha tido tanto dinheiro na mão. Quer dizer, não é que vivesse mal até então. Fiz férias milionárias, paguei grandes patuscadas. Comprei uma mansão sumptuosa, num dos bairros mais reputados da linha. Troquei de carro, por um mais vistoso. Deslumbrava-me ouvir os seiscentos cavalos do motor a roncar. Ofuscado como estava, não percebi que era tudo "fogo de vista", num logro onde me afundava cada vez mais. ▶

» O cansaço impele-me a parar e deixo a pausa prolongar-se. O Tiago é fantástico. Não me interrompe, não faz perguntas, não me pressiona. Aguarda, pacientemente, que me recomponha. Pese embora tenha percebido a curiosidade no seu olhar perscrutador.

— Um dia entra a judiciária no restaurante — atiro, procurando a reação do Tiago, conquanto este pareça adivinhar o fim da história —, à procura dos meus sócios. Havia duas semanas que não falava com eles, acreditava que estavam a trabalhar na expansão da rede de restaurantes. A judiciária remexeu em tudo, embora não me tivesse dito exatamente o que procurava. Fiquei desconfiado. Perdi

«Arrependo-me do que aconteceu. Culpo-me por me ter metido com as pessoas erradas, principalmente por não ser um novato à data dos acontecimentos. Também não sou nenhum santo. Sabes, às vezes sinto que a vida me quis dar uma lição...»

conta ao número de chamadas que lhes fiz. Em vão. Quando dei conta tinha o fisco "à perna". Percebi que os meus sócios eram um embuste e que estava enterrado em dívidas. Arrestaram-me todos os bens. Fiquei sem nada e fui parar à rua. Esta é a minha história, Tiago. É por isto que me encontras naquele beco há dezoito meses. Tiago não aguenta a curiosidade e atira de chofre:

— Amadeu, e a sua família? Não tem ninguém? O que aconteceu mais que não me quer contar?

— Não há mais nada a dizer. Fui ganancioso, deixei-me levar pelas aparências, pelas promessas bacocas de uma vida fácil. Esqueci-me de tudo o que aprendi (e vivi) em trinta anos de trabalho — a voz gaguejante não convence Tiago. Na verdade, nunca fui bom a mentir.

Tiago volta a insistir:

— Não pode ser, Amadeu! Tem que haver mais alguém, irmãos, sobrinhos, mulher, filhos. O Amadeu não ia viver sozinho numa mansão. — Num gesto repentino, Tiago agarra-me a mão: — Amadeu, quero que saiba que não o julgo, não o condeno. Passado é passado. Jamais define o presente. Não me interessa o que aconteceu para vir parar à rua, interessa-me sim fazer tudo para o salvar.

Nada mais me resta. Sou um homem, numa cama de hospital, despojado, vazio, sem perspetiva. Porque não contar ao Tiago o resto da história? Num rasgo de coragem, despejo as palavras, sem encará-lo:

— Tiago, não me orgulho do que fiz.

Arrependo-me do que aconteceu. Culpo-me por me ter metido com as pessoas erradas, principalmente por não ser um novato à data dos acontecimentos. Também não sou nenhum santo. Sabes, às vezes sinto que a vida me quis dar uma lição...

Tiago interrompe-me:

— Porque diz isso? Aconteceu consigo, podia ter sido comigo.



— Não, Tiago, tu és muito diferente. Eu era exigente, mal-humorado, rude, soberbo. Sobranceiro aos outros, até. Duro a julgar e condenar as pessoas pelo seu aspeto, pelos seus comportamentos. Neguei comida e esmola a quem tinha o desplante de mas pedir. O meu pensamento (e tantas vezes a minha boca) dizia-lhes "se não tens o que eu tenho, é porque não fazes o que eu faço" ou "estás nesta situação porque queres, sabe-te bem encontrar tudo feito". Quando apareciam à porta do restaurante, enxotava-os, como às moscas.

De novo o cansaço me obriga a fazer uma pausa. Tiago volta a esperar, sereno. Ajuda-me a molhar os lábios, com um líquido meloso que a enfermeira depositou junto à cama.

— Perguntaste pela família, certo? — Tiago acena afirmativamente. — Casado, pai de dois rapagões e de uma menininha, a luz dos meus dias. Uma família impecável, não me deixou cair. Abraçou-me, amparou-me, consolou-me.

Senti-me envergonhado. Talvez falhado seja o termo certo. Sim, falhado. Falhei como homem, como pai, como marido. Mudámo-nos para o pequeno T2 de solteira da Augusta. Fiz as mudanças de noite para que não me reconhecessem. Não me julgassem. Até que fugi, como um covarde. Fugi dos olhares, das más-línguas. Por isso agora estou aqui, a trezentos quilómetros da casa de partida, longe de tudo, longe de todos. Não mais dei notícias à família. Ninguém sabe do meu paradeiro. Ainda me procuraram durante algum tempo, mas consegui sempre ludibriar a polícia e não me dar por achado. Tenho vergonha, Tiago. Tenho vergonha por lhes ter permitido tudo e, por estupidez, os ter deixado sem nada. E agora que estou aqui, em que sinto o fim à espreita, prefiro morrer esquecido do que subjugar-me à opinião dos outros. Os outros que eu tanto julguei, que sempre desprezei e que jurei nunca ser um deles...

ARABELA E OS OUTROS

ANA
ROQUE

Um, dois, três. O prédio tinha seis, só um apartamento por piso. Uma menina chorava na escada a caminho do quinto piso.

Arabela, de seis anos feitos há poucos dias, tinha um rosto de pele clara como neve, contrastando com o seu cabelo castanho aos caracóis, que lhe caíam em cascata sobre os ombros. Olhos espevitados mostravam o seu desembaraço.

De fundo, ouviam-se várias vozes e choros. Aquele prédio era como uma comunidade de entreatajuda. Salvo alguns condóminos mais ressabiados, todos acabavam por se entender. A mãe de Arabela, solteira, de trinta e dois anos, trabalhava numa empresa de gestão de condomínios, estando também a seu cargo o prédio onde habitava. Davam-se bem, ao ponto de as reuniões de condomínio, onde discutiam os assuntos do prédio, terminarem sempre numa sessão de terapia, na qual falavam e partilhavam os seus problemas. Nesse dia, a meio da manhã, a Dona Tina, mulher alcoviteira, recebeu um telefonema da polícia. Ficou atrapalhada com o que ouviu:

— Como? Mas...sim, conheço! Aiiiiii, não pode ser — gritou.

— A Sra. sabe de algum familiar que possa vir reconhecer o corpo? — perguntou o polícia.

— Não Sr. Guarda, que eu saiba tem um primo no Equador e tem-nos a nós, moradores do prédio, como família, e uma filhinha que deixou na escola logo de manhã.

— Hum — retorquiu o polícia.

— Mas não se preocupe, Sr. Guarda, eu própria vou reconhecer o corpo.

E foi assim, que a menina ficou só e, ao mesmo tempo, com tantos pais adotivos. Chorava sem parar, na mão amarfanhava um papel, do qual só conseguia ler algumas palavras. A primeira reação fora a de correr para o quarto da mãe e abrir a gaveta da cómoda, quando a Dona Tina, sem saber muito bem como agir, a acarinhou, e disse:

— Querida menina, a mamã partiu para o céu, mas vais ter uma família especial que não te vai deixar.

«Não interessa, és saudável e vou ensinar-te a seres uma menina cheia de alegria, com valores e educação, quero que tenhas as oportunidades que nunca consegui agarrar.»

Arabela foi para casa da Dona Tina, que vivia sozinha, até fazerem uma reunião para perceberem como iria ser o seu futuro. O papel que tinha na mão era uma carta que a mãe guardava num envelope e que sempre lhe dissera, um dia mais tarde, iria ajudar a perceber a história do seu nascimento.

No dia seguinte, depois do jantar e de a menina adormecer, reuniram-se todos no segundo andar em casa do casal Soares, para decidirem o seu futuro e lerem a carta:

*Tiraram-te de dentro de mim, gritaste e levaram-te de seguida. Nesse momento tão belo, decidi que serias Arabela. Fiquei triste porque não tinha ninguém para partilhar a minha alegria. Também não tinhas ali um pai, nem sabia se algum dia o irias conhecer. Não interessa, és saudável e vou ensinar-te a seres uma menina cheia de alegria, com valores e educação, quero que tenhas as oportunidades que nunca consegui agarrar. Vais conhecer as pessoas que moram no nosso prédio, são eles que nos maus momentos me têm ajudado a ultrapassar alguma dificuldade. Tenho a certeza de que te vão acarinhar. Quero que saibas que és fruto de amor, e a entrega foi sentida. Tudo aconteceu numa noite quente depois de uma reunião de condomínio... O teu pai é alguém do universo do condomínio, mas não queiras saber quem é, até para não estragar a vida a ninguém. Aconteceu, e tu já cá estás, vou dedicar-te todo o meu amor, és o que tenho de melhor. Se quiseres, condena-me. Amo-te,
Mãe*

A situação de Arabela foi sinalizada pelas autoridades. Ficou temporariamente ao cuidado da Dona Tina, que se mostrou logo interessada em ser sua tutora. A mãe morrera de doença súbita, tinha alguns problemas de saúde que nunca foram identificados. Juntaram-se para explicar o melhor possível o

que estava a acontecer, e prometeram nunca a deixarem sozinha. Ficou, então, com a sua protetora, que lhe arranjou o quarto para que se sentisse confortável.

Passado um ano, e após todas as audiências para comprovar que a Dona Tina reunia condições e teria capacidades para a educação da menor, Arabela foi adotada legalmente. Foi um dia de festa, em que todos os condóminos que ajudavam nas despesas e em proporcionar o melhor à menina, conseguiram ficar descansados. Arabela foi crescendo, com a atenção das famílias e pais adotivos, como lhes chamava. Na escola as outras crianças perguntavam-lhe por que motivo falava de vários pais, o que explicava da melhor forma que conseguia.

Numa noite em que, já no seu quarto, sentiu sede e foi à cozinha, ouviu a Dona Tina conversar com a Dona Cristina do quarto piso, advogada, com um filho da sua idade:

— Amanhã a Arabela completa catorze anos, vamos fazer-lhe uma festa surpresa. Está a ficar uma bonita adolescente, inteligente e compreensiva. Daqui por uns tempos podemos falar com ela, para saber se quer ficar a saber quem é o pai bilógico, através de um teste ADN — dizia a Dona Cristina.

— Concordo, mesmo sendo um tema muito sensível, temos de colocar essa questão, não deixando de acreditar que pode comprometer o relacionamento de algum dos casais — comentava a Dona Tina.

Arabela escutara toda a conversa, voltou para a sua cama e passou a noite a pensar no que ouvira. Então também poderia ter um irmão ou irmã. Tinha um fraquinho pelo Miguel, filho do engenheiro Afonso e da Dona Guida do quinto piso. Agora essa situação seria mais complicada, uma vez que poderia ser sua irmã.

Acordou com um raio de sol que, sorrateiro, entrava através da cortina cor-de-rosa. Esfregou os olhos, esticou os braços, puxou o lençol para trás, e fez-se luz: "Hoje é o meu aniversário", pensou. Não estava contente, nem triste, apenas sentia um aperto no peito que a sufocava de mansinho e lhe atordoava os pensamentos. Saltou da cama de repelão e, descalça, dirigiu-se à cozinha, onde a Dona Tina preparava umas panquecas com mel.

— Bom dia, minha menina, parabéns! – cumprimentou afetuosa, com dois sonoros beijos na face de Arabela.
 — Bom dia, mamã Tina, muito obrigada! “Hoje acordei estranha, não sei como me sinto”, pensou para consigo, mas resolveu não dizer nada.
 — Logo vou apanhar-te na escola e conversarmos melhor, agora toma o teu pequeno almoço. Eram dezassete e cinco. À porta da escola a Dona Tina, toda aperlaltada, sorria feliz, até tinha ido ao cabeleireiro.

— Como correram as aulas hoje?
 — Até a diretora de turma me deu os parabéns e os meus colegas começaram na brincadeira a cantar, foi bom!
 Na chegada à porta de casa, foi conduzida para o quinto piso. Curiosa, manteve-se em silêncio. A casa do engenheiro era a maior, tinha um bonito terraço, onde faziam uns belos churrascos. Tocaram à campainha, a porta abriu-se de imediato e todos os inquilinos daquele prédio saltaram para a abraçar. Na entrada uma fita cor de rosa, ladeada de balões coloridos, dizia: “Parabéns!”

Pensou de imediato: “Não vou fazer desfeita aos meus pais, vou esperar até ao dia em que quiserem falar comigo”.
 A festa prolongou-se, e todos estavam envolvidos no espírito festivo. Arabela, radiante, abria os presentes que cada um lhe ia entregando, corria de um lado para o outro, abraçando e distribuindo beijos por todos. Sentia-se amada e acarinhada. Estava eufórica! O tempo foi passando. No entanto, na cabeça da menina afloravam pensamentos sobre a conversa de quem seria o seu pai. Embora não lhe tirasse o sono, queria saber se teria um irmão.
 Chegou finalmente o dia. Era verão e estava calor. Juntaram-se no terraço, e com refrescos, doces e petiscos o ambiente estava criado para falarem com Arabela. Foi contada a história desde que a mãe fora habitar o prédio, assim

como o momento em que aparecera grávida, e a incógnita sobre o pai, até que a Dona Cristina lhe perguntou:

— Arabela, gostavas de saber quem é o teu pai? Se quiseres, podes tentar saber através de teste de ADN.

Um momento intenso, em que a menina de olhos esbugalhados, nem sabia o que dizer, apenas soltou uma frase:

— Não quero fazer nenhum teste, os meus pais são todos vocês, para mim chega.— Arabela saiu a correr.

No fundo, queria saber quem era o pai, porém, o fato de colocar em causa uma das suas famílias não a deixava avançar com a ideia. Estava feliz e revoltada, sentimentos que não eram fáceis de conciliar. Atravessava-se-lhe na cabeça uma questão: seria Miguel seu irmão?, Andavam na mesma escola e sabia que namoriscava uma colega de outra turma. Quando os avistava juntos, o seu coração ficava corroído de ciúme. Passaram dias, meses e anos, Arabela acabara de fazer dezoito anos. Miguel tinha namorada e Arabela ainda não conseguira gostar de mais ninguém. Eram muito amigos e Miguel contava-lhe as suas aventuras, não desconfiando do sentimento que a amiga nutria por si.

Certo dia, perto do Natal, um amigo comum às famílias, que já vivera no prédio, e que, para além de visita assídua, participava nas festas e reuniões, sempre com muita animação, apareceu morto em sua casa. Deixou todos bastante chocados.

Depois das perícias efetuadas pela polícia, chegaram à conclusão de que fora suicídio. Vivia sozinho no prédio ao lado, e ninguém se apercebera de que estava num momento mais depressivo, embora soubessem que era acompanhado em consultas de psiquiatria e psicologia. Nem haviam dado conta que transportava consigo um segredo de muitos anos, até que a polícia, em busca por resposta,

encontrou uma carta fechada com o nome de Arabela no envelope.

Ao abrirem o envelope, pensando que encontrariam algo que os fizesse perceber os porquês, ficaram perplexos com o conteúdo:

*Olá Filha,
Desculpa por ser um covarde...
Nunca quis assumir contigo as minhas responsabilidades. Sabia que depois da tua mãe falecer continuavas a ter não uma, mas cinco famílias que sempre te trataram bem, transmitindo-te os melhores valores. Embora de longe, sempre estive perto de ti.
Não me odeies, no entanto também não me sentia digno ao colocar em questão a vida familiar de todos os meus amigos.
Queria dar-te esta carta nos teus dezoito anos, na esperança de que me compreendas. Entretanto, foi-me diagnosticado um tumor maligno em estado muito avançado. Não quero sofrer nem ver o teu sofrimento. Vais receber na mesma a carta, não através de mim, mas de quem a encontrar.
Precisas saber que, embora não me dando a conhecer, sempre te amei na sombra.
Nada mais faz sentido, segue o teu caminho com todos aqueles que te amam.
Até um sempre!
Teu pai...*

A polícia judiciária, contactou a Dona Tina entregando-lhe a carta, uma vez que fora confirmado o suicídio. Houve nova reunião no edifício, não só para dar a conhecer os factos da morte, como também para que Arabela ficasse a saber quem fora o seu pai e ler a carta para todos, se assim o desejasse. Nessa noite chorou de revolta e pesar, por vir a saber da pior forma a identidade do seu pai biológico. Questionou-se sobre não poder crescer, como os seus amigos no seio de uma verdadeira família, e ter uma de acolhimento, como chamava aos seus pais do coração. A menina fez-se mulher e optou por continuar a viver com a Dona Tina, sendo nessa fase também

sua cuidadora, uma vez que esta já tinha uma idade avançada. Tirou um curso superior ao mesmo tempo que trabalhava. Finalmente, o seu sonho cumpriu-se e num dia em que o sol brilhava, para alegria de todos, casou-se com o Miguel.



O comboio saiu dos carris. A carruagem tombou para o lado esquerdo. Os vidros partidos das janelas irromperam pelo ar como projéteis afiados, rasgando aleatoriamente e sem compaixão, e os gritos misturaram-se com sabor a sangue na boca. Apertei-lhe a mão e puxei-a para mim. O meu corpo percebeu que não tinha utilidade mais nenhuma, senão protegê-la, queria apenas que ela saísse intocada, que me fizesse feliz por uma última vez e continuasse a respirar por nós os dois. É a herança que lhe posso deixar, o ar. Vento que percorre a terra, espuma no mar, engrandece o fogo, não tem fronteiras e é de todos e de ninguém. Mas tem de ser dela. Não tínhamos conseguido dormir, aguardáramos longas horas no local combinado, escondidos pelo escuro da noite, acalentados pela expectativa da chegada de um contacto descrito "como um homem que vamos logo perceber que é por ele que esperamos". Não éramos os únicos, e depressa deixou de ser um esconderijo de algumas pessoas, para ser um

«Os vidros partidos das janelas irromperam pelo ar como projéteis afiados, rasgando aleatoriamente e sem compaixão, e os gritos misturaram-se com sabor a sangue na boca.»

ponto de espera para uma pequena multidão. Ermo, com muito arvoredo e longe das luzes da cidade, era o sítio ideal para a entrada clandestina no comboio da noite, e, assim que ouvimos — só sobe quem pagar — percebemos que era o homem por quem ansiávamos. E lá foi ele recolhendo o dinheiro, sem olhar para os vultos que lhe entregavam a sua última esperança, apenas confirmando se era o valor acordado. No silêncio da escuridão, os sons do comboio anunciaram-no, tornando-se vez mais nítidos e em crescente cadência, similar às batidas do nosso coração, que era só um e alojava-se nas nossas mãos, dadas com a força da importância do momento.

A simulação paga, de uma paragem desnecessariamente necessária, foi o mote para um desenfreado ataque ao melhor lugar da carruagem daquele comboio que se queria que seguisse para uma vida melhor. Mas o comboio saiu dos carris, tombou e o calor de uma explosão verteu-se pelo chão.

O meu corpo experimentou uma estranha gravidade, tudo à roda se destruíra menos eu. A minha tarefa era importante, não ia ter uma nova oportunidade para me sair bem como escudo da minha Luna. Em décimos de segundo, ouvi conversas inteiras com o meu pai, senti o cheiro do cabelo da minha mãe, e recordei a frase sussurrada do último abraço apertado à mãe de Luna — protege-a por nós os dois — disse-me. O arrastar da carruagem pelas linhas fez um chiar ensurdecedor, que teria ouvido se não estivesse atento a estas palavras e, quando a carruagem por fim parou, o silêncio súbito deixou-me estranhamente sem medo. Abri os braços muito devagar. Única, linda, minha e a respirar. Coloquei-lhe no pulso o relógio que tinha sido do meu pai e contemplei-a. Luna abriu os olhos e apercebeu-se do caos de peças humanas misturadas como as de puzzles de diferentes caixas. Compreendeu que, fazendo parte daquele jogo estropiado, eu não conseguiria sair dali. — Atravessa o rio pelos dois — disse-lhe sem me ouvir. O deixar-me e seguir em frente seria um ato de sobrevivência que lhe retiraria o sono por muito tempo, mas tinha de a convencer de que não poderia ser de outra forma, por ela, por mim, por nós. Percebi que Luna também não ouvia bem, mas leu-me os lábios e respondeu-me com lágrimas. Fechei os olhos para que me deixasse. E no desespero caótico de crianças, mulheres e homens feridos, via-a descer a encosta, descalça, sem parar, como se a sua vida dependesse de cada passo, e senti o arder do chão nos seus pés como se fossem os meus, até chegar ao rio, que atravessou sem olhar para trás ou se calhar terei sido eu que já não a vi olhar.

Acordei enrolada no abraço do meu pai que me olhava deslumbrado. Esboçava um sorriso ténue e sereno e emanava uma calma celestial. Tentou, com dificuldade, entregar-me o seu relógio, do qual nunca se separava. Coloquei-o no meu pulso e nada me preparou para o que os meus olhos se confrontaram a seguir. Lembrou-me um quadro que vira com ele num museu. Dia magnífico. A minha mão não largou a dele, enquanto me indicava os nomes dos pintores, dos quadros e da história que cada um guardava, e houve um em que se deteve mais tempo, um painel enorme, pintado a óleo por um pintor espanhol, com uma dor inexplicavelmente real a sair de cada pincelada. — Luna, este espelha a dor humana feita pelos homens uns aos outros — disse com um semblante triste, no entanto, fascinado. Era esse o quadro que estava, naquele momento, >

«O deixar-me e seguir em frente seria um ato de sobrevivência que lhe retiraria o sono por muito tempo, mas tinha de a convencer de que não poderia ser de outra forma, por ela, por mim, por nós.»

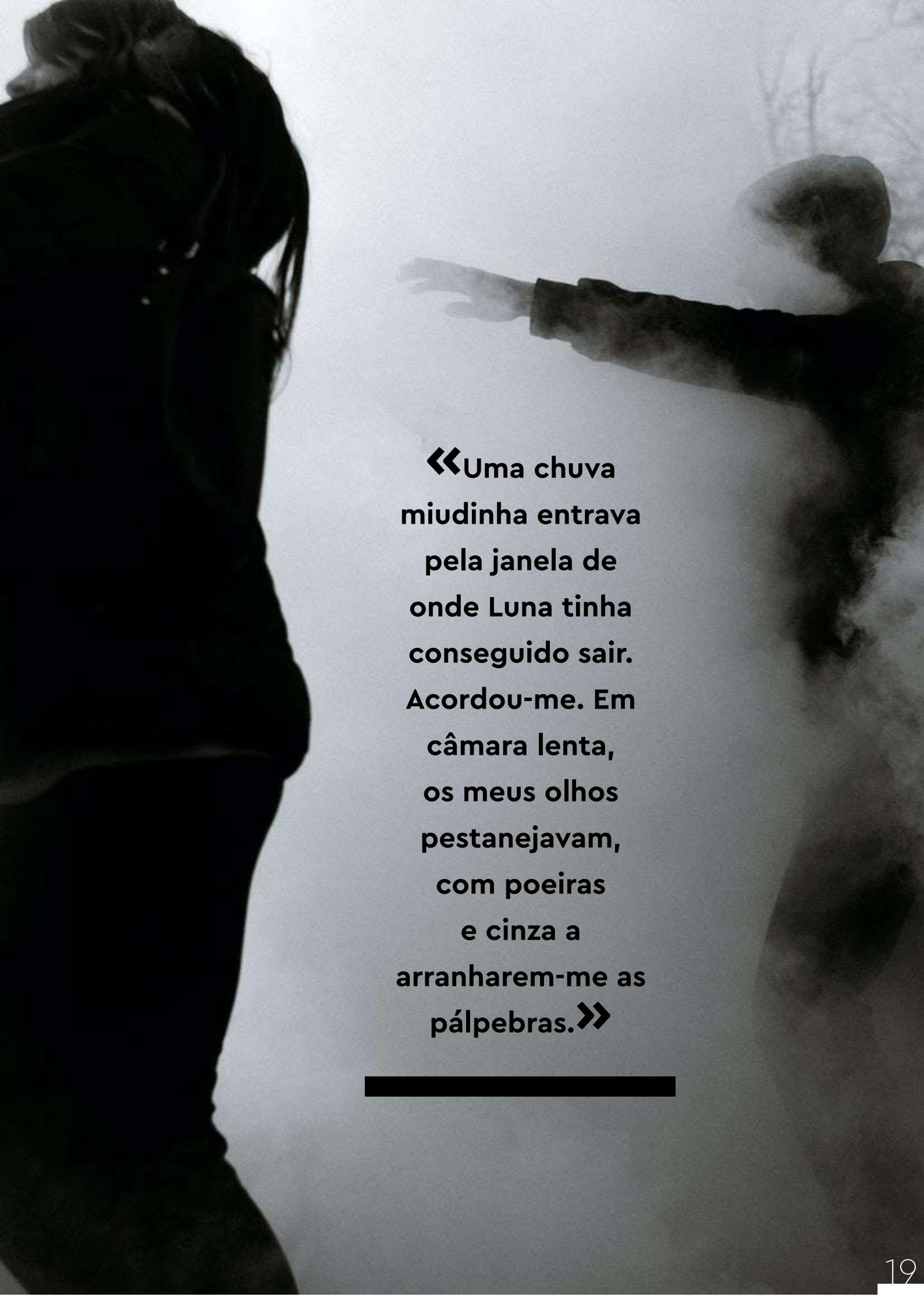
» à minha frente e que nunca conseguiria pintar em tela, escrever no papel, ou contá-lo a alguém, ficaria guardado no silêncio da minha tentativa de manter alguma sanidade. Teriam de ser loucos, aqueles contadores de sentimentos em pinceladas certas, ao desafiarem-se a contar a dor. — Atravessa o rio pelos dois. — Li-lhe nos lábios. Aquele último abraço não teve um tempo contável, demorou-se até ele fechar os olhos. Com o relógio no meu pulso, levava comigo todos os minutos vividos pela minha família, ou corria para a vida ou morriam todos comigo. Saí por uma janela trepando pelos escombros e descí a encosta com os pés descalços na terra que queimava a cada passo que dava. Chegada ao rio, lancei-me na água gelada sem hesitar.

«Vultos, luzes intermitentes, sons de fundo opacos e impercetíveis, envolviam-me como um manto que ainda assim não me aquecia.

O meu corpo penava, mas eu não o acompanhava na sua dor. »

Na outra margem, inspirei um ar de cheiro intenso e pesado, olhei para trás e uma das carruagens ardia no cimo da encosta.

Uma chuva miudinha entrava pela janela de onde Luna tinha conseguido sair. Acordou-me. Em câmara lenta, os meus olhos pestanejavam, com poeiras e cinza a arranharem-me as pálpebras. Vultos, luzes intermitentes, sons de fundo opacos e impercetíveis, envolviam-me como um manto que ainda assim não me aquecia. O meu corpo penava, mas eu não o acompanhava na sua dor. De alguma forma estávamos juntos, embora separados num tempo e lugar indefinido e flutuávamos entre o ser e o não saber o que se segue. Tinha a imagem da última vez que vira Luna, como um separador entre momentos de alguma lucidez e os de um sono, longo e apaziguador. A uma distância que parecia indefinida, pessoas perto de mim tocavam-me, seguravam-me e tentavam aquecer-me. Voltei a acordar. Foi-me acontecendo por diversas vezes, sem tomar noção do tempo ou lugar, até me aperceber numa cama, deitado. O meu corpo encontrou-me e doía-me com ele, apesar de não saber onde estavam os pés e as mãos, de não ter fome ou sede e continuar com muito frio. Acordei mais uma vez e reparei numa cruz vermelha num fundo branco. Os sons já se faziam ouvir. Tentei falar com quem se aproximou e me colocou a mão na testa. — Luna, Luna — balbuciei em delírio. Acordei novamente, percebi que colocavam uma cama com rodas junto da minha. Senti a minha mão esquerda, como há muito não sentia. Pulsava e estava quente. Acordou-me. Na cama ao meu lado vi os pés ligados de uma criança. A sua mão abraçava a minha e o seu pulso trazia o meu relógio. Estremeci. — Luna, minha linda Luna!



**«Uma chuva
miudinha entrava
pela janela de
onde Luna tinha
conseguido sair.
Acordou-me. Em
câmara lenta,
os meus olhos
pestanejavam,
com poeiras
e cinza a
arranharem-me as
pálpebras.»»**

ATRÁS DA ROSEIRA

CARLA
CARMONA

A minha raiva irrompe por todas as células, elas gritam por liberdade; os outros deliberaram... Ouço sons, a compreensão é idêntica ao uso de uma língua desconhecida.

— Ouviste o que te disse, João? —
Olho-o, mas não lhe respondo. —
Quero que a afastes de vez.

Ela é uma forasteira, não tem qualquer ligação a nós, é ignorante e vai ficar assim.

— Acalma-te, Vasco!

— Não te metas, Rui, isto não é contigo!

Nívelo a respiração e profiro o antagónico à minha verdade.

— Vou ligar-lhe e pedir que venha ter comigo, não pode ser por telefone, Vasco, terei os documentos prontos, ela assina-os, vendendo-me a parte dela na casa. Termina-se tudo.

Saio da sala para o corredor e alcanço a porta. Percorro a rua, tal marioneta num palco: manipulado, sorrindo para quem comigo se cruza.

Atravesso a minha casa. No quintal sento-me debaixo da macieira junto ao muro. Encostado ao seu tronco,

«... foco-me no que está mais perto: a fruta, as rosas e a terra. Os meus dedos sentem a secura primeiro, a seguir a humidade, até tocar nas raízes e o frenético bater do coração se reduzir.»

e porque consigo cheirar tudo, foco-me no que está mais perto: a fruta, as rosas e a terra. Os meus dedos sentem a secura primeiro, a seguir a humidade, até tocar nas raízes e o frenético bater do coração se reduzir.

A conversa com o Vasco deixou-me drenado. Nos últimos oito meses tem sido assim, é com se ele estivesse obcecado com a ideia de ser o responsável. Um líder deve ouvir os membros da sua comunidade, mas ele anda mouco. Outros impõem-me uma sentença, ele aceita e concorda. O meu irmão e amigo, hoje, ele esqueceu-se disso.

Ouço o Rui a aproximar-se da minha casa.

— Então, meu! Estás bem?

— Achas?!

— Desculpa, meu. Quando te pedi para voltares não era para lixar a tua vida. Sei o quanto a Catarina é importante para ti, o Vasco não tem o direito de te exigir que largues a mulher que amas. Gaita! Não te devia ter pedido para voltares.

— Eu voltei porque quis. Se for honesto, aqui sinto-me bem, tranquilo, feliz quando ela está comigo.

— Tu és um tipo que sempre lutou para conseguir o que quer, leal, pronto para ajudares os teus amigos ou um estranho. Eu sei que a amas, então por que fizeste o teu irmão pensar que vais deixá-la?

— Eu disse ao meu irmão que vou pedir à Catarina para vir passar uns dias comigo. Temos mesmo de falar.

— Sacana, tu estás a planear alguma.

— Nada de planeamento. Precisamos de estar juntos, falar, e tenho de lhe contar a verdade.

— Achas que ela vai aceitar? Sabes que gosto dela, mas a nossa herança genética vai testar tudo. Confias assim tanto no amor dela?

— Sim, confio. Anda, ofereço-te um café.

— Preferia uma cervejinha!

— Nada de álcool, precisamos estar bem para a corrida.

— Sim, sim!

Acabo por apanhar um pequeno coelho, só para o deixar ir, a sua morte é desnecessária, dela não depende a minha sobrevivência, para quê sacrificá-lo? Fico aqui, onde tudo é claro, descomplicado, sem dúvidas ou morais. A natureza tem um lugar e uma razão para tudo. Deito-me sobre o musgo húmido, refresca-me; relaxo, o outro mundo desvanece e a paz instala-se.

Ouço uivos, tenho de ir, esfrego-me com satisfação no tronco e corro de volta.

Sentado numa pedra, alta e lisa, observo a lua e acalmo o ritmo do meu corpo após a corrida. Ela estará cá daqui a dois dias. Penso na minha decisão de lhe contar quem sou. A sua personalidade e a forma de perceber o mundo, como se fosse um tabuleiro de xadrez, faz-me questionar se vai acreditar em mim. O meu tio costumava dizer que o curso da vida tem vontade própria. Nunca odiei tanto essa frase.

Sou o que sou. Tudo fiz para viver sem ser dominado, forçado a determinadas decisões, sem resultado. Cedo decidi não me ligar a uma mulher, achava que não encontraria ninguém capaz de me aceitar e amar na totalidade. Irónico, sendo homem, ter este tipo de ideias. Um dia tropecei na Catarina, no mesmo minuto a minha existência implodiu para se reconstruir, diferente, mas mais forte. Patético eu sei, todavia é isso que sinto. Quero-a para minha parceira, não serão outros a decidir, seremos nós.

A passo de marcha, atravesso a estação até entrar no comboio.

Encontro o meu lugar e encosto a cabeça. A correria da paisagem parece acompanhar o caos do meu pensamento.

Os outros acharam que estávamos a ir muito rápido, mesmo com "boas intenções" minavam, afastamo-nos desses, até do meu pai; estava tão certa. Após a morte do tio, ele teve de regressar à terra. Foi ficando; entre nós instalou-se um distanciamento, desconforto e silêncio. Precisamos falar, decidir, não podemos continuar numa relação sem efectivamente estar. Serei idiota por ter esperança? Talvez.

Com o baloiçar surgem lembranças de felicidade, compartilhadas com o João, acalmam-me e adormeço.

Quando abro os olhos a viagem está a terminar. As portas do comboio abrem-se e sou abraçada pela realidade. ➤

Uns quarenta minutos mais tarde, encontro-me à porta de uma casa, em tempos minha. Experimento o portão, destrancado. "Não estamos mesmo na cidade!", no pequeno alpendre empurro a porta encostada, entro no hall e estanco. Ainda ontem aqui estive... Coloco o casaco e a mala no pequeno canapé encostado à parede e entro na sala à esquerda, vazia. Sigo para a cozinha. Apesar do cheiro de café acabado de fazer, não se vê ninguém. A luz da lua, cheia e brilhante, é suficiente para ver a sua forma. Tem o olhar fixo no céu, tão quieto, estranho e familiar.

«Já perto das roseiras, vejo-as a abanarem e surgem uns olhos enormes, dourados, a olhar para mim. É um animal, aparenta ser grande, talvez um serra-da-estrela. Fico quieta, ele move-se na minha direcção.»

Caminho até ele. A sua atenção está agora em mim, aqueles olhos castanhos, tom dourado, cercam-me de cuidado e carinho.

— Catarina, era suposto chegares amanhã! Mas obrigado por teres vindo, não tinha a certeza se virias.

— Tens razão, temos de falar, decidir o que queremos. Falaste na casa, queres ficar com ela?

— Porquê essa atitude?

— Qual atitude? Agora está claro que queres terminar tudo, não teres qualquer ligação a mim. Vamos despachar a papelada, tenho de voltar para Lisboa.

Sinto a mão dele no meu antebraço.

— Estás a precipitar-te e a tirar conclusões erradas. Passámos de viver juntos a estarmos em geografias diferentes. Oito meses não são oito dias, eu estou inseguro em relação a ti. Sei lá se ainda me amas, se queres continuar a partilhar a tua vida comigo.

— Foste tu que te afastaste.

— Não, fomos os dois. E de nada adianta estarmos a discutir o que fizemos ou deveríamos ter feito. Temos de falar com calma sobre o que queremos, se os nossos sentimentos se mantêm... e eu preciso falar-te sobre a minha família.

— É assim tão grave? Sobre a tua família, quero dizer. O melhor é falarmos já.

— Já é muito tarde, precisas descansar, amanhã teremos tempo para falar sobre tudo.

— Prefiro falar — sou interrompida pelos lábios dele a tocarem os meus —, agora.

— Catarina, o cansaço não vai ajudar à nossa conversa, por favor.

Antes que possa responder, ele diz-me que vou ficar no quarto principal. Tento retorquir, mas ele volta a antecipar-se.

— Eu nunca mais o usei, mas está limpo e com lençóis lavados.

Decido não discutir. Volto a entrar em casa.



No primeiro andar dirijo-me ao quarto e o meu coração afunda-se. Ainda ontem aqui estive... Respiro fundo e resolvo não pensar nos porquês, só me vão magoar. Rapidamente retiro da mala o que preciso, sigo a minha rotina noturna e deito-me.

Apesar do cansaço é-me difícil adormecer. Rever o João, sentir o seu carinho, mas também a sua insegurança exponenciou a minha angústia. E o que se passará com a família dele? O irmão nunca gostou muito de mim, sempre senti animosidade daquela parte. Parecia tão preocupado, quase com receio de referir aquele tema. O corpo está desgastado e dá sinais de querer restaurar-se.

Devo estar a dormir, ouço o que parece um cão a uivar. O som causa-me arrepios, levanto-me e vou até à janela. Junto à macieira e às roseiras parece haver movimento. Apesar da iluminação estelar, nada fica perceptível. Novo uivo, este ainda me soa mais aflitivo, pode ser um cão que ficou preso e está magoado. Visto um casaco de malha e vou até ao quintal. Já perto das roseiras, vejo-as a abanarem e surgem uns olhos enormes, dourados, a olhar para mim. É um animal, aparenta ser grande, talvez um serra-da-estrela. Fico quieta, ele move-se na minha direcção. Percebo que me enganei, não é um cão, mas sim um lobo. Uma pata, depois outra e ele está à minha frente, uns olhos tom dourado. Este olhar cerca-me de cuidado e carinho. Eu conheço estes olhos...

A pedido da Autora, este texto não segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

DESRATIZAÇÃO EM CURSO

CARMO
MARQUES

O funcionário de serviço, naquele fim de tarde, arregaçou as mangas, retirou a chave do gancho onde estava suspensa e dirigiu-se ao auditório com o propósito de confirmar, tal como lhe fora ordenado, se tudo estava preparado para a sessão de poesia, antes da chegada do convidado e do público que o viria ouvir. Abriu a porta e estacou. Algumas dezenas de ratinhos inquietos corriam por todo o espaço, cheirando esmiuçadamente a alcatifa cinzenta sobre a qual deslizavam, confundindo-se com ela. Atónito e aflito, pensou na urgência de se libertar daqueles indesejáveis intrusos, ainda para mais, uns atrevidos que nem se inibiam de lhe farejar os sapatos ou passar-lhes por cima, de um lado para o outro, e até de lhe morder os atacadores. Desatou a bater com os pés no chão, como se fosse um bailarino de flamenco, e pegou numa bengala, esquecida por algum conferencista anterior, do suporte para guarda-chuvas junto à porta. Segurou-a com firmeza pelo castão torneado e começou a desferir golpes em todas as direções, procurando atingir os

«O Gato Esteves, assim se chamava o bichano da Dona Hortênsia, estava deitado sobre o tapete da porta de casa com os olhos semicerrados por uma grande sonolência»

roedores ou, ao menos, assustá-los e forçá-los a fugir dali para fora.

Em vão. Os ratinhos pulavam, davam cambalhotas e soltavam guinchos excitados, enquanto ludibriavam cada uma das bengaladas com que o homem fustigava o ar. — Esperem lá, bichos do diabo. Já vos digo como é! — vociferou, enquanto abandonava o auditório.

Os ratos entreolharam-se com inquietação, tentando adivinhar os possíveis significados implícitos na ameaça. Eles bem sabiam como os humanos podem ser cruéis para com os outros animais, uma crueldade que, aliás, não se coíbem de exercer sobre os da própria espécie. Porém, também confiavam na sua esperteza, pois, como é do conhecimento geral, poucos seres são tão espertos quanto os ratos. Por isso, ainda que mais cautelosos, nenhum deles se dispôs a sair da sala.

Temendo que, nesse ínterim, algum convidado apressado chegasse antes da hora prevista e fosse surpreendido pela infestação de roedores, o funcionário foi buscar um rolo de fita-cola e uma folha de papel. Nela, escreveu com letras bem grandes:

Atenção! Desratização em curso.

e colou o aviso na porta, antes de se afastar. Atravessou a rua e dirigiu-se à casa da Dona Hortênsia, certo de que lá encontraria o gato gordalhufo que todos os dias se pavoneava na zona e, amiúde, tinha mesmo o descaramento de entrar no auditório para tirar um cochilo sobre o assento de uma das cadeiras. Já o expulsara de lá inúmeras vezes, hoje, contudo, ia requisitar os seus préstimos, prometendo-lhe, como recompensa, uma generosa fatia de fiambre a que o glutão, por certo, não conseguiria resistir.

O Gato Esteves, assim se chamava o bichano da Dona Hortênsia, estava deitado sobre o tapete da porta de casa com os olhos semicerrados por uma grande sonolência — uma daquelas que inevitavelmente nos domina após uma opípara refeição. Abriu-os de imediato e sentou-se em alerta, ao ver que o homem se lhe dirigia. Deixou-o falar e foi lambendo uma pata... e depois a outra, enquanto ouvia e refletia sobre a proposta. Bom, caçar ratos era divertimento garantido e quanto ao fiambre, sem dúvida, um bom petisco. No entanto, já jantara... e bem. Só de lembrar o saboroso *patê* de atum, voltava a ficar com água na boca. Passou a língua pelos lábios e bigodes para não deixar pingar saliva no tapete, enquanto continuava a ponderar. Para além disso, a "serigata" da Cremilde, a bichana da vizinha Adelina, estava prestes a passar, como sempre acontecia ao cair da tarde. Serigata, sim! — Os humanos têm a mania de dizer serigaita. Tolice, já se vê! Porque é de uma gata que falamos. E que gata! Como gostava quando ela o fitava, provocadora, com os seus olhos verdes irisados. Não. Nem pensar! Dali não arredaria pata!

— Miau, renhau, nhau, miau, miau — disse o Gato

Esteves, pousando as quatro patas no chão e arqueando o dorso bem alto. — Miau, miau! — concluiu perentório e voltou a enroscar-se no tapete.

Claro que o homem não entendeu que ele miara: "Expulsas-me dos estofos fofos das cadeiras da sala de conferências e agora queres a minha ajuda para afugentar a rataria? Desenrasca-te! Hoje já encerrei o serviço". No entanto, viu que não poderia contar com o felino e precisava de se apressar a encontrar outra solução.

Pensou ligar ao seu superior hierárquico, mas lembrou-se que, à saída, ele lhe dissera não querer ser incomodado por motivo algum, delegando-lhe toda a responsabilidade pelo bom decurso do evento agendado para aquela tarde. Não podia dar parte de fraco.

Regressou ao edifício do auditório, entrou no gabinete da direção, sentou-se à secretária, ligou o computador e aguardou que o ícone a confirmar o acesso à internet se tornasse visível.

De seguida, digitou a palavra "desratização" no teclado, clicou a tecla *enter* e logo no ecrã surgiu uma lista de firmas especializadas nessa função. Escolheu uma ao acaso, telefonou e contratou-lhes os serviços com a máxima urgência. Depois, deixou-se ficar no gabinete confortavelmente refastelado na cadeira do chefe, com as mãos atrás da cabeça e as pernas esticadas sobre o tampo da secretária. Havia que esperar e nenhum lugar era melhor para o fazer. Gostava do aconchego daquele espaço. Um dia, o diretor serei eu, pensou, suspirando autocomplacente.

Enquanto isso, o poeta chegara e, como não encontrasse ninguém no átrio ou no corredor, dirigiu-se ao auditório e entrou, sem reparar no aviso suspenso na porta. Distraído, como, já se sabe, são todos os poetas! Ou melhor, não é bem que sejam distraídos. É só porque as suas cabeças estão sempre ocupadas na busca de metáforas, aliteraões, métricas, assonâncias e rimas para melhor falarem de todas as coisas do mundo. Ficou satisfeito por encontrar a sala vazia: assim poderia ensaiar um pouco antes

que se enchesse de público. Subiu ao estrado, pigarreou para aclarar a voz, fechou os olhos para aclarar a memória e recitou o primeiro poema que selecionara para a sessão. Quando terminou e abriu os olhos, agora habituados à obscuridade da sala, reparou que sobre cada cadeira da primeira fila brilhavam sequências de pequenos pontos luminosos que, por instantes, se moviam e logo voltavam a fixá-lo.

Parecem pirilampos, pensou o poeta sorrindo. Nunca vira uma audiência assim. E já tivera muitas. Algumas reverentes, que o ouviam com respeito e agrado; outras, tão silenciosas quanto as anteriores, contudo, sonolentas e pontuadas por bocejos dissimulados; outras inquietas, de adultos tagarelas que cochichavam todo o tempo, indiferentes ao sentido das palavras, mas que, no final, talvez para compensar a desatenção, aplaudiam com entusiasmo. Também já tivera plateias de meninos mal-educados, entretidos a atirar aviões de papel uns aos outros, a trocar dichotes, ou a fazer jogos à descarada. Uma plateia de pirilampos era algo inédito na sua carreira de poeta, porém, encantador!

Recordou quando era menino, a correr pelos campos, animados ao sol-pôr pelo canto estridente das cigarras; e os vaga-lumes — como na sua aldeia chamavam aos pirilampos — acesos na noite escura. De súbito, dos seus lábios brotaram estrofes que compusera nesses dias longínquos e que a acritude da vida o havia feito esquecer. E de um em um, foi declamando todos os poemas que a fantasia daqueles pontos de luz tinham despertado no seu ser.

O chefe dos exterminadores abriu a porta da sala de conferências com cautela e espreitou para o interior. Na sua retaguarda, toda a

equipa, trajada a rigor para a função e munida de poderosos pulverizadores de veneno letal, aguardava a ordem para atacar. Pareciam um bando de astronautas armados, por detrás do qual, se encolhia o funcionário do auditório que lhes encomendara o serviço. Preferia manter-se a alguma distância, não fossem os malditos ratos roer-lhe os sapatos ou roubar-lhe os atacadores. Nem o vate, nem o seu público deram pela intromissão dos recém-chegados, apesar de a claridade no recinto ter aumentado, após a abertura da porta. Ao deparar-se com o recitante, cuja presença ali todos ignoravam, o chefe dos desratizadores estacou e ergueu a mão direita para suster o avanço dos seus homens. Nunca vira nada assim. Seriam estes os verdadeiros ratos de biblioteca de que ouvia falar?, questionou-se. Sempre lhe haviam dito que a expressão se aplicava às pessoas que passam horas a ler, sem jamais se cansarem de o

«Sobre as cadeiras da primeira fila, os ratinhos alinhados em grupos de dez ou doze escutavam em silêncio. Alguns faziam oscilar as caudas lentamente, em evidente comunhão com os versos solazes que ouviam. »

fazer. Mas... Na verdade, já vira um documentário sobre uma colônia de morcegos, mantida numa biblioteca com o fim de ajudar a preservar os livros, pois estes mamíferos insectívoros caçam as traças que adoram devorar as folhas de papel, com especial apetência pelos fólhos e manuscritos mais antigos e preciosos. Ora, se há morcegos numa biblioteca, será possível que lá vivam também ratos? Abandonou estas cogitações e atentou nas palavras do trovador: falavam de vida, e de amor, e de respeito entre todos os seres da criação.

Sobre as cadeiras da primeira fila, os ratinhos alinhados em grupos de dez ou doze escutavam em silêncio. Alguns faziam oscilar as caudas lentamente, em evidente comunhão com os versos solazes que ouviam. Dos olhos de alguns, escorria mesmo uma lagrimazita que se demorava, por segundos, sobre os pelos do focinho, antes de cair e se perder no estofado da cadeira.

O poeta chegou à linha final da última estância e calou-se. Não houve aplausos, nem esperava que os houvesse. Descerrou as pálpebras e, com a maior luminosidade que reinava agora na sala, notou que a sua audiência de pirilampos, era afinal composta por ratinhos amantes de poesia e compreendeu que o que antes vira na escuridão fora o brilho dos seus olhinhos deslumbrados.

O recital terminara. O chefe do pelotão de desratizadores deu, aos seus perplexos subordinados, ordem para dispersar. Hoje não haveria matança, porque acabara de ouvir uma ode à vida e ao amor pelo outro, em palavras que se haviam aninhado, macias, no ouvido e repercutido em ondas de harmonia aniquiladoras de qualquer ímpeto de ódio.

O poeta desceu do estrado e saiu. Passou pelo grupo de homens-astronautas sem manifestar estranheza. Na verdade, nem deu por eles, pois já uma nova maré de rimas lhe inundava a mente. Enquanto isso, num ápice, os ratinhos saltaram das cadeiras, rumo aos seus esconderijos secretos. Partiram, ninguém viu para onde. Na sala, só a força pacificadora da poesia permaneceu.



SAPATOS DE SALTO ALTO

CLARA
SL

Júlia olha de relance para o relógio. É cedíssimo. Nos últimos tempos, as insónias não lhe dão tréguas. Fecha os olhos, na esperança de que o sono a volte a embalar, mas sem sucesso. Tem horror a ficar na cama às reviravoltas e, por isso, rende-se. Espreguiça-se demoradamente e vai até à janela, já com uma chávena de chá na mão. Deixa-se seduzir pelas estrelas que cintilam no céu e contempla a calma que emana do Tejo. Ainda todos dormem. Todos, menos ela. Ciranda pela casa e repara, por acaso, no livro que, pousado sobre a mesa da sala, a espera há já vários dias. Pega nele e folheia-o. Não tem o hábito de guardar os livros já lidos. "Para quê deixá-los a acumular pó, quando podem andar de mão em mão? Apenas para enaltecer o ego? Apenas para exhibir estantes repletas de lombadas?", costuma dizer aos amigos, em tom provocador. No entanto, o livro que agora tem nas mãos é especial. Lera-o há muitos anos e marcará-a de tal forma que havia prometido a si mesma voltar, um dia, a saboreá-lo.

«Júlia diverte-se a adivinhar a quem pertence cada par de sapatos, enquanto o grupo se mantém imóvel e em silêncio. É então que o seu olhar se detém nuns sapatos pretos de salto alto.»

Relê os primeiros parágrafos, mas a sua inquietude imiscui-se sem pudor, empurrando o significado das palavras para lugares longínquos. Quer entregar-se à história. Porém, mais não vê do que uma imensidão de letras sem sentido. Resignada, abandona-o. — Vou até à praia, caminhar à beira-mar... É disso que estou a precisar — sussurra ao gato que, enroscado ao seu lado, a olha de soslaio sem perceber porque está a dona acordada àquela hora. Não há trânsito. Atravessar a cidade sem filas intermináveis e buzínadelas ensurdecedoras é uma delícia. Ao entrar na Marginal, aumenta o volume do rádio. Que bom é ver o mar! Avança sem pressa, sentindo o vento a entrelaçar-se nos cabelos.

Está um dia lindo. Os primeiros raios de sol surgem no horizonte. Ao chegar à praia, descalça-se e conquista o areal. "Poetisa-me na areia" lê-se num dos muros do paredão. Sorri. "Que doce neologismo", pensa. Caminha à beira-mar, gozando o prazer de uma solidão que, de incómoda, não tem nada.

Avista, ao longe, uns pontinhos minúsculos que ganham forma à medida que se aproxima. Afinal não foi a única a madrugar. Uma série de pessoas, sentadas em posição flor de lótus, estão reunidas em círculo. Meditam. Júlia não resiste à tentação de parar para contemplar as suas expressões e, pouco a pouco, contagiada pela serenidade que delas emana, sente-se liberta dos resquícios da ansiedade deixados pela insónia. Um molho de sapatos atrai a sua atenção. Observa-os durante uns segundos. Os seus fiéis companheiros estão naquele momento ocupados a planar numa dimensão zen.

"Os ténis estilosos são, sem dúvida, daquele morenaço de cortar a respiração!", pensa. "E aquelas sandálias... só podem ser da rapariga que tem uma fita amarela na cabeça. Aposto que nunca sai de casa sem condizer a roupa com o que calça. Os chinelos de praia devem ser da miúda de tranças. Aparenta ser mesmo boa onda. E aqueles outros, que terror!!! Quem poderá querer andar nuns tais horrores?! São certamente da rapariga cujos brincos e anéis brilham sem uma pitada de piedade por quem se senta ao seu lado."

Júlia diverte-se a adivinhar a quem pertence cada par de sapatos, enquanto o grupo se mantém imóvel e em silêncio. É então que o seu olhar se detém nuns sapatos pretos de salto alto. "Que lindos! Adoro! Elegantes e sexy! Tão parecidos com uns que tive quando era mais nova, quando ainda acreditava que a vida iria ser fácil... Mas quem é que vem para a praia com uns sapatos destes?", comenta para si própria. Perscruta o grupo, em busca da potencial dona. "Talvez sejam daquela mulher que tem uma túnica preta. Um bocado convencida, não? Porque está ela a meditar de óculos escuros?..." De repente, cai em si. Sente-se envergonhada e abafa os seus pensamentos. "Como é fácil tecer

mil e uma conjeturas sobre os outros quando nada se sabe sobre eles. Como é fácil julgar apenas pela aparência. Como é fácil comentar pequenos nada que só poderão ganhar sentido quando se conhece o caminho e quem o percorre." Engole em seco.

Sente-se, de novo, inquieta. O aperto no peito está de volta. Não consegue desviar o olhar do par de sapatos de salto alto. Fecha os olhos e, numa tentativa de se redimir dos seus pensamentos irrefletidos, imagina-se a calçar a vida daquela mulher que lhe é, na verdade, uma mera desconhecida. Uma rajada de vento fortíssima apanha-a desprevenida. Os cabelos voam num rebuliço e a areia fustiga-lhe a pele. Assustada, abre os olhos e constata, com espanto, que o dia continua sereno.

O grupo está já a mover-se lentamente, como se estivesse a regressar à vida. Júlia respira fundo e, sem hesitar, volta a calçar, na sua imaginação, os sapatos de salto alto. Assim que entra neles, é sacudida por um novo golpe de vento, este ainda mais violento do que o anterior. Tenta resistir-lhe, mas a areia esbofeteia-a sem piedade, empurra-a, arranca-lhe a pele, rouba-lhe o chão. De repente, o rosto de uma mulher, em lágrimas, surge à sua frente. Ao vê-la, sente no peito uma dor profunda que a impele a libertar-se daqueles sapatos cujos passos não são os seus.

O momento zen já terminara e o grupo havia começado a dispersar. "Nãooooo!!! Onde está a dona dos sapatos de salto alto?" Júlia tem o coração num turbilhão. Não faz ideia do significado do que acabara de acontecer, mas ignorar o sucedido está fora de questão. Um homem de cabelos brancos calça os ténis estilosos e a miúda das tranças enfia-se nos sapatos que antes apelidara de "terrores". "Julgamentos fúteis os meus!"

De repente, vê a mulher da túnica a aproximar-se. Não consegue ler-lhe a expressão, pois ela continua de óculos escuros. A mulher baixa-se e pega nos sapatos pretos de salto alto. "É ela!!! Tenho de lhe falar! Mas... o que hei de dizer? Que uma rajada de vento quase me arrastou pelos mares quando me vi nos sapatos dela? Vai achar que sou louca!"

Júlia hesita. Vê a mulher a afastar-se rumo ao paredão e, inesperadamente, a perder o equilíbrio e a cair. Tudo o que lhe pertence se espalha pela areia e os óculos escuros saltam-lhe do rosto. Sem pensar, Júlia corre ao seu encontro. Ajuda-a a levantar-se e é nesse momento que os olhares de ambas se cruzam. Fixam-se durante breves segundos, sem trocarem uma só palavra. O olhar da desconhecida, envolvido numas olheiras ferozes, atinge Júlia como uma bala. Dele emana uma tristeza profunda, uma desesperança aflitiva que se perde no vazio.

Júlia balbucia umas quantas palavras desajeitadas e, numa calma encenada, comenta:

— Adoro os seus sapatos! Tive uns muito parecidos quando ainda conseguia andar de salto alto.

— Eram da minha irmã... — responde a desconhecida, numa espécie de sussurro.

— São lindíssimos! A sua irmã é certamente uma mulher de bom gosto! Eu sou a Júlia.

Deixe-me ajudá-la a apanhar as suas coisas.

— Obrigada. Eu sou a Sofia...

Segue-se um silêncio. "Por favor, diz qualquer coisa!", pede Júlia em pensamento, mas a sua súplica não é ouvida e, por isso, arrisca-se a dizer:

— E os brincos... também foram um presente da sua irmã? São tão bonitos! Uns corações dentro de umas estrelas... parecem estar envoltos num abraço eterno.

De súbito, os olhos de Sofia enchem-se de lágrimas.

— Desculpe!!! Disse algo que não devia? Sofia não responde.

— Posso oferecer-lhe um café? Ou... um jantar, esta noite?... Não me pergunte como, mas sei que não está bem...

— Tenho de ir. O meu filho está à minha espera.

— Ligue-me... Podemos apenas conversar — insiste Júlia enquanto escreve o seu número de telemóvel num papel.

É, no entanto, interrompida, ainda antes de terminar.

— Júlia!!! És mesmo tu! Que fazes por aqui? "Ohhhh não! Não pode ser! Não agora!", exclama Júlia para si própria, ao ver Guilherme à sua frente. Ela e Guilherme haviam partilhado um táxi há pouco tempo, numa tarde de tempestade. Júlia nunca andava de táxi e ainda menos com desconhecidos, mas, naquele dia, o temporal era tal que ou se enfiava no único táxi livre das redondezas ou se arriscava a ficar sem roupa no meio da rua. Havia estado quase três quartos de hora presa no trânsito com aquele homem, mas o que podia ter sido um inferno, tornara-se afinal num encontro inusitado, recheado de gargalhadas. Desde então, haviam trocado um sem número de mensagens, cada vez mais frequentes, mas ainda não tinha surgido o momento certo para um reencontro.

— Tive uma insónia horrível e vim saborear o amanhecer à beira mar. E tu?

— Eu vim espairar! Já não vinha a esta praia há um montão de anos. Já te disse que não acredito em coincidências, verdade? Por isso... de hoje não passa! Jantamos?

Júlia sente um nó no estômago. Tinha sonhado, vezes sem conta, com aquele momento. Tem a certeza de que todos podem ouvir o batimento descompassado do seu coração e a sua ânsia de gritar "simmmmm", mas sabe que não pode aceitar. Pousa o olhar em Sofia. Ela sorri-lhe... lê-lhe os pensamentos. Júlia retribui o sorriso. Termina de escrever o número do telemóvel e, só então, se decide a quebrar o silêncio:

— Também não acredito em coincidências. Hoje não posso, Guilherme. Estou à espera de uma chamada importante e quero estar em casa.

Sofia aceita o papel que Júlia lhe estende. Guilherme presente não ser aquele o momento certo para perguntas, mas, ainda assim, recusa-se a desistir:



— Ok, então se não vamos jantar, vou roubar-te agora para um passeio pela praia. E nem ouses dizer que não!

Júlia deixa-se levar. Finge estar a ser arrastada à força e Sofia esboça um sorriso cúmplice. As duas mulheres trocam um último olhar. Têm a certeza de que nada voltará a ser como antes.

— Liga-me! — grita Júlia.

Passam já das dez da noite e o telemóvel continua mudo. Júlia anda de um lado para o outro. Revive as estranhas sensações que tivera na praia quando se tinha imaginado a calçar os sapatos de Sofia.

O sino da igreja badala as onze horas. Júlia não se quer deitar, mas o pouco tempo de sono da noite anterior começa a pesar. Recosta-se no sofá e, sem dar por isso, deixa-se adormecer.

Por pouco tempo. O tilintar do telemóvel acorda-a em sobressalto. "Está a tocar!"

— Sim? — responde, sem hesitar.

— Acordei-te? Desculpa...

— Sofia, és tu! Que bom que ligaste!

— Júlia?... Não consigo respirar. A minha irmã

morreu há um mês e eu não consigo respirar!

Júlia fica sem palavras. "Nunca mais ouses falar dos outros sem conheceres o emaranhado de fios que enlaça a teia das suas vidas! Nunca mais!", grita para si mesma. Do outro lado, Sofia respira sofregamente.

— Queres que vá ter contigo? — pergunta Júlia, aflita.

Não obtém resposta...

— Sofia!!! Estás aí?

— Ela não vai voltar e os sapatos de salto alto ficavam-lhe muito melhor a ela do que a mim...

Não consigo respirar, Júlia...

— Calma, Sofia... calma... respira devagarinho. Eu tenho a noite toda só para ti.

— Não tenho forças para falar...

— Nem precisas! Basta ouvires a minha voz.

Júlia pega no livro da sua juventude. Aquele que, um dia, a enchera de encantamento. Abre-o na primeira página e começa a ler em voz alta, numa cadência pausada e harmoniosa. Ouve a respiração de Sofia a aquietar-se e continua... continua pela noite dentro, continua até de madrugada, segura de que o elo que acabara de nascer naquela noite as iria unir por muito, muito tempo.

UMA JOANINHA PRESA ENTRE DOIS DEDOS

CLÁUDIA
PASSARINHO

Abandonou os pensamentos quando o zumbido da chaleira vincou a existência do tempo. Deitou a água fervida sobre as raízes, onde cedo ganhou uma tonalidade amarelada. Foi incapaz de deixar que a lareira perdesse vigor e, para que não morresse, alimentou-a com dois toros espessos. Um deles rodou até aos seus pés, como se fugisse da própria natureza. Voltou a pegar nele. Um tronco de madeira não poderia ter medo de se queimar. Para além disso, o crepitar e as labaredas que o fogo produz acalmavam-lhe o espírito. Demorou a atenção na porta de entrada. Procurou imaginar o som da campainha, porque há anos que não a ouvia tocar. Focou-se nas vozes animadas que enchiam as ruas e, em simultâneo, apertou o casaco de lã contra o peito, mantendo-o preso com os antebraços. O sol rastejou pelo parapeito, invadindo a assoalhada e criando um rio de luz que lhe iluminou os pés. Derreteu uma colher de mel dentro da chávena de chá, porque

«A morte encerra um processo de extermínio do apego. Funciona como uma rede de pesca que identifica emoções de dor e desesperança, expulsa fragmentos da alma e depois caça-os como se fossem indefesos cardumes.»

nunca gostara de chá amargo. Era a melhor decisão. Ajudaria a escorregar o líquido na garganta. Sentou-se de frente para a janela. Pelo caixilho de madeira, gretado pelo tempo, entrava uma brisa que lhe abanava uma mecha do cabelo ruivo. Pousou a chávena no parapeito de mármore. Viu-se muito direita, contra as costas da cadeira, como era hábito sempre que a conversa era séria, antes de abrir um livro e de se dirigir ao reflexo que a mirava. Começou. «Os besouros zumbiam à minha volta quando toquei na terra e prendi com dois dedos uma joaninha que me queria fugir. Nunca imaginara que naquele lugar ermo me sentisse em paz. Não tive coragem

de esgravatar a terra. Apenas transportei a joaninha para a margarida mais próxima. Já não tenho idade para estas coisas, pensei. Mas aqui no norte, enquanto o frio congela sentimentos, há uma irmandade nos corpos que se cruzam. Toda a vida fugimos dos outros. Toda a vida fugimos de nós. Toda a vida fugimos das carícias das crianças, da proximidade dos homens, da sensibilidade das mulheres. Ironicamente, misturamo-nos com os fôlegos que a natureza produz. Porque a solidão é um caminho sem regresso.»

Fechou o livro. Sentou-o ao colo. Se fosse o filho, que nunca teve, estaria a passar-lhe a mão sobre as costas ou a abraçá-lo, murmurando uma qualquer cantiga infantil.

Ao defrontar a sua aparência, deixou a visão saltar de entre as bochechas pintalgadas e rosadas, para o olhar diamante. Despediram-se com um sorriso magro, o mesmo que há anos partilhavam no reflexo do vidro da janela. Cada uma delas absorvida na aparência da invisibilidade. Havia, porém, uma essência que resplandecia dos raios de sol teimosos em visitá-la e que dava vida ao seu reflexo. Hoje, (em particular hoje), mostrava-se morna, no último entardecer de verão.

Bebeu o chá sem dramatismos. Seria suposto ter um aroma forte, a mofo, mas não lhe soube a

nada. Teria sido melhor ter-lhe colocado mais mel. Os tragos compulsivos que deu humedeceram-lhe a vista, tornando-a incapaz de identificar as almas que passavam do outro lado da janela. Os outros circulavam num corupio, absortos à oculta, de tão comum que se tinha tornado.

Sessenta minutos depois caiu ao chão. O cabelo emaranhou-se-lhe contra o rosto, retorcia-se entre as tábuas do soalho. Acompanhava o corpo. Por dentro, fervia-lhe o sangue. Borbulhava toxicidade, fazendo-a saltar como marioneta desengonçada. Marioneta nas mãos de uma decisão sem antídoto. A roupa, rasgou-a, enquanto emitia sons guturais. Quando deixou de querer possuir sentimentos dolorosos, de cumprir com o abandono da alma, disponibilizou-se à entrega.

A morte encerra um processo de extermínio do apego. Funciona como uma rede de pesca que identifica emoções de dor e desesperança, expulsa fragmentos da alma e depois caça-os como se fossem indefesos cardumes. A princípio, ainda procurou, contra o seu reflexo, libertar histórias e parágrafos inteiros, ideias, desejos e conceitos. Mas era tarde demais. Já os sentimentos se tinham fragmentado. No fim, a luz apareceu. E antes de entrar no túnel, surgiu-lhe uma breve pergunta «Deus, porque nunca fui amada pelos outros?»



NA TUA PELE

DIANA
MARTINS

Imagina que tudo o que tens desaparece, que farias?

Sentada no asfalto, observo os ténis, a linha da costura pendurada, a sola escassa.

O sol está a pôr-se, a brisa já se faz sentir, arrepia-me a pele. Facas espetam-se no estômago. O que anseio por uma sopa quente que o acalme!

Olho em redor, cada um segue na sua vida, ninguém me olha.

Mas lá me encontram, sentada no passeio junto à "Estação de Campanhã".

De mochila às costas, com poucos pertences, documentos, roupas e pouco mais, foi tudo o que quedou.

Estendo o saco-cama no chão, coloco a mochila onde apoiarei a minha cabeça.

Descalço os ténis, escondo-os junto à parede deste meu canto de rua. Enfio-me dentro do saco-cama, escondo o rosto, as lágrimas encharcam-me os olhos. Tenho receio da noite, dos perigos a que me exponho.

Os carros passam na rua com rapidez, pessoas dão gargalhadas lá no fundo, alguns gritam, o mais exíguo ruído acelera-me o coração.

Tento abstrair-me, ignorar que o saco-cama não repele o gelo que emana do solo, imaginar que existem quatro



paredes à minha volta e um colchão confortável a amparar-me as costas.

Os músculos do corpo começam a latejar, não consigo arranjar uma posição confortável.

Em estado de alerta, sou vencida pelo cansaço e acabo

por adormecer. Dormi cerca de três horas, já é dia de novo. Olho o relógio, oito da manhã. Num dia normal estaria a pé, com o rosto lavado e estômago preenchido. Pronta para mais um dia de trabalho.

E agora? Que fariam no meu lugar? Não pensei nas coisas mais básicas. O simples lavar de rosto pela manhã. Que farei às minhas coisas quando não estiver? Com certeza ninguém as levará, quem quereria os pertences de uma sem-abrigo? Pego na carteira com os documentos e caminho. Sem destino, sem saber o que fazer.

Terei que arranjar um emprego, sem isso, reerguer-me é impossível. "Precisa-se empregada", vejo o anúncio na montra do café da esquina. Talvez pudesse servir às mesas, fazer umas sandes, tirar uns cafés. Não é difícil.

Entro, dirijo-me ao balcão. "Não queremos aqui mendigos, nem empregados malcheirosos. Põe-te a andar", foi o que ouvi. As lágrimas teimam em cair pelo meu rosto. Não poderei deixar que me tratem assim, mas têm razão. Quem me vai contratar, com esta roupa gasta e suja?

Voltei ao meu canto de rua, recolhi todas as minhas roupas e só parei na primeira lavandaria self-service que encontrei. Hoje brotam pela cidade, há uns anos não seria tão simples encontrar uma.

Nos bolsos não resta muito dinheiro, mas com uns poucos trocos consigo lavar e secar toda a roupa. Com mochila a brotar de cheiro a alfazema, volto ao meu caminho.

Entro num café, peço para usar a casa-de-banho. Exigem que consuma, naturalmente. Não sei como poderei ter pensado o contrário. Poderia comprar uma água, mas prefiro sair.

Conto os trocos, um euro e cinquenta e três cêntimos, é o que me resta. Aqui a água custaria entre os setenta e oitenta cêntimos.

Contas que há uns dias não precisaria de fazer, facilmente gastaria cem euros em bens desnecessários.

Entro no supermercado, olho para o preço da água, vinte e dois cêntimos, uma água de litro e meio. Aguento uns dias, foi o pensei. De estômago vazio é difícil resistir a tanta oferta alimentar. Aproveito para utilizar a casa-de-banho. Amasso

um pouco de papel de secar as mãos, passo por água e sabonete líquido, serve para me limpar e vestir uma roupa limpa.

Volto para o meu canto de rua, o resto dos meus poucos pertences estão intactos.

Hoje terei que comer, o meu corpo começa a falecer. Ouvi falar numa organização que distribui comida aos mais necessitados, nos Aliados.

Estou a cerca de uma hora de distância a pé. Mas a distância não me demove, preciso de sustento. Vislumbro ao longe uma enorme fila. Não me sinto tão sozinha nesta luta.

Meia hora depois, finalmente, sobra uma tijela de sopa que me entregam. Recolho uma colher e sento-me no passeio. A tijela queima-me a mão, mas a sensação de calor é reconfortante.

Após a primeira colherada não consigo parar, o sabor doce da cenoura põe-me as papilas gustativas a saltitar. Vejo uma menina de vestido cor-de-rosa vir na minha direção. Oferece-me um saco com um pão de forma e algumas conservas. A generosidade desta pequena criatura comove-me. Agradeço, lança-me um sorriso.

Volto ao meu canto de rua. Não consigo acreditar no que vejo, ou melhor o que não vejo! A minha "casa" desapareceu. Quem teria interesse no meu saco-cama? Na minha mochila de roupas velhas? O meu mundo desaba novamente.

Como irei dormir esta noite, com que agasalho? Com a roupa que trago no corpo e saco de plástico na mão, deixo-me cair no cimento. A sensação de perda voltara. Já perdi tanto, terei que perder o quê mais?

A tristeza volta a atacar o meu peito. Derrotada pelas circunstâncias, o desespero invade o meu olhar. De tanta lágrima derramar acabo por fechar os olhos. Aninhada, agarrada ao saco de plástico com o meu alimento dos próximos dias, ali jaz o meu corpo adormecido. Um pedaço de carne despojado num canto de rua, que não interessa a ninguém.

Num sobressalto abro os olhos, a claridade cega-me. Quatro paredes circundam-me. Sinto o cobertor em cima do corpo. O cheiro a sabão natural do lençol que me cobre e da almofada que me ampara. A pele quente e confortada. Estou em casa, tudo não passou de um pesadelo.

NO PAÍS DOS SONHOS

JOSÉ
MENDES

○ Xénon 2020 partira de Rio das Pérolas, no Sudoeste Asiático, há mais de quatro horas. Faltavam seis para a sua chegada à Ilha dos Maoris do Norte. Sem turbulência é possível a entrada em funcionamento de soluções revolucionárias: o aumento da envergadura de asas — manufacturadas com recurso a penas de alumínio e grafeno, usando os princípios e as técnicas complexas de pássaros em voo — em mais de cinquenta por cento. Os engenheiros da "Cruzeiroflot", a nova construtora aeronáutica, conseguiram instalar, em toda a superfície de asas dos aviões, poderosíssimos painéis solares de uma geração que ainda não chegou a outras companhias. A isto junta-se a não menos inovadora possibilidade de planar sem o recurso dos motores, reduzindo em muito os gastos de combustível em viagens de longo ou muito longo curso a que estes aviões foram destinados. Devido à grande procura da novidade, a reserva de lugares dos voos teve de ser feita com uma antecedência de vários meses.

Dentro do avião, a ocupar a maior parte das costas de cada banco, pode ver-se um ecrã táctil, grande e de fácil manuseio, que resguarda um poderosíssimo computador para acesso online a todos os lugares das cidades e países para onde estamos a viajar ou que já deixámos para trás. Basta que lhe forneçamos um número de

«Quarenta e cinco dias e vários milhares de quilómetros depois, regressam a Noa Puma. A cidade já não é a mesma. Nos últimos dias a intolerância e extremismo de um desequilibrado, vindo do exterior, pôs fim à pacatez do país, com recurso a engenhos explosivos que matam e destroem. »

identificação criado para o efeito, sucedendo-lhe de uma série de pedidos e acções. É possível, ainda, seguir pessoas ou instalações ao pormenor. Uma outra característica inédita da aeronave são as grandes superfícies do chão, do tecto e das paredes envidraçadas. Durante as viagens, quem não optar por ver, atenta ou distraidamente, um filme, ou ouvir música, pode observar estrelas que às vezes se atiram do céu, se for de noite ou, mais improvavelmente, seguir o rasto esbranquiçado de algum avião que viaje mais abaixo, se for de dia. Torna-se também motivo de distração e curiosidade poder apreciar, através dessas superfícies vidradas, o trabalho dos *flaps* e o movimento automático das asas da aeronave, numa permanente adaptação às condições da turbulência. Numa das filas de bancos da frente viaja um casal de reformados, que vem do Arquipélago dos Albatrozes. João e Maria vão visitar o filho mais velho, a nora e duas netas de dez e onze anos. Já não os vêem desde a última visita que eles lhes fizeram, há mais de dois anos, à, agora, sua pequena Ilha dos Perfumes, firmemente ancorada no meio do Atlântico, a Noroeste do arquipélago dos Albatrozes, entre as ilhas Quarta e S. Nicolau. Foi para lá que o casal se mudou, após longos anos de uma vida activa a fazer despertar meninos e meninas para o gosto das Ciências da Natureza um, e para o gosto pelas Artes Visuais, o outro. Visitaram-na um dia e apaixonaram-se pela sua pacatez e estilo de vida simples dos seus habitantes, quase auto-suficientes. A beleza natural também foi decisiva para a mudança. Era o que os seus corpos e mentes pediam para poder recuperar do stress inevitavelmente acumulado nas viagens diárias de automóvel em pára-arranca, entre Reluz e a Capital onde haviam vivido tantos anos. Era lá, na pequena ilha, que desejavam passar o resto dos seus dias, percorrendo carreiros ladeados de faias e loureiros perfumados. Enquanto Maria dormita com a cabeça abandonada no ombro de João, este puxa para mais perto de si o ecrã táctil que lhe estava destinado e começa a explorar as suas potencialidades. Accionando a pequena

lupa de pesquisa, introduz a localidade que pretende conhecer: Noa Puma. Aparecem as fotos dos principais monumentos e sítios da cidade: a biblioteca, o *ding dong*, o centro de congressos, a ponte *Te Rewa Rewa*, o museu de arte, o monte *Taranakiri*, ainda com neve nas partes mais altas.

— Olha Maria, temos produtos alimentares da nossa terra em Noa Puma. Aparece aqui a Loja dos Albatrozes. Vou ver o que tem... Conservas, bacalhau, vinho do Porto e da Madeira. Havemos de lá passar quando chegarmos.

Maria acena com a cabeça, sorri brevemente e volta a dormir.

— Olha, tem também a escola primária dos Passarinhos: é a da Joana e da Isabel — continua João. — Vamos espreitar. Pedem-me um número de identificação. Acho que o nosso filho me enviou vários, por *e-mail*, antes do embarque.

Na altura não percebi bem para que serviam. Devo tê-los na carteira dos documentos.

Encontra o número da Joana e insere-o, satisfazendo o pedido que lhe é feito pela máquina. O acesso à ficha pessoal, é rápido: nome completo, data de nascimento, entrada e saída e a sua Professora: Mrs. Aristide.

João escolhe ver online, seguido de *enter*.

Vê-se a entrada da sala. Com o calçado num monte. Quase todos são chinelos de meter o dedo, porque é primavera e o tempo é ameno o ano inteiro. Destoa um par de sapatos de salto médio. São da professora, decerto. Na escola pratica-se a educação pelo exemplo.

Aparece nas regras da escola: todos os alunos e professores têm a obrigatoriedade de retirar os sapatos e deixá-los à entrada para não sujar as salas.

Outra regra: no final da aula, cada aluno coloca a sua cadeira em cima da mesa com o assento virado para baixo. Só então entrará ao serviço a única empregada da escola para limpar as quatro salas. No dia seguinte, cabe ao aluno voltar a colocar a sua cadeira no chão, para nela se sentar. Regra seguinte: Cada aluno mais velho tem a função de tutorar um mais novo, ajudando-o em pequenas coisas que não consiga fazer sozinho. É uma componente da disciplina de cidadania. João vai continuando a pesquisa: >

Empregado da escola, *enter*. Mr. Smith é o único em horário lectivo completo. É uma espécie de faz-tudo: desde tratar do jardim, dar um retoque numa parede que se sujou, fazer o curativo no joelho de um menino que se feriu, tratar da horta biológica e colher os legumes para a cozinha. Faz ainda de árbitro no jogo de futebol de meninos e meninas com Mrs. Aristide à baliza. Vista online da escola, *enter*. Vão almoçar. Regra associada: todos os alunos, qualquer que seja o seu extracto sócio económico, almoçam na cantina escolar. As refeições são equilibradas e não é permitido levar a refeição de casa. Pretende-se evitar o choque de classes refletido na qualidade e preço dos alimentos, bem como evitar o consumo de *fastfood* para reduzir a alta taxa de obesidade que o país tem no momento, em todas as faixas etárias, com a consequente sobrecarga nos recursos humanos e monetários dos serviços de saúde. São 17 horas locais. Hora de saída da escola. Controle de tráfego. Regra associada: dois alunos do último ano são escalados diariamente para a orientação do trânsito na movimentada estrada que passa junto à escola: devem deslocar-se a uma arrecadação onde é guardada uma estrutura metálica com um grande sinal de *stop*. Deve ser transportada para junto da passadeira onde os alunos vão atravessar e fixada no poste de iluminação. A estrutura é orientada para os automóveis e o sinal de *stop* obriga-os a parar. Quando todos os alunos tiverem passado é retirada e colocada de novo na arrecadação da escola. Este procedimento é feito a horas certas e sempre com a supervisão atenta de um agente da autoridade e de um professor, preferencialmente o Director. Pretende-se a sensibilização para comportamentos correctos enquanto peões e futuros condutores. Outra regra: por decisão tomada em reunião,

compete a um pai, ou a uma mãe, em cada dia e à vez, fazer o acompanhamento dos alunos que se deslocam em fila indiana, sendo sucessivamente entregues em suas casas, até ao último.

As seis horas que faltavam para alcançar a Ilha dos Maoris do Norte passaram depressa. Antes da aterragem, ouve-se a voz grave e solene do comandante a anunciar, com orgulho, que obtivera uma redução de tempo de voo de quinze minutos, devido às condições atmosféricas favoráveis, com pouca turbulência. Não é uma redução significativa para uma viagem tão longa, mas o mais importante é o número de litros de combustível que se poupam. O casal teve tempo para acompanhar online todo o dia escolar de suas netas. Após a aterragem na Ilha Maoris do Norte terão de fazer uma curta viagem a pé, através de uma rua pedonal, que os levará até à entrada de outro aeroporto mais pequeno, usado para voos domésticos. Tais aeroportos funcionam como um simples terminal rodoviário: não há alfândegas nem outros procedimentos burocráticos, o cartão de embarque é validado como se de um mero bilhete de metro se tratasse. As malas são encaminhadas para uma sala que dá directamente para a rua e ficam a girar na plataforma rolante até que o dono as levante. Toda a família lá os espera, para um longo abraço: — Que crescidas! Que bonitas! Três gerações reunidas em Noa Puma, prontas e ansiosas por percorrer o país com um dos maiores índices de desenvolvimento humano do mundo. Quase não se vê polícia na rua e ninguém deita lixo para o chão. Para sua deslocação, é-lhes destinado um irrepreensível *Datsun coupé* de 1974, amarelo com tecto preto. Os seus sucessivos proprietários mantêm-no, graças a benefícios fiscais do Estado, concedidos para aumentar o tempo de vida útil



Ilustração de Belz

de todos os automóveis, poupando recursos e protegendo o meio ambiente. Por isso lhe chamam o país dos clássicos.

Quarenta e cinco dias e vários milhares de quilómetros depois, regressam a Noa Puma. A cidade já não é a mesma. Nos últimos dias a intolerância e extremismo de um desequilibrado, vindo do exterior, pôs fim à pacatez do país, com recurso a engenhos explosivos que matam e destroem. Vê-se mais polícia na cidade; os aeroportos para voos domésticos já não têm as portas abertas para a rua; os meninos já não podem assegurar a sua própria segurança no atravessamento das ruas; os pais já não podem, à vez, acompanhar os seus filhos no trajecto casa-escola, escola-casa sem a presença de um

agente da autoridade fortemente armado; no recreio, já não se corre com entusiasmo atrás de uma bola, para marcar um golo na baliza de Mrs Aristide. A preocupação, agora, é estar-se atento a movimentos suspeitos por parte de pessoas que não se conhece. Está instalado o medo. João e Maria vão regressar à sua Ilha do Perfume, no Arquipélago dos Albatrozes. Fazem-no com o coração mais pequenino, conquanto, anteriormente, lhes tivessem dado motivos para que ficassem com um, eternamente, grande.

A pedido da Autor, este texto não segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

ESTAVA MORTA, CHEIA DE VIDA

MARIA
CELESTE PEREIRA

Trago-vos um conto em que pensar. Uma contenda familiar onde há inocentes, juízes e réus.

Era o início da vida a dois, a festa de casamento. A noiva era uma morena sorridente, exultante e muito simples. Usava um vestido branco com margaridas no decote. O noivo era um magricela de cabelo negro e comprido, sempre desgrenhado, por ser difícil pentear. Garboso, trajava um fato preto com abas de grilo e ostentava um laço cinzento igual ao colete.

Os dois tinham emprego e a vida sorria-lhes. Chegara a hora de constituir família. O primogénito foi Ricardo, que seria também o primeiro neto. Com cinco anos de diferença nasceu a Magda. As avós eram modernas, vaidosas, remoçadas e sentiam-se abençoadas com o casal de netos. Estavam prontas para ajudar no que fosse preciso. Para as crianças era o tempo de brincar e de fazer traquinices, de usar a doçura e abusar das vontades e mimos das avós, com quem ficavam quando os pais saíam, ou estavam doentes. Magda tinha já sete anos e o irmão

«As avós eram modernas, vaidosas, remoçadas e sentiam-se abençoadas com o casal de netos. Estavam prontas para ajudar no que fosse preciso.»

doze. Eram duas crianças regadas com amor, tais como as flores em botão, e não podiam imaginar o que o futuro lhes estava a urdir.

A vida do casal corria veloz, sem terem tempo de se olhar e dialogar. O emprego, cuidar dos filhos e a gestão da casa ocupava-os. Era o início dos blogues. À noite, como a conversa era escassa, ambos seguiam um deles. Blogue escrito por uma senhora que ensinava como era fácil viver em harmonia e gerir o tempo, entre muitas palavras bem alinhadas. Muito aliciante para quem tinha problemas. Em pouco tempo, o amor, a partilha e o respeito ruíram como bolas de sabão. O casamento, suspenso numa corda bamba, perdeu o equilíbrio e desandou. O silêncio entre os dois e as discussões constantes era um forte indício para a derrocada do casamento.

Uma manhã, o homem que havia escolhido para marido e pai dos seus filhos, disse-lhe de supetão, que ia sair da vida

dela. A mãe dos meninos ficou desolada, sem perceber a causa daquela atitude e das guerras quase diárias, nos últimos anos.

— O que se passa nas nossas vidas? — perguntava.

— Sei que preciso de tempo. Já não sinto a paixão e a serenidade dos primeiros anos de casamento, quando estamos juntos — era o que ele respondia.

— E os nossos filhos?

— Estaremos separados, mas dos nossos filhos nunca. Serei sempre o pai e tu serás a mãe. E assim se deu a separação. Ficou, entre os dois, decidido que os meninos ficariam com a mãe, com visitas regulares ao pai e divisão de despesas. Logo que este pudesse, a guarda dos filhos seria partilhada. Mas ele nada cumpriu e, depois do divórcio, não apareceu durante um ano e meio. Nesse interregno, ela foi ajudada pelas avós, tentando fazer o papel dos dois, mas Ricardo e Magda estavam carentes do pai... até que um dia a Magda:

— Mãe, mãe, o pai quer vir buscar-nos. Vamos ter um mano! — a mãe, como era uma pessoa bem formada e os amava, não se opôs.

Começaram a ir para a casa da nova família, em fins de semana alternados. O Ricardo, quando voltava, era insolente para a mãe, recusava ir a casa da avó materna e nem queria conviver com os tios. A Magda continuava a ser uma menina carinhosa, mas calada. Passaram-se alguns meses nessa rotina. O Ricardo fez-se irreconhecível, com treze anos não parecia o mesmo e, para a mãe, dizia:

— Tu não vales nada, já não preciso de ti. Eu tenho uma nova mãe, que cuida de mim.

Chegada a época natalícia, combinaram passar a véspera de Natal com a nova família. O almoço de Natal seria, como era habitual, na casa da família materna. Na árvore de Natal brilhavam bolas coloridas, libras e miniaturas de chocolate, alusivas à data. O chão não se via, tantas eram as prendas para os meninos.

— Filha, estão atrasados com os miúdos — observava a avó.

— Temos de ter paciência, mãe — tentava acalmar a família.

Poucos minutos depois, o telefone toca:

— Os meninos não querem passar o dia de Natal convosco. Ficam cá — e o pai desliga o telefone sem uma desculpa, uma explicação. Foi o pior Natal das suas vidas. Natal sem os filhos e netos? Ficaram em pânico, a lamentar o sucedido. Uma mágoa difícil de ultrapassar. Mas o pior estava para vir.

Não houve Natal nem Ano Novo. Na casa do pai, nunca mais atenderam o telefone. De tudo tentaram, para o contactar, mas sem êxito. No primeiro dia de aulas, a mãe, desolada e decidida, foi buscar o Ricardo à escola. Quando chegou, já o pai e a madrasta estavam a entrar no carro, levando-lhe o filho. Puseram-se em fuga, sem palavras nem explicações. Entretanto, a avó materna foi a outra escola buscar a Magda que, amorosamente, veio para a casa da mãe. Nas férias de Páscoa que se seguiram, a Magda foi convidada a passar uns dias na casa do pai e da sua família. Magda estava entusiasmada por ver os irmãos. Despediu-se da mãe com beijos e abraços e seguiu com o pai. Deixou um recado colado no frigorífico da avó:

— Adoro-te, avó. Obrigada pela notinha que me deste para comprar gelados.

Durante as férias toda a família paterna ficou incontactável. Ninguém atendeu as várias chamadas da mãe, ninguém telefonou. No domingo de Páscoa, esperava-se pela Magda quando, finalmente, chegaram notícias:

— A Magda quer viver connosco. Os dois não te querem ver, nunca mais.

Telegrama falado, bala fulminante no coração de mãe. Deixou de gostar de tudo e de todos. O sono abandonou-a e a depressão assolou a mulher e mãe, órfã dos dois filhos. Tinha dificuldade em aceitar tamanho infortúnio. Estava morta, mas cheia de vida. Não podia acreditar. A vida sem os filhos não tinha mais sentido.

O trabalho foi o refúgio do desalento.

Entretanto, fez todas as diligências para recuperar o seu maior bem, mas sem êxito.

Quando queria ver os filhos era enxotada como uma pessoa de mau carácter. Para sossegar o espírito amarfanhado ia espreitar à porta da escola, para os ver, com os olhos embaciados, >

«Depois de muitas sentenças e tentativas no tribunal, aquela mãe não conseguiu provar a manipulação, o apagar das memórias das crianças. Seriam gente crescida com a lacuna dos afetos, dos valores, e da convivência com a mãe.»

» sulcados de lágrimas. Enviava-lhes prendas, que comprava muitas vezes, cujos sacos pendurava na porta onde viviam. Nunca obteve resposta, não sabendo se os recebiam ou não. Foi uma saga constante, uma luta sem tréguas. A justiça não atuou, nunca se fez, os juízes, as assistentes sociais e os advogados foram ineficazes. Inquirido no tribunal o rapaz:

— Não quero viver com a minha mãe.

E assim decidiam tudo "a bem da criança". Depois de muitas sentenças e tentativas no tribunal, aquela mãe não conseguiu provar a manipulação, o apagar das memórias das crianças. Seriam gente crescida com a lacuna dos afetos, dos valores, e da convivência com a mãe. A vida continuava com a esperança de um dia juntar a si os pedaços do seu ser, o que tardava. Vivia numa pitoresca rua, no bairro de Benfica, em Lisboa e, uma tarde ao chegar a casa, reparou num grupo plantado à sua porta. Quando se aproximou viu que se tratava do Ricardo e da Magda e todo o restante rancho. Estariam ali por acaso ou o que se passaria? Nem em sonhos adivinhava o motivo daquela reunião.

Ao chegar à porta, cumprimenta:

— Boa tarde — e a madrastra dirige-se-lhe com a Magda pelo braço:

— A Magda está muito rebelde, incompatibilizou-se connosco, e quer viver consigo.

— Claro! — disse, quase sem fôlego.

O coração batia forte, não cabia no peito de exultação. Abraçou a filha, ria e chorava. O Ricardo deu-lhe um beijo mudo, e foi para perto do pai.

Via-se um choro lavado.

No místico e belo olhar, naquele rosto estampado

O riso estava a chorar.

Magda trazia na mão um saco de plástico, com algumas roupas... Em plena época de aulas, não trazia livros. Tinha então catorze anos.

Hoje é uma adolescente de dezoito anos. É simpática e morena como a mãe. Tem gosto próprio, que tem mudado à medida que a idade cresce com ela. Gostou de andar de skate, bicicleta e recentemente começou a tirar a carta de condução. Tem mágoas e traumas que tenta debelar aos poucos. Compensa com atitude proativa, a ausência na casa e a perda naqueles anos do amor da mãe. Frequenta o primeiro ano da faculdade na área de Psicologia e adora o curso que escolheu. Tem a firme esperança de, através dele, obter ajuda para compreender a maneira de agir de algumas pessoas em relação aos outros, quando é suposto quererem-se bem. A história desta família ficou coxa, desfeita, de coração amputado, porque houve de permeio outra pessoa. Como pode alguém propagar que é fácil ser feliz, quando esse alguém foi a causadora do padecimento do outro? Como pode uma mãe colaborar na destruição de outra, ferindo-a com lâminas de dois gumes?



«A história desta família ficou coxa, desfeita, de coração amputado, porque houve de permeio, outra pessoa.» »

DOIS CAROÇOS DE MAÇÃ E DUAS CAIXAS VAZIAS

MARISA
ROCHA

Conheci Taiana num banco de jardim. Quando vivia na Avenida de Roma, o tempo sobrava-me e andava grandes distâncias. Em cada passada, ao ritmo que me era mais favorável, ia observando as pessoas a correr para o trabalho e os homens a descarregar material nos cafés e pastelarias. Encantava-me com as senhoras vestidas de forma elegante e com os estudantes de mochilas às costas, acelerados em direção aos autocarros. Ria-me ainda dos piropos impróprios dos trabalhadores das obras. O tráfego era confuso àquelas horas, no entanto, para mim, cada pormenor era uma pincelada colorida na aquarela lisboeta.

Num dia de inverno vestido de sol, sentei-me, como fazia muitas vezes, num dos bancos da Alameda. Havia ali um café na esquina que tocava música caribenha, dengosa, daquela que não deixa ninguém indiferente. A melodia inundava o jardim e o pé teimava em acompanhar o ritmo. Estava embrenhada na revista de decoração "El Mueble", comprada

havia minutos no quiosque ao lado, quando, pelo rabo do olho, vislumbrei uma senhora, talvez tão nova quanto eu, aproximar-se. Apontou para o lugar vago ao meu lado e perguntou se estava livre. Baixei a revista, endireitei-me e convidei-a a sentar-se. Lembro-me ainda, perfeitamente, de como estava vestida: calças de ganga azuis, sapatilhas brancas Jan Smith e polo de mangas compridas num tom rosa claro. À cintura trazia uma pochete preta. Carregava um saco de pano creme. Que teria lá dentro? Diria que estava vestida de uma forma fina, mas prática. Era, mesmo com aquela idade, uma senhora bonita.

«Num dia de inverno vestido de sol, sentei-me, como fazia muitas vezes, num dos bancos da Alameda. Havia ali um café na esquina que tocava música caribenha, dengosa, daquela que não deixa ninguém indiferente.»

— Perdão, estou interrompendo o seu sossego
— comentou.

— Não, não... de forma alguma, é um gosto ter companhia. Vejo que não é daqui, desculpe a curiosidade.

— Que é isso, gente, não tem problema nenhum. Eu sou brasileira, de Brasília. Quando o tempo está bom, amo fazer caminhadas. Às vezes, me perco por aí na descoberta de ruas novas e de outros bairros, no entanto, encontro sempre uma alma gentil que me coloca de novo no caminho certo para casa. Meu nome é Taiana, qual é mesmo o nome da senhora?

— Piedade. Muito prazer! Gosto muito de passear, como a senhora. Ajuda-me a colocar os pensamentos no lugar e a apreciar as coisas boas à nossa volta. Para além de ser saudável, claro!

— Isso! É curioso, me sinto assim também
— acrescenta. Com lábios finos, a sua boca rasgava-se num sorriso simpático e amigável. Os olhos cor de avelã, protegidos por pestanas naturais com um pouco de rímel, brilhavam de contentamento genuíno. Na sua cabeleira castanho escura sobressaíam inúmeros fios de prata que brilhavam ao sol.

Iniciámos assim a nossa prosa. Sem darmos por isso, estivemos à conversa umas três horas, o dia estava convidativo e o diálogo interessante. Quando propus ir ao café buscar alguma coisa para petiscar, retirou duas caixas plásticas do saco de pano que trouxera, uma com bolinhos salgados e a outra com uma sandes cortada ao meio. Aceitei um dos bolinhos. Ao dar a primeira dentada, senti logo uma textura suave e um forte sabor a queijo, que eu adoro! Ainda quis oferecer-me metade da sandes, recusei por educação, mas para regozijo dela, aceitei uma maçã.

Taiana era viúva e tinha a companhia de Júlia, a sua empregada interna. Numa das muitas viagens à Europa, ela e o marido desfrutaram de férias em Portugal a convite de um casal de amigos. Essa estadia fizera com que os dois se enamorassem por este país e pela genuína simpatia das pessoas. Quando o marido faleceu, ela decidira que precisava de mudar de ares, recomeçar algures, e Lisboa parecera-lhe o local certo. Somou o facto de o Brasil estar a tornar-

-se, cada vez mais, um lugar pouco seguro para viver. Escolheu então o apartamento na zona que considerou sossegada e central, junto à Praça de Londres. Sentia-se feliz aqui. Matava as saudades por skype e whatsapp. Quando a solidão se tornava pesada viajava até São Paulo onde residia Rosemary, a sua única filha, e os netos.

A minha nova amiga crescera no interior, numa fazenda, e saiu dali para estudar Design de Interiores em Brasília. Eu, no "mato" africano me tinha criado. Mudei-me depois para Lisboa para ingressar na Universidade, num curso de línguas. Essas experiências, somadas ao facto de, enquanto crianças e adolescentes, termos brincado todo o dia fora de portas, organizado passeios de bicicleta e piqueniques com amigos e vivido em casas ajardinadas com animais de estimação, aproximaram-nos ainda mais. O que dizer das férias grandes? Até as dela eram sempre passadas na praia. Rimo-nos imenso dos episódios dos quais nos fomos recordando ao longo da conversa. As gargalhadas que dávamos quando descobríamos as coisas que em comum tínhamos pareciam de duas garotinhas saídas da primária.

Separámo-nos com a certeza de que nos quereríamos voltar a ver, e trocámos os números de telemóvel. Começámos por sair juntas uma vez por semana para caminhar. Alternávamo-nos na escolha do percurso, acabando sempre num jardim a tomar café ou a comer um gelado. De tempos a tempos almoçávamos algo leve na Versailles, pastelaria-restaurant que ela adorava e eu também.

Admirava-a pela sua juventude e garra de viver, de aprender coisas novas. Eu tinha estagnado um pouco com a reforma, faltava-me o ímpeto que ela demonstrava ter. Com o evoluir da amizade, iniciámos atividades diferentes para além das ditas caminhadas. Taiana trazia a ideia de que em Portugal não existia pobreza — mesmo sabendo que, em termos económicos, o nosso país não se podia comparar com o resto do continente europeu. Para ela, carência e miséria existiam sim no Brasil e muita, bem como nos países considerados de terceiro mundo. Levei-a, algumas vezes, a entregar comida à noite, na zona do Cais do Sodré. Isso fê-la

«No final do verão, notei Taiana demasiado nervosa, aprimorava-se ainda mais quando saíamos, mas não consegui que se abrisse comigo.»

inteirar-se da realidade portuguesa in loco, o que a tocou profundamente. "Madama Taia" foi como passou a ser conhecida. Aquele jeitinho brasileiro de falar, mais melódico e suave, conferia às conversas com os colegas e com os necessitados uma harmonia menos fria e mais entoada. Provida de uma mentalidade bem mais aberta do que a portuguesa, conseguia aligeirar e animar a vida dramática destas pessoas. Bom, falando a verdade, até a minha própria forma de ver a vida ela conseguiu mudar. Cativava qualquer um. Ela cantava e dançava — e se dançava! Dava um verdadeiro baile aos mais novos e a mim mesma, menos madura do que ela na idade, mas com dois pés pesados. Quando nos apetecia estar com mais gente, juntávamos amigos comuns para almoçar ou jantar, ora em casa de uma, ora da outra. A nossa fama de pandilha bem-disposta e conhecedora de Lisboa fez com que a notoriedade chegasse além-mar. Passámos a funcionar como as melhores e mais profissionais guias turísticas em Lisboa — só para os seus conhecidos vindos do Brasil, claro! Com o intuito de não nos cansarmos uma da outra, estabelecemos um acordo: deixávamos sempre pelo menos três dias livres por semana para nós próprias. Na realidade, essa até tinha sido uma imposição minha, porque eu gosto muito do meu espaço e necessitava de ter tempo para mim. Nessas alturas, eu ia ao cinema, ao cabeleireiro, saía com outros amigos. Deslocava-me a um centro comercial às compras ou simplesmente ficava em casa a ler, escrever e ouvir um pouco de música, na companhia da minha cadela Kyra. No final do verão, notei Taiana demasiado nervosa, aprimorava-se ainda mais quando saíamos, mas não consegui que se abrisse comigo. A empregada, embora a achasse estranha, não dera por nada de importante,

a não ser os muitos telefonemas que passara a receber. Indaguei-me logo se alguém estaria a tentar aproveitar-se da sua bondade. Nessa altura, a minha companheira faltou igualmente aos nossos encontros semanais, o que me deixou ainda mais apreensiva. Para além de ser muito raro, quando não podia, avisava sempre. Deixei passar uns dias e recebi um telefonema aflito de Júlia confirmando que a patroa não tinha ido para casa nessa noite. O meu coração alvoraçou-se. Senti alguém tocar-me no braço e uma onda de calor invadiu-me a cara. Duas moças olhavam atónitas para mim:

— A senhora sente-se bem? Deve ter adormecido, olhe que o sol de inverno não é muito bom sem chapéu. — Nem consegui balbuciar nada, tentei desentortar-me deixando cair a revista e experimentei o corpo dormente. — Eu dormitava? — perguntei muito espantada. Riram-se às gargalhadas.

— Olhe que até ressonava e murmurava qualquer coisa impercetível. Parecia muito agitada — adiantou uma delas. Ao tentar levantar-me, olhei para o lado e vi, no chão, encostado ao banco, um saco de pano. Deslizei de volta ao assento, tremendo. Puxei o saco na minha direção, abri-o e lá dentro encontrei duas caixas plásticas vazias e caroços de maçãs embrulhados em guardanapos.



«Provida de uma
mentalidade bem
mais aberta do
que a portuguesa,
consegua aligeirar
e animar a vida
dramática destas
pessoas.»»

A PORTEIRA

TERESA
DANGERFIELD

*"Se acender uma lamparina para
uma outra pessoa, iluminará
também o seu próprio caminho."*

Nitiren Daishonin (1222 – 1282)

Na bagagem alguns pertences
e, mais que tudo, angústia,
dor, tristeza, mas também a
determinação de vencer. Partia
rumo a um destino que não lhe
era inteiramente desconhecido,
pois fizera parte da sua infância
e juventude. Guardava algumas
memórias felizes, a que se agarrava
com a força de quem não quer
deixar ir a sua peça mais preciosa,
não fosse quebrar-se, sem conserto,
o fio que a prendia à vida.
Para trás ficara o marido, prisioneiro
das encruzilhadas da existência,
tentando desfazer os nós que os
levaram a perder quase tudo, até a
própria casa. Os filhos, já homens,
traçavam outros caminhos.
Foi assim que, depois de uma
entrevista dolorosa, se viu
confinada num espaço tão
pequeno que bastariam meia
dúzia de passos para o percorrer

**«Guardava algumas
memórias felizes, a que se
agarrava com a força de
quem não quer deixar ir
a sua peça mais preciosa,
não fosse quebrar-se,
sem conserto, o fio que a
prendia à vida.»**

de um lado ao outro. Nele teria que dormir, cozinhar,
fazer a higiene. E estar de serviço. Sim, porque agora era
porteira. Diziam-lhe que tivera sorte, por estar num sítio
bonito — concordava, da sua porta avistava a Torre Eiffel
— numa zona chique, e que nem teria de pagar renda de
casa. Mas ela estava ciente de que tudo tinha um preço.
De estatura média, cabelos louros pelos ombros, olhos
verdes amendoados, Maria vestia-se com gosto e ninguém
diria que já contava cinquenta e poucos anos. Poderia
facilmente passar por uma estrela de cinema, sorridente,
confiante, sem denunciar o que lhe ia na alma.
A mesma beleza que emanava também gostava de ver
à sua volta. Por isso, decidiu fazer do seu espaço um
cantinho especial. Com o primeiro ordenado comprou um

sofá e almofadas; com o segundo uns cortinados, uma armação em forma de lareira e mais uns pequenos adornos. Assim, construiu o refúgio onde sonhava com a casa que gostaria de ter. As portas do seu cantinho eram envidraçadas e davam para a escada, por onde passavam todos os que acediam ao edifício. Maria sentia-se numa montra. Comprou cortinas e colocou-as nos vidros. Escândalo! Madame Arnaud veio logo bater-lhe à porta:

— Maria, não pode tapar os vidros. Precisamos de saber que está aqui, de a ver. Faz parte do seu trabalho!

— Madame Arnaud, não entendo. Não deixo de fazer o meu trabalho lá por ter cortinas nos vidros. Não gosto de estar exposta — respondeu firmemente.

Madame Arnaud sentiu-se afrontada:

— Sempre foi assim e ninguém se queixou. Sendo a mais velha do grupo que geria o condomínio, Madame Arnaud sentia-se no direito de controlar tudo e todos. Por ela, Maria não teria sido escolhida. Nisto, espreitou para dentro da casa da porteira e abriu a boca de espanto.

— Posso entrar, posso ver? Está tudo com tanta...classe. Uma estante? Livros? Uma lareira? Quem fez isto?

— Eu, claro, Madame. Já que tenho de viver aqui, pelo menos que fique ao meu gosto. Estava tudo tão escuro!

Madame Arnaud foi-se embora a suspirar. Sentia-se ameaçada. Como é que uma porteira poderia ter aquele bom gosto, vestir-se tão bem, gostar de ler, ser tão elegante?

As escadas do prédio nunca estiveram tão limpas, os batentes da porta brilhavam, até o elevador de ferro parecia ter ganhado nova vida. A porteira tinha sempre tempo para ouvir todos. Havia os que se queixavam das dores, os que se queixavam dos dias perdidos e os que queriam conversar, só para iludir a solidão. A pouco e pouco, foi conquistando os corações dos moradores daquele prédio. De quase todos. Na sua maioria mais velhos do que ela, viviam em apartamentos tão grandes que chegava a confessar que se perdia neles — a

notícia do seu bom gosto tinha circulado e muitos contratavam os seus serviços.

Madame Arnaud não se conformava com tamanha adoração. Havia de descobrir um segredo que poria a porteira no seu lugar. Sem o suspeitar, Maria continuava a ser o que sempre fora, honesta e trabalhadora. Distribuía carinho, punha tudo a brilhar à sua volta, e só o seu cantinho testemunhava as lágrimas que lhe lavavam a alma.

Certa manhã, a porteira estava a lavar a entrada do prédio. Madame Arnaud saiu apressada, escorregou, caiu e não conseguiu levantar-se. Gemia com dores.

Como Madame Arnaud vivia sozinha, Maria achou por bem acompanhá-la ao hospital, na ambulância. Mais tarde, comunicou com o filho da senhora, que se encontrava a trabalhar no Japão, informando-o de que a mãe fraturara o colo do fémur e teria de ficar internada. Como não lhe era possível voltar de imediato, o senhor acordou com a mãe que a porteira tomaria conta da casa e lhe prestaria auxílio até ele regressar. Relutante, Madame Arnaud entregou as chaves da casa a Maria e pediu-lhe que lhe trouxesse algumas roupas e artigos de higiene. Para Maria, era mais uma alma que precisava de ajuda. Faria tudo de boa vontade, não se preocupando com mais nada. Quando entrou no apartamento de Madame Arnaud, quase soltou um grito de espanto pelo que via na sua frente. Sacos de compras: Chanel, Louis Vuitton, Dior, Prada, Hermes espalhados por todo o lado. Primeiro pensou que estivessem vazios, mas depressa viu que não era o caso. Cheios de pó, já estariam ali há bastante tempo. Maria pensou: "Como é que esta senhora consegue mexer-se no meio de tamanha confusão? Vou ter que vir aqui uns dias e arrumar isto tudo. Ela até deve ficar contente quando voltar!"

Maria visitou Madame Arnaud no hospital várias vezes. Disseram-lhe que a senhora estava a ficar desmemoriada. Uma coisa Maria notava: continuava a ser pouco simpática para com todos e nunca agradecia nada.

Entretanto, Maria limpou o apartamento de Madame Arnaud. Tirou o encardido dos vidros

» e a vista agora era mais clara. As carpetes estavam como novas e os sacos alinhados num canto, livres de pó. Parecia tudo mais vazio, mas bem mais aprazível — pusera ali o seu toque de magia.

Passado quase um mês, Madame Arnaud voltou a casa. Mal entrou, ajudada por Maria, deu um grito de espanto.

— O que fez à minha casa? Onde estão as minhas coisas?

— Madame Arnaud, apenas limpei e arrumei. Está cá tudo o que é seu.

— Isso é o que vamos ver! Saia já! E não volte a tocar em nada!

Maria não percebeu aquela reação, mas desculpabilizou-a, considerando qualquer possível efeito da anestesia e da medicação durante o internamento hospitalar. Acreditava que quando visse o conteúdo dos sacos, saberia que nada fora retirado.

O filho de Madame Arnaud chegou entretanto. Maria pensou que seria o fim das hostilidades. Qual não foi o seu espanto quando, passados uns dias, a polícia lhe bateu à porta com um mandado de busca.

— Deve ser engano — protestou Maria. — Podem explicar-me o que se passa?

— Temos ordens para revistar a sua casa.

— Como? Porquê?

— Madame Arnaud apresentou uma queixa de furto no apartamento. O filho confirmou que a senhora seria a única pessoa a ter a chave, além dele.

Maria, espantada, não queria acreditar no que estava a acontecer. Apesar de nada encontrarem, os polícias exigiram que se apresentasse na esquadra, no dia seguinte da parte da tarde, para ser interrogada.

Teria de agir rapidamente. Saiu do seu cantinho, cuja paz estava agora aniquilada e dirigiu-se ao elevador. O coração batia-lhe

como nunca, mas na sua mente algo estava bem claro: precisava de enfrentar Madame Arnaud, para que ela lhe dissesse, olhos nos olhos, de que a acusava.

Bateu à porta do apartamento do quinto andar direito. Apareceu o Senhor Arnaud.

— Preciso de falar com a sua mãe, por favor, Monsieur Arnaud.

— Pode entrar, mas desde já lhe digo que o caso é muito simples: as joias dela desapareceram e mais ninguém entrou aqui, a não ser a senhora.

— Joias? Que joias? — perguntou Maria já na presença de Madame Arnaud. O suor começou a rolar-lhe pelo rosto e apertou as mãos trémulas, indignada.

— Não se faça de desentendida, Maria — respondeu num tom áspero e amargo Madame Arnaud. — Desapareceu quase tudo!

«O futuro, não o sabemos. Cada um de nós poderá imaginar um destino para Maria. Eu vejo-a feliz e num palácio, construído com esforço e persistência, porque, seja onde for, esse será sempre o seu modo de estar na vida.»

— Madame Arnaud! Não sei o que aconteceu às suas joias. A única coisa que tirei daqui foi o pó que havia por todo o lado. Sei que não gosta de mim, mas esta acusação não tem fundamento!

— Como se atreve? Não quero ouvir mais nada! Saia! E é melhor começar a procurar outro emprego.

Tentado controlar as emoções que a invadiam, Maria regressou ao seu cantinho. Pensamentos desordenados invadiam-na sem alma, enquanto, sem pressa, o dia terminava. Embrulhada em cenários intimidadores, passou a noite em branco.

Chegada a manhã, ergueu a cabeça, arranjou-se como de costume. Fez o trabalho rotineiro e foi com alguma estranheza que viu, ainda cedo, Madame Arnaud, sair acompanhada pelo filho. Para seu espanto, recebeu um telefonema da esquadra, cancelando o interrogatório dessa tarde. Iria receber mais informações oportunamente. Perto da hora do almoço, chegou um enorme ramo de lindíssimas rosas-chá. Pensou que seria para Madame Arnaud, embora não lhe conhecesse muitos amigos. Susteve a respiração quando viu que eram para si, com um bilhete de Madame Arnaud e do filho: "Querida Maria, perdoe-nos. Obrigada por tudo o que fez por nós."

Maria nem queria acreditar e estranhou a "querida". Rir? Chorar? Sentia vontade de tudo ao mesmo tempo.

Ao fim da tarde, recebeu um telefonema do Senhor Arnaud. Fora com a mãe ao banco, depositar o resto das joias num cofre forte e aí encontraram todas as outras que julgavam desaparecidas. Pediu-lhe perdão pela mãe, cuja demência se estava a tornar notória, e deixou claro que estaria sempre disponível para a ajudar, no que ela necessitasse. Um coração como o de Maria era capaz de perdoar.

O futuro, não o sabemos. Cada um de nós poderá imaginar um destino para Maria. Eu vejo-a feliz e num palácio, construído com esforço e persistência, porque, seja onde for, esse será sempre o seu modo de estar na vida.



Fotografia de Teresa Francez

A MILÉSIMA PRIMEIRA VEZ

ANA
COSTA



Quando o Rodrigo nasceu, uma fada vestida de motard entrou no quarto e olhando para o berço em que ele dormia, avisou a mãe: — Este rapaz vai sempre acusar os outros injustamente. À milésima primeira acusação que fizer, uma maldição cairá sobre ele e só acabará com ela se...

Nisto, a mãe do Rodrigo acordou. Sobressaltada, sentou-se na cama, esfregou os olhos e olhou para o seu menino. "Que sonho tão

estranho!", pensou, mas acabou por não dar importância nenhuma àquilo.

O Rodrigo cresceu e, com três anos, entrou no infantário. Não achou piada nenhuma a ter de ficar tanto tempo com outros meninos que só queriam os mesmos brinquedos que ele. Um dia, escondeu o carrinho preferido, seria só seu, mesmo que não pudesse brincar com ele. Quando as educadoras deram pela falta, procuraram-no por todo o lado, até o encontrarem por baixo do cesto dos jogos.

— Quem escondeu este carrinho? — perguntou a educadora Mena.

— Fô ele! — disse o Rodrigo, apontando para outro menino, que negou e começou a chorar.

— Rodrigo, não terás sido tu? — quis saber ela, franzindo a testa.

— Não fu eu! — insistiu o pequeno, começando também a chorar.

— Pronto, parem os dois com isso e que ninguém volte a esconder brinquedos. Eles são de todos e não gostam de ficar escondidos, porque querem entrar nas vossas brincadeiras — rematou a Mena.

Esta situação foi apenas a primeira de muitas que se seguiram. Parecia que o Rodrigo tinha uma mola no braço sempre pronta a disparar para acusar os outros.

A educadora teve de falar com os pais. Eles ficaram muito envergonhados e não queriam acreditar que o filho fazia disparates e depois culpava os outros.

— Hoje não vêes os bonecos, Rodrigo, ficas aqui sozinho até à hora do jantar! — anunciou o pai, sentando-o no sofá, para depois sair da sala a abanar a cabeça.

A mãe, com umas lágrimas tristes a pedirem para saltar dos olhos, preparava o jantar na cozinha.

— Não sei porque ele é assim — lamentou-se.

— Eu também não. Não é isto que lhe ensinamos — argumentou o pai.

— Mas a verdade é que já vimos situações destas acontecerem... ele nunca faz nada, são sempre os outros...

— Se calhar, temos de o pôr de castigo mais vezes. Não chega conversar e tentar fazê-lo compreender...

«Quando o Rodrigo nasceu, uma fada vestida de motard entrou no quarto e olhando para o berço em que ele dormia, avisou a mãe»

— Pois, temos mesmo de mudar de estratégia — concordou a mãe.

E assim fizeram. Mas isso só veio agravar aquela tendência, pois as situações seguiam-se umas às outras. Os pais desesperavam. E ele ia crescendo.

Certo dia, a mãe foi chamá-lo, como sempre, porque nunca acordava a horas.

— Rodrigo! Levanta-te que já estás atrasado! — gritou batendo à porta.

De barriga para cima, abriu um olho e voltou a fechá-lo. Não lhe apetecia sair da cama.

Espreguiçou-se e quis esfregar a cara, mas só conseguiu fazê-lo com a mão esquerda. Tinha uma sensação estranha no braço direito. Abriu os olhos e viu que estava todo esticado até ao indicador, como se estivesse a apontar para alguém. Quis recolhê-lo, mas ele não se movia. "Devo estar a sonhar!", pensou.

Sentou-se na cama. O braço deixou de apontar para o teto e passou a apontar para a porta.

Tentou em vão movê-lo. "Que se passa?! Não consigo mexer o braço!" Sentiu um calor percorrer-lhe o corpo e o coração a bater mais depressa. >

— Rodrigo! — chamou a mãe mais uma vez. "O que é que eu faço? Ninguém me pode ver assim!"

Pingas de suor corriam-lhe pela testa, enquanto se esforçava para mexer o braço.

— Rodrigo! Não te levantas hoje? — insistiu a

«Bateu à porta da sala e desculpou-se pelo atraso. Até chegar ao lugar, enfiou o dedo no nariz do Filipe, arrepelou a Daniela e ia deitando ao chão os óculos do Mateus. Foi pedindo desculpa, enquanto os colegas e até a professora o olhavam admirados. Quando finalmente se sentou no lugar, espetou o dedo no Márcio à sua frente. Teve de ficar de lado e pedir, mais uma vez, desculpa.»

mãe, abrindo a porta. — Baixa lá esse braço! Começas o dia a apontar?!

— Não consigo...

— Ora, lá estás tu! Não consegues porquê? — desconfiou ela, enquanto tentava mover o braço do filho. — É verdade? Não mexe mesmo?

— Não, mãe! — confirmou o Rodrigo com os olhos cheios de lágrimas.

— Não pode ser! Uma coisa dessas é impossível! — exclamou, levando as mãos à cara. E foi então que se lembrou do sonho e contou-o ao filho.

— Mãe, eu já tenho nove anos! Achas que acredito nessa história de fadas e maldições?!

— reclamou o Rodrigo irritado. Agitou-se e bateu com o braço esticado na mãe, que estava sentada ao seu lado. — Desculpa! Não consigo mesmo controlar este maldito braço!

— Podes não acreditar, mas olha o que te aconteceu! Como explicas? Tens nove anos e já negaste mil e uma vezes teres feito algo, essa é que é a verdade, Rodrigo! Está mais do que na hora de ires para a escola! Despacha-te!

— Como queres que vá para a escola assim?

— Tu é que sabes! — E saiu, deixando-o de olhos arregalados.

"Como é que eu vou assim? O que vão dizer de mim?"

A caminho da casa de banho bateu numa jarra que se estatelou no chão. Mal conseguiu lavar a cara. Nem imaginam a ginástica que teve de fazer para se vestir e preparar!

— Quem partiu a jarra? — perguntou a mãe.

— Fui eu...

— Finalmente admites o que fazes! — disse, sorrindo. — Vamos embora!

— Mas eu nem tomei o pequeno-almoço!

— Comes qualquer coisa pelo caminho, não há tempo.

Desajeitado, o Rodrigo vestiu o casaco e deitou

ao chão a gabardina que o pai deixara ficar.
— Quem deitou isto ao chão? — perguntou a mãe.
— Fui eu...
Não conseguindo evitar um sorriso, ordenou-lhe:
— Agora, apanha-a e volta a pô-la no sítio.
Ele assim fez. Entrar no carro e sentar-se foi outra aventura. O braço obrigou-o a ir sentado de lado, desconfortável e ainda por cima a comer.
— Tanta migalha que para aqui vai! — reclamou a mãe quando ele saiu.
— Fui eu, depois limpo...
À porta da escola, sentiu as pernas tremerem e mordeu o lábio inferior. "Como vou fazer?"
Estava atrasado, por isso começou a correr para a sala, mas foi contra o Sr. Joaquim, ou melhor, o seu dedo direito espetou-se nas costas dele.
— Olha por onde andas, rapaz!
— Desculpe, Sr. Joaquim! Foi sem querer!
O funcionário coçou a cabeça e comentou:
— Ouvi bem ou sonhei?
Bateu à porta da sala e desculpou-se pelo atraso. Até chegar ao lugar, enfiou o dedo no nariz do Filipe, arrepelou a Daniela e ia deitando ao chão os óculos do Mateus. Foi pedindo desculpa, enquanto os colegas e até a professora o olhavam admirados. Quando finalmente se sentou no lugar, espetou o dedo no Márcio à sua frente. Teve de ficar de lado e pedir, mais uma vez, desculpa.
— O que se passa contigo? — perguntou a professora.
— Eu... Eu tenho um problema muscular no braço, não o consigo mexer... — confessou, quase a chorar.
— Vamos ver se esse problema não causa mais distúrbios. Parece que não vais poder escrever, por isso, fica bem atento! — recomendou a professora, dando início à aula logo de seguida. Não imaginam o desconforto do Rodrigo. Os colegas olhavam-no e cochichavam trocistas. Nunca se tinha sentido assim. "Que raio de coisa me havia de acontecer!" Teve vontade de sumir, mas só se levantou do lugar no intervalo. Acabou por ser o último a sair, porque estava sempre a desculpar-se por espetar o dedo em alguém. A professora não conseguia evitar um sorriso. Apesar de a situação ser um tanto ou quanto estranha, era

bom ver o Rodrigo a pedir desculpa!
Aquele braço esticado não o deixava nem ir à casa de banho tranquilo e pregou um susto à dona Glória, quando lhe tocou nas costas!
Ainda tentou jogar futebol e até estava a dar jeito, pois um braço assim esticado afastava os adversários, mas o pior foi quando esbarrou com o João e o deixou com um olho negro! Cartão vermelho.
Sentou-se a um canto, desiludido.
— Pareces um espantalho! — riu-se o Guilherme, fazendo-lhe uma careta.
— Espantalho és tu!
De regresso à sala, o dedo indicador meteu-se mais umas vezes onde não devia e lá teve o Rodrigo de pedir outras tantas desculpas.
A hora do almoço foi mais um tormento. Como só podia usar uma das mãos, precisou de fazer várias viagens até conseguir levar tudo para o lugar, ninguém se pôde sentar à sua frente na cantina e demorou imenso tempo a comer, mais uma vez sob os olhares de chacota dos colegas. "Eles divertem-se e eu sofro!"
À tarde, a aula de Educação Física foi uma desgraça. A cambalhota ficou por dar e foi alvo de mais umas piadas.
"Todos gozam comigo... não tenho amigos...", lamentava-se em silêncio, sentado no chão. Cabisbaixo, nem se apercebeu de que a Joana se sentara ao seu lado.
— Está a ser mesmo mau para ti... — comentou ela.
— Estás a falar comigo? — admirou-se o Rodrigo.
— Jurei que nunca mais ia falar contigo depois de me fazeres passar aquela vergonha à frente de todos... não foi nada simpático! E ainda por cima juraste a pés juntos que não tinhas sido tu...
— Desculpa! Sei que não o devia ter feito — admitiu, baixando a cabeça.
— Devias pedir desculpa a todos, por tudo aquilo que aprontaste ao longo de quase quatro anos, culpando sempre os outros.
— Achas?! Já não chega o que estou a passar?
— Queres continuar assim?
— Claro que não!
— O nariz do Pinóquio só crescia quando ele mentia... — disse ela, para depois se levantar com um sorriso e lhe piscar o olho.



» O Rodrigo ficou a pensar naquilo. Não tinha nada a perder, o dia já estava a ser um desastre e só queria mesmo voltar a mexer o braço. Foi ter com o professor de Educação Física e disse-lhe que queria falar à turma.

— Quero pedir desculpa a todos por tudo aquilo que aprontei desde o primeiro dia nesta escola. Fui eu que rebentei a caneta vermelha na cadeira da Joana no dia em que ela trouxe calças brancas, fui eu que troquei os cadernos do Filipe e do João, fui eu que atei os atacadores do professor de Educação Física, fui eu que rasguei a página do livro de Português da Maria, fui eu que comi os chocolates todos que a professora trouxe no Natal, fui eu que meti a rã na pasta dela, fui eu que escondi o balde e a esfregona da dona Glória, fui eu que pendurei o papel a dizer "Estou perdido, levem-me a casa!" nas costas do Sr. Joaquim, fui eu que... E falou durante muito tempo, deixando todos de boca aberta. Quando se sentou no chão, de cabeça baixa, cansado da longa confissão, o professor pôs-lhe as mãos nos ombros e disse:

«Quando o Rodrigo se deitou, de barriga para cima e dedo a apontar para o teto, sentia-se muito bem e adormeceu a pensar na Joana.»

— Rodrigo, foi precisa muita coragem para admitires tudo isso diante de nós. Acho que o que viveste hoje te serviu de lição para tudo o que aprontaste durante estes anos todos!

E todos começaram a bater palmas.

— Acho que agora já podemos ser teus amigos

— disse o João.

Ele nem queria acreditar que fora capaz de confessar e, muito menos, que poderia ter amigos depois disso. Teve uma vontade enorme de abraçar os colegas, mas com o braço esticado não dava muito jeito.

Aquele final das aulas entre novas amizades quase que o fez esquecer-se do desconforto do braço, quase...

— Estás muito bem-disposto. Nem pareces o Rodrigo que deixei aqui de manhã. — disse a mãe, quando o foi buscar à escola.

— Sabes, pedi desculpa a todos por tudo o que fiz desde que entrei para o primeiro ano e acreditas que ninguém ralhou comigo? Até me elogiaram! Acho que agora já posso dizer que tenho amigos!

— Ótimo Rodrigo, afinal o braço esticado está a ser bom para ti!

— Sim, também tenho de te pedir muitas desculpas...

Em casa, depois do jantar, o Rodrigo pediu desculpa por tudo aquilo de que se lembrava de ter feito aos pais e eles até se riram ao recordarem certas situações, como aquele dia em que, à mesa, trocara um ovo cozido do pai por um cru. O coração deles pulava de satisfação.

Quando o Rodrigo se deitou, de barriga para cima e dedo a apontar para o teto, sentia-se muito bem e adormeceu a pensar na Joana. No dia seguinte, ao acordar parecia outra pessoa e só depois se apercebeu de que já podia esfregar os olhos com as duas mãos.

AS ESTRELAS DO JEREMIAS

ALEXANDRA
DUARTE

Jeremias, pequenote traquinas, estava em pulgas com o seu presente de aniversário: um conjunto de ciências. Tratava-se de uma caixa que parecia ter coisas muito importantes: uma lupa, tubos de ensaio, pipetas, uma pequena balança, um livro de instruções e até uma batinha branca. Enfim, tudo o que era preciso para Jeremias se sentir um verdadeiro cientista. Só faltava agora começar a trabalhar, ou melhor, começar a "cientificar, que é o que os cientistas fazem", pensava ele.

Algo intrigava o pequeno. Desde que ouvira na televisão que estaria para breve uma chuva de estrelas, não pensava noutra coisa. Não sabia o que isso era, mas desde então contemplava o céu todas as noites, na companhia do seu gato Manjerico, amigo inseparável, com quem mantinha conversas muito interessantes.

— Manjerico, já viste, são tantas! Quantas achas que são?

— perguntava o rapaz enquanto apontava para as estrelas, na tentativa de as contar.

— Miau — respondia o gato, fitando o céu.

— Pois, eu também não sei contar até um número tão grande. E porque é que brilham só à noite?

— Miau, miau.

— Ah, tens razão, se calhar dormem de dia — concordava, acenando com a cabeça.

Às vezes perguntava, também, à mãe:

— Mãe, de que são feitas as estrelas?

Ela nem sempre sabia o que responder.

— São feitas de pó — dizia.

— Mas porque é que são brilhantes? — Continuava o jovem.

— Se calhar é pó dourado — respondia-lhe a mãe.

Jeremias continuava com muitas perguntas para as quais



não tinha resposta. Após matutar no assunto, percebeu que tinha de estudar as estrelas com os seus instrumentos científicos. Afinal, não bastava olhar para elas. Mas debatia-se, agora, com um problema: como é que ia apanhar uma estrela? Elas estavam tão longe, lá no alto.

— Alguma ideia, Manjerico?

— Miau, miau.

— Não, o papá não tem uma escada assim tão comprida. Tem de ser de outra maneira. — E abanava a cabeça.

Por muito que pensasse, o pequeno não fazia ideia de como ir buscar uma estrela ao céu. Mas lembrou-se, um dia, do seu anjinho da guarda. Os pais diziam que todos os meninos têm um anjo da guarda, para os proteger. E se os meninos lhe pedirem um desejo, o anjinho prontamente o concede. >>

«O quinto teste era o do olfacto: a que cheiram as estrelas? Jeremias apurou os sentidos e aproximou uma estrelinha do nariz.»

▶ Durante muito tempo, antes de dormir, Jeremias pediu que chovessem estrelas. Nem seriam precisas muitas, só algumas.

Uma noite, por fim, enquanto brincava no quarto, algo lhe chamou a atenção do lado de fora da janela. Pedrinhas brilhantes pareciam cair do céu.

O anjinho tinha ouvido o seu pedido.

— Corre, Manjerico, corre, vamos apanhar estrelas!

Jeremias pegou numa caixa de cartão e correu para o jardim. Com os bracitos esticados levantou-a no ar e tentou apanhar quantas estrelas conseguiu. Assim que a encheu, tapou-a e voltou para o quarto. Estava tão contente! Tinha uma caixa cheia de estrelas chovidas! Colocou-a em cima da secretária. Podia agora estudá-las de verdade. Foi buscar os instrumentos e vestiu a batinha branca. Levava o trabalho científico muito a sério.

— Anda, Manjerico, vais ser o meu assistente.

Abriu a caixa. Minúsculas estrelas piscavam, cintilantes, numa harmonia quase musical. Jeremias estava radiante, ainda mal acreditava. Ficou parado uns segundos, apenas a olhar. Depois, bem, era hora de cientificar; faria alguns testes para perceber, afinal, de que eram feitas as estrelas. Primeiro teste: o tacto. Com cuidado, pegou numa estrela e manteve-a na palma da mão. Era suave e fazia cócegas. Começou a rir.

— Vai anotando, Manjerico. — Pôs o caderno e o lápis à frente do gato que, também ele olhava muito curioso para o brilho que o seu pequeno dono tinha na mão. Segundo teste: o peso.

Colocou a estrela na balança, que mal se mexeu: um grama. "Ora são tão leves", pensou, "se calhar é por isso que quase nunca caem e ficam a flutuar no céu." Passou ao teste seguinte: o paladar. Pegou numa outra estrela e mordiscou-a levemente, não a queria magoar. Era docinha.

Sabia a...caramelo! Com uma pontinha de canela.

— Não imaginava, Manjerico, caramelo! — Satisfeito, lambia os lábios.

Colocou a estrela de volta na caixa. Pensou que outros testes podia fazer. A cor, pois claro. Era o quarto teste. Que eram brilhantes era óbvio; pegou na lupa e observou com atenção. Os brilhos eram sobretudo dourados e prateados, mas havia, também, uns pontinhos de luz azuis e verdes. Eram, realmente, muito bonitas.

— Escreve, Manjerico. Passamos, agora, ao teste número cinco.

O quinto teste era o do olfacto: a que cheiram as estrelas? Jeremias apurou os sentidos e aproximou uma estrelinha do nariz. Cheirou, fechou os olhos e inspirou novamente. Sentiu apenas um discreto aroma, mas conseguiu perceber o que era: cheirava a noite e a brisa fresca. Voltou a colocá-la junto das outras. Todas elas reluziam e tremelicavam. Tapou a caixa. Para já, não haveria mais testes. Era hora de dormir. Arrumou os instrumentos científicos e colocou a caixa cheia de estrelas na mesinha de cabeceira. Manjerico enroscou-se junto à almofada e Jeremias adormeceu feliz por ter no quarto um pedacinho do céu.

Na manhã seguinte, o pequeno traquinas acordou com o gatito a lamber-lhe a cara.

— Bom dia, Manjerico, dormiste bem?

— Míau.

— Bom dia, estrelas chovidas, dormiram bem?

Destapou a caixa. Por momentos, pareceu-lhe que brilhavam menos, que piscavam mais devagar.

— Estão a dormir — observou — ou então estão com fome, afinal ainda não tomaram o pequeno-almoço. Se calhar são como nós, Manjerico, não comeram e estão fraquinhas, não têm força nem para brilhar nem para brincar.

Saiu do quarto, seguido pelo bichano, e foi para a cozinha. A mãe já lhe tinha preparado o pequeno-almoço. Enquanto comia, lembrou-se de que podia levar algumas coisas para alimentar as estrelas, afinal elas não podiam passar o dia inteiro sem comer. Às escondidas levou para o quarto alguns petiscos. Quando chegou, abriu a caixa. As estrelas brilhavam ainda menos. Deitou-lhes, então, umas gotinhas de leite e esperou. Nada aconteceu.

— Acho que não devem gostar muito de leite, Manjerico, não são um gato como tu. Talvez com cereais.

Deitou pedacinhos de cereais por cima das estrelas e, novamente, aguardou. Mas, mais uma vez, nada aconteceu. Estava a ficar preocupado. Seria o caso que as estrelas chovidas estavam doentes? Lembrou-se de espalhar migalhas de pão por toda a caixa. Tinha visto o avô fazer o mesmo no jardim, quando atirava pedacinhos de pão aos pombos. Esperou, esperou, mas não houve qualquer alteração. Não sabia o que fazer. As estrelinhas já quase não brilhavam.

Começou a andar de um lado para o outro, a pensar e a tentar encontrar uma solução. Manjerico também não sabia. O dia foi passando entre brincadeiras e cuidados com as estrelinhas: ora cantava para elas, ora lhes deitava mais comida. Mas elas continuavam a desfalecer. O pequeno sentia-se triste, as suas estrelas já não brilhavam e não compreendia porquê. Anoteceu e as que viviam no céu foram aparecendo, majestosas, brilhantes e cheias de vida. Em pouco tempo a noite ficou estrelada e, à janela, Jeremias interrogava-se:

— Mas se lá em cima brilham, porque é que cá em baixo não?

E continuava a olhar para o céu e para a caixa. Lembrou-se, de repente, que talvez as estrelas só conseguissem brilhar no céu. Seria essa a solução?

— Manjerico, temos de enviar as estrelinhas

chovidas de volta para casa — disse ele.

Parecia ter encontrado a resposta à questão. O problema, agora, era outro: como é que os pequenos astros regressavam ao seu lar? Se desceram, seria que também conseguiam subir? Resolveu pegar na caixa e ir para o jardim. O gato correu atrás dele. Sentou-se na relva e colocou a caixa no chão. Tirou-lhe a tampa, as pequenas estrelas já não cintilavam.

— Pronto, agora podem voltar para o céu — disse. — Podem voar, se quiserem. Vá, voltem lá para cima. As vossas amigas estão à espera. Jeremias tentava incentivá-las. E esperava. Manjerico fitava o dono, enroscado nas pernas do rapaz que, tristonho, continuava a conversar com elas:

— Eu só queria conhecer-vos, não queria que ficassem doentes.

Até os astros no céu, resplandecentes, pareciam querer cativar as estrelas do Jeremias, brilhando e pestanejando sem parar. Inesperadamente, a mais pequenina começou a piscar. Depois outra também. E ainda mais uma. Aos poucos, as estrelas chovidas iluminaram-se. Um pouco de brilho dourado aqui, prateado acolá, com pontinhos verdes e azuis a saltitar felizes. Parecia que pequenos corações tinham começado a bater trazendo as estrelinhas, de novo, à vida.

— Estão a acordar! Olha, Manjerico, olha! As estrelas, então, começaram a saltar, mais e mais alto e, sem pressas, foram saindo da caixa. Flutuavam, leves como penas, e dançavam umas com as outras. Assim se despediram do menino. Foram subindo até ao céu, devagar, como se fossem serpentinas. Elevaram-se, até se perderem no meio das suas amigas. Eram, de novo, minúsculos pontinhos no céu, perfeitos e reluzentes. Tinha chegado a casa.

Jeremias sentia-se feliz, as estrelinhas estavam, de novo, no seu lugar e, desde esse dia, sempre que as via piscar sentia que sorriam para ele.

A pedido da Autora, este texto não segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

AMAVA O LONGE

ANA SOFIA
BRITO



Fotografia de Daniel Azevedo

Ana Sofia Brito nasceu em Albufeira em dezembro de 1983. Aos dezasseis anos começou a trabalhar em teatro, como atriz, em paralelo com espetáculos de rua, e aos dezassete ingressou na Universidade de Coimbra, onde esteve dois anos. Posteriormente estudou teatro, teatro físico e circo em cidades como Barcelona, Rio de Janeiro e Lisboa. Em 2020 completou vinte anos de carreira como artista performativa. Frequenta o Clube de Escrita Criativa de Lagoa desde 2017. Em 2021, em plena pandemia, escreveu e publicou o seu primeiro livro, *Em Breve, Meu Amor*, que conta com apresentações em Portugal e no Brasil. Atualmente, está em digressão com o seu mais recente espetáculo, *Amor ou Sanidade*, escreve para o jornal *SeteMargens* e tem um programa de rádio intitulado *Palavra Corrente*. *O Homem do Trator* é o seu primeiro livro de poesia.

O poeta dizia que sem saber por onde ir,
por ali não iria certamente.

E eu, que sem saber por onde vou
me acobardo nos trilhos da corrente.

O poeta amava o longe,
a miragem, os abismos, as torrentes e os desertos;
e eu – que nem coragem tenho para amar,
para desflorar florestas virgens...

Os poetas olham o mundo
trespassando o alcance da visão.

Se eu fosse poeta,
não iria por onde me mandam os olhos doces.

Se eu fosse poeta, saberia viver
para além dos sonhos calados.

Já teria descoberto ao que cheira o arco-íris,
de que cor se pinta o vento,
ao que sabem os malmequeres
pousados no peito de **uma mulher**.



O UNIVERSO SUPERLATIVO DO OUTRO, ENQUANTO NÓS

ANA
RIBEIRO

Os outros só poderão deixar de ser apenas os outros quando passarem a ser uma extensão de nós: os nossos braços, as nossas pernas, a nossa voz.

Tentáculos-estandarte, veículos de cosmos infinitos, atravessados de Terra a Marte, juntos e sós.

Aí sim, poderemos versar, ter uma eventual prosa a dois, no gigantesco universo, que engloba uma tão grande e profunda palavra como os outros, **dentro e fora de nós.**



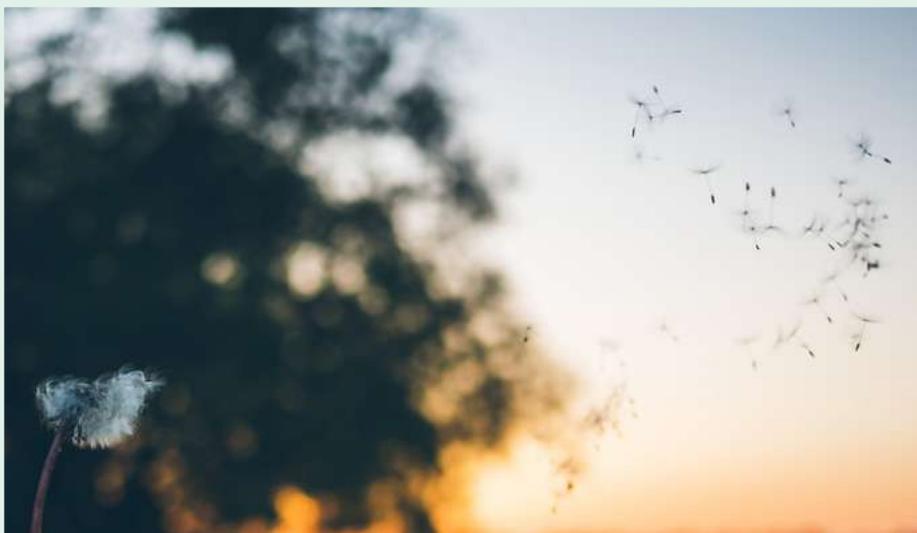
DEIXA O VENTO PASSAR

ANALITA
ALVES DOS SANTOS

Quando a tempestade parar,
no céu lavado da verdade,
de raízes agarradas à terra preta de promessas,
as árvores brotarão felicidade.

E na madrugada, as palavras por declarar,
compensarão o tempo submerso.
A saudade verá o seu fim,
quando a tempestade parar.

Deixa o vento passar.



Como pássaro fluindo

Por entre as gotas da chuva tempestuosa
Ruma de ramo em ramo, chegando e partindo
Durante a noite ansiando a manhã saudosa

Mas a manhã chega chuvosa
Cinzenta e fria
A tempestade ruge cavernosa
Não se percebe se é noite ou dia

Mas o pássaro flui em constância
Supera obstáculo após obstáculo
Adapta-se à circunstância
Coração e horizonte são um habitáculo

Fragilidade (que) se transmuta em força
De ribeiro a rio a nascente cresce
Funde-se no vento como uma corça
Renasce na águia, não fenece

O horizonte, sempre ao longe, não se aproxima
O coração, nesse, cresce a vontade
Pois também a turbulência se sublima
Por fim, o sol, entre as nuvens, desponta em **liberdade**



DESPERTA A MADRUGADA

CARLA
DE PAULA

Desperta a madrugada!
Alumia as ruas ainda adormecidas,
perfuma o ar com pão quente,
com café torrado,
com o fumo das locomotivas.

Desperta a madrugada!
Quebra o silêncio da noite,
preenche-o com vozes várias,
zum-zum de quem trabalha
longas horas solitárias.

Desperta a madrugada!
Desperto eu também.
Percorro as ruas alumiaadas
inalando-lhes os aromas
escutando-lhe as vozes apressadas.

Vozes do estudante
que segue para a escola.
Vozes do engratado
que caminha para o escritório.
Vozes da empregada
que corre para a casa da senhora.
Vozes daquele, deste e daqueloutro
falando entre dentes,
nas suas tarefas, absorto.



Sigo eu assim igual:
Cabisbaixa, alheada,
com passo diligente,
pela avenida inundada
pelo mar da apressada gente.
Não paro nem me apercebo
que neste meu caminhar dormente
sou mais uma entre os outros
que não vive,
é sobrevivente!

Não quero ser como os outros, nem posso ser.

Onde está tudo o que não tenho? Fama,
Reconhecimento, mestria inata ao escrever?

Estou sem prosa, sem poesia, sem drama.

Posso, talvez, sem morrer, ser fantasma...

Posso transformar o meu querer e vida

Para refletir, sem espelho, o que entusiasma,

Sem tamanho, comparação ou medida.

Mas posso manter a minha fragrância?

Posso ser quem sou em cada pequeno passo

E percorrer o afastamento e a distância

Em cada detalhe de tudo o que faço?

Sim, posso! Todo o sentir é um rumor

Que já quase passou pelo mundo inteiro,

Tanto por lágrimas como por humor,

Por quente praia de areia e frio nevoeiro.

Tudo é tempo e tudo é reminiscência –

Exceto o que não é: sonho ainda porvir.

Sobra realidade, eternidade e existência

Enquanto o meu peito puder sentir.

Os outros percorrem-me pelos dedos,

São devaneios meus, outros fragmentos,

As emoções deles, bravuras e medos,

E segredos que são como fingimentos.

Tomam-me por infrequente invasão

Com persistência subtil e inconsciente,

Usam-me, usam a minha própria mão.

Quem? Cada ator ido que **ainda sente...**



RESISTENTIA POETICA

HALTER EGO

MARIA LUÍSA
FRANCISCO

Há dias em que as palavras ficam caladas
E noites em que me despertam sobressaltadas
Registo, ainda que no escuro.
Acordo e não consigo decifrar o que escrevi na madrugada
Observo signos dúbios
Parecem um pictograma
Faço interpretações
Disperso-me
Começo a desenhar
Procrastino a escrita
E são horas de ir para o ginásio ...
Esse outro eu que existe em nós
Apela à razão, devo concluir o poema!
O halter e a passadeira podem esperar ...
Com as palavras que me habitam
Poderia ter musculado de adjectivos e emoções
o poema adormecido.



Amanheces naquela teimosia que o sol nasce todos os dias e nas mãos as linhas renovam-se nos atropelos dos dedos curvados entrelaçados numa ideia que fica por ali perdida na berma dos lábios.

Já não sabes decifrar sorrisos, nem tão pouco sabes o que queres; os movimentos parecem-te iguais, demasiado translúcidos, descompensados apressados atrasados, ainda que tragam a dor de mais uma torção na invisibilidade de ler nos olhos o abandono que eles gritam.

Espantas-te, imagina, ao fim de tanto tempo ainda te espantas,

as pessoas focadas naquilo que as faz caminhar,

a imagem refletida no espelho,

a transbordar uma positividade exposta em fotografias que ficam;

e tu, o cansaço como ilha,

à espera que a ponte surja no nevoeiro a que te atiraste como naquele dia em que te lançaste para outros braços,

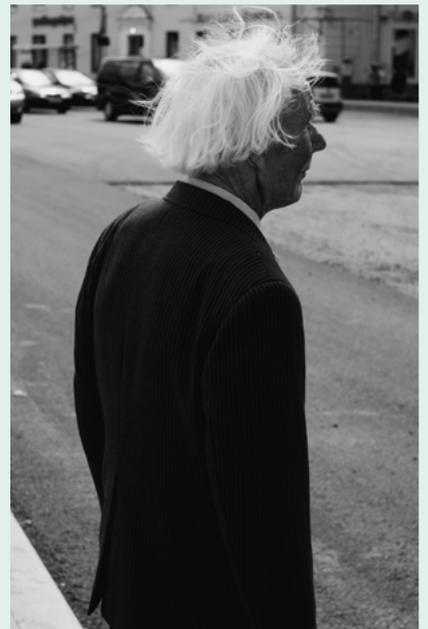
na esperança de que formassem um arquipélago,

somente para que o teu sangue colidisse com um coração.

Porque no fim só restam os outros

e os outros, às vezes, até somos nós.

E se parássemos para observar o desenrolar da folha de uma planta talvez até questionássemos:



ainda haverá mundos por vir?

Os passos

que largos vão dados.

Ecoam

nesta alma que é saudade.

Ao canto

enfrento o ângulo, meu igual,

fechado.

Dispersam,

outros de mim demitem laços.

Vazam,

coam lembranças em que m'imprimo.

Perecem

e neles morri quando esquecido.

Sobro,

carne estanque de ação.

Ténue

a mancha deixada em espaço comum.

Sopro

com que a jornada finda e o **afeto esfria.**



SALTANDO DO PARÊNTESES

O OUTRO AFLITO

GABRIELA
PACHECO

— **S**onhei que o morto tinha sonhado, que por esta hora estaria aflito por conta disso. Vim inteirar-me.

— Dá provas de que é mais ridículo do que a morte. E nem me refiro às cuecas.

— Talvez. Mas note no que me deu a preocupação, aqui estou. Assim mesmo, sem mais.

— É a natureza da sua preocupação que é descabida e não a sua ação sobre ela.

— Estou a ver... O seu é dos intelectuais... Ou então, o da terra, é o humilde que pariu o intelectual. Tenho cá muito disso.

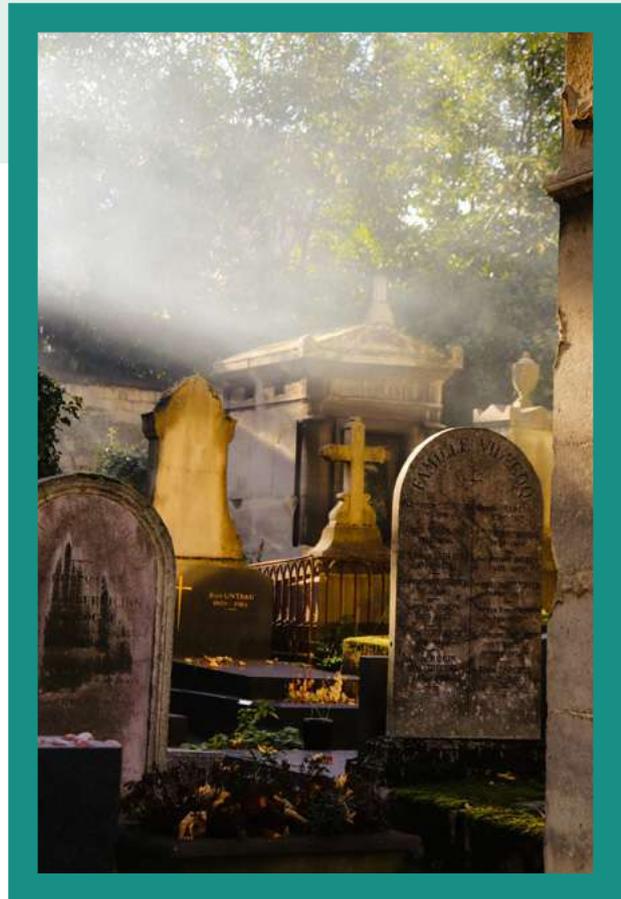
— O meu quê?! Já lhe ocorreu deixar entrar em si algum juízo esta noite?!

— Morto, o seu morto. Só cá aparece quem tem um hospedado. A quem mais me referiria?

— E você é quem?

— O que lhes cuida do sono. Que outro se levantaria a meio da noite para extrapor porta fora, em cuecas, saber do sonho afligido?

— Esperei encontrar de tudo no lugar onde a morte assenta, menos um descabido em roupas íntimas. Que absurdo de momento, pouco



digno até, não lhe parece? Haverá de comigo concordar, é no que me resta crer. Se a esperança tem serventia é para momentos destes.

— Era homem para me sentar aqui mais as minhas cuecas, o termo roupa íntima não as enobrece, a debater a dignidade consigo.

— Tenha juízo!

— Crê que me falta?

— Não o denuncio, saiba, por não vivermos tempos de facilidade no que concerne à contratação de coveiros. Não fosse a falta de mão de obra e amanhã, pela fresca, o seu superior tinha notícias minhas.

— Que lhe diria? Que o coveiro se passeia de vestes escandalosas, ou com falta delas, por entre os eternamente adormecidos?

— Não considera assunto para se levar às altas instâncias?

Ainda gostava de o ver justificar-se.

— Então veja. Levantou-se aqui um vento, ontem, de fazer voar a morte solitária. Fazia um frio capaz de gelar os lagos, de me transformar em geada. Descascou-me as árvores, o vento. Tinham todas folhas daquelas que estavam presas pelo amor à vida, a força já não era muita, era só preciso virem sopros fortes. E vieram. As flores por aí deixadas nestas compridas campas, por amor, cortesia ou obrigação misturaram-se no ar. O senhor dá ares de quem lhe chamaria um florists team building ou uma fusão de tendências da arte floral, da maneira como todas se tornaram uma só coroa pelo bailado nesses ares. Escusa de arregalar a vista, também leio o jornal e outras cousas mais, estou a par da linguagem moderna. Gosto de saber de que mundo são os que aqui se enterram e aqueles que os espreitam pelo seu próprio andar, escusado será acanhar-se comigo. Mas todo o vento assenta, mesmo depois de me ter desfeito uma ou outra pedra, um ou outro trabalho de arrumos. Saiba, o morto que se deita neste lugar não beneficiou da direção do vento. O espetáculo floral em remoinho abateu-se todo por cima dele. Esta árvore que lhe faz sombra no quente do verão, e olhe que aqui o verão sufoca de queimor, deixou ceder uma pernada, no lugar onde, pela lógica, deve estar a cabeça do falecido que vem visitar. Uma senhora pernada, digo-lhe. Fazia uma árvore daquelas além. Precisei de ir buscar a serra, a única que cá tenho, que é de meus pertences e que só funciona com a força dos braços. Levei todo o dia tentando desfazê-la em três bocados, para arrastar a pernada daqui para fora. Tinha um morto encarcerado, submerso, abalroado naquilo a que chamam "descanso eterno". Trabalhei o mais rápido que consegui para o aliviar do peso. Quatro carrinhos de entulho levei deste canto. Lavei as roupas ali no tanque com as mãos doloridas da serra. Esfreguei os toucinhos colados à pele que me constitui e deitei-me de cuecas. Dormi o quanto bastasse até vir o sonho dando-me conta do sonho aflito do morto que aqui dorme. Sabe, há traumas que ficam no subconsciente e nos espreitam na dormida. O tronco tinha peso para magoar um morto, não

tenho dúvidas porque fui eu quem o carregou. Só cá estava eu mais ele. Aliás, com ele só cá tenho estado eu. Se eu não lhe viesse acudir, quem viria? Muito me espanta encontrar visita depois destes anos em que temos sido só nós dois. É natural que me arrelie, que me levante do quente conforme estou para vir ver se está tudo na normalidade, para lhe dar duas ou três palavras de aconchego e o descansar, que se o vento se levantar outra vez, outra vez lhe limparei a campaa. Se a alta instância ainda assim me sancionar, eu digo-lhe onde guardo a serra e como se usa o tanque.

— Meu pai. O morto aflito. Outro dia volto.

«Quatro carrinhos de entulho levei deste canto. Lavei as roupas ali no tanque com as mãos doloridas da serra. Esfreguei os toucinhos colados à pele que me constitui e deitei-me de cuecas. Dormi o quanto bastasse até vir o sonho dando-me conta do sonho aflito do morto que aqui dorme.»

SALTANDO DO PARÊNTESES

NA PAREDE DE ALGUÉM, NÃO VEJO EU A MINHA

INÊS
PINTO

*"Eu não tenho paredes.
Só tenho horizontes."*

Mário Quintana

Nos momentos difíceis esquecemo-nos, não raras vezes, de prestar atenção a detalhes que desvalorizamos, mas que nos obrigam a rever toda a nossa humanidade.

O meu pormenor foi uma parede. Naquele dia, mal a manhã abria a sua cortina, reparei num som ritmado, ainda que incómodo. O olhar de lince alcançou uma casa em construção, onde um vulto, com um martelo perfurador, talhava retângulos numa parede. Apreciei a luta, homem e objeto, durante alguns momentos. Com o picotado em realce, o semblante pousou o martelo e muniu-se de uma marreta. Braços puxados atrás em busca de balanço e a força humana investiu contra o retângulo tatuado na parede, a fraqueza que a derrubaria. Mais de uma dúzia de pancadas persistentes, a irmandade de tijolos cedeu e despedaçou-se aos seus pés. Senti um formigueiro com aquele



desfecho e decidi não pensar mais em paredes. A minha mente, em brincadeira, defendeu-se e lembrou-me que Paredes é uma bela cidade para praticar Karting. Ri-me da associação.

Nessa semana, o dia a dia encarregou-se de me emparedar os pensamentos, que constantemente embatiam em situações onde a parede parecia ser o foco principal: na natação, sorri ao ver como uma atleta se apoiava na parede para alongar; uma lenda da minha cidade desenhou-se na parede lateral de um prédio; enquanto lia, admirei a criatividade que Allan Poe vertera numa parede. Vasculhei as recordações na busca inglória de um significado para a minha curiosidade intelectual se debruçar sobre as paredes dos outros e ignorar a minha. Sem aviso, a minha mente decidiu que era altura de compreender o meu transtorno. Recordei o dia em que vi a minha infância estilhaçada numa parede. Aos oito anos não se perde tempo a filosofar sobre as

injustiças que encontramos nas rotundas da vida. O anoitecer dizia-me que o pai precisava de comer. A bebida não era alimento — no seu caso, tornara-se a fonte de viver. O tabuleiro chocalhava no caminho até à cama, mas a minha vontade de ajudar superou o receio. Acreditava que podia trazer de volta o seu ar divertido e voz meiga.

Tal como num filme, desde o tabuleiro a voar até ao estrondo dos cacos decorreram séculos de segundos. Não perguntei a razão, talvez não a compreendesse ou não quisesse confirmar que precisava de abandonar a criança feliz que fora até ali. Dirigi-me à cozinha e trouxe um saco, o alguidar, a esponja e o detergente. Sob uma chuva de palavras que tentei não ouvir, limpei tudo, menos aquela mancha na parede, a marca definitiva de um ciclo que se iniciava sem que eu o pudesse retardar.

Hoje compreendo o motivo de não apreciar fotografias ou quadros pendurados nas paredes. Por isso, as paredes dos outros parecem mais acolhedoras do que as minhas. Não por uma questão de estética, mas porque a minha memória infantil assim o impôs. Construí um muro aos oito anos que permanece intocável e esta conclusão abana os alicerces da minha alma. Pela primeira vez, analiso as minhas paredes, feitas de recordações, onde desfilam quadros tristes, onde projeto aquela cena vezes sem conta, onde sei que se finou a minha infância.

Sacudo os pensamentos, mas é inevitável voltar às minhas profundezas. As paredes ressoam lágrimas, escondem segredos, protegem do Bem e do Mal; elas impediram que uma menina de oito anos continuasse a sonhar com nuvens de algodão doce.

Perguntei a alguém como eram as suas paredes. As dúvidas surgiram no olhar e o sorriso denunciava incredulidade. Insisti. «Nunca pensei nisso. Sei lá. São somente paredes.»

Regresso a casa e sento-me à secretária. Deixo a minha imaginação fluir a partir de um ponto imaginário na irmandade de tijolos que se perfila à minha frente: paredes feitas de esponja para os desesperados; decoradas com pepitas

de chocolate para os gulosos; marcadas com palavras para os que querem desistir. Tudo isto projeto nas paredes dos outros. E nas minhas? Continuo a querê-las luminosas, resistentes e vazias de emoção. Neste momento, sei com toda a certeza que acabei de derrubar parte do muro que construí com as atitudes e palavras de outros, aquele muro que uma criança de oito anos ergueu ao limpar uma mancha na parede.

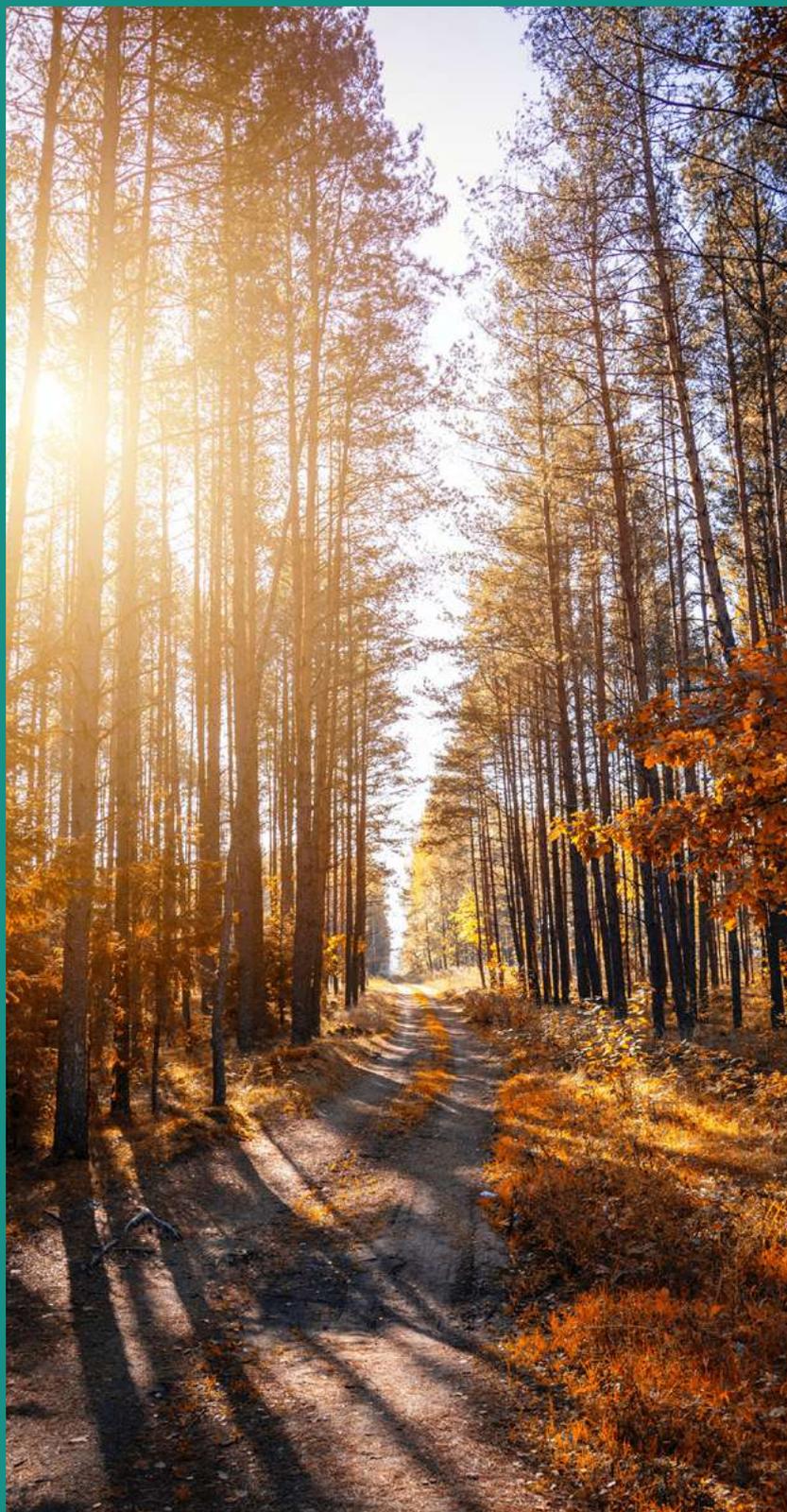
**«Nessa semana,
o dia a dia
encarregou-se de
me emparedar os
pensamentos, que
constantemente
embatiam em
situações onde a
parede parecia ser
o foco principal: na
natação, sorri ao ver
como uma atleta se
apoiava na parede
para alongar; uma
lenda da minha
cidade desenhou-se
na parede lateral de
um prédio...»**

SALTANDO DO PARÊNTESES

SÃO OS OUTROS QUE NOS DÃO VIDA

MARGARIDA
RUIVO

Há sempre um ponto de partida e de chegada quando se conjuga a palavra vida. Se descartarmos a primeira letra entendemos que nela está implícita apenas uma direção, um horizonte sem retorno que nos instiga a avançar até que a nossa existência cesse. Ao longo da estrada que se estreia com o nascimento e se extingue quando a morte nos acolhe na sua morada, reconhecemo-nos como seres em continuidade. Vamos tornando quem somos, aprendendo, crescendo e tomando as nossas próprias decisões. Mas também já estamos alinhavados, sem grande margem para manusear as escolhas que fazemos, porque habitamos um momento histórico, submetemo-nos às gramáticas sociais dos que estão próximo, apropriamo-nos da herança de um mundo desenhado antes de nós, por quem nele viveu e partilhou o seu saber, sem exigir o nosso esforço. É como



se existíssemos de duas formas em simultâneo. Surgimos a partir do outro e esse processo persegue-nos ao longo da vida. Cada um de nós é formado por milhares de outros que, por sorte ou por azar, participaram nessa construção e são parte do que somos e do que pensamos. Porque o sentido da vida humana não se resume a um monólogo, mas resulta da incessante multiplicidade de vozes e silêncios da multidão que conosco se cruza e do legado dos que já desapareceram.

É essencial a intervenção do outro para que as nossas vidas sejam exploradas na sua plenitude, com um propósito que nos permite experienciar tudo o que o mundo está disposto a conceder. Mas reconhecer e aceitar essa necessidade é arriscado, e pode ser perigoso. Deixa-nos expostos, vulneráveis, subjugados à aceitação do outro, cuja presença nos pode acrescentar valor ou abandonar-nos às portas do inferno.

Há quem prefira entregar-se ao egoísmo ou à covardia, numa rejeição que proíbe a criação de vínculos durante uma vida inteira, em que os sentimentos são banalizados e os compromissos descartados, transportando corações que morrem sem emoção porque não autorizam o toque para além da superfície. Não se atrevem a semear os terrenos que atravessam, nem a colher deméritos, méritos e outras virtudes de quem tem vontade de os abraçar. Viajam carregados de medos, angústias e frustrações; calam desejos e aspirações, elegendo o conforto de uma vida acética, num entorpecimento que evita o risco de se verem desnudar perante terceiros, ignorando que é através deles que vem o conhecimento sobre si mesmos.

Imersos na supremacia da independência, carregam a cultura do individualismo e o espírito hedonista, que desaprova a humildade capaz de reconhecer que são as relações duradouras que nos atestam a alma, e que o fascínio da conjugação do verbo viver não está num corpo oco e desabitado.

São os outros que vestem a primeira letra da palavra vida. São eles que nos preenchem. São os outros que nos dão vida!

«Não se atrevem a semear os terrenos que atravessam, nem a colher deméritos, méritos e outras virtudes de quem tem vontade de os abraçar. Viajam carregados de medos, angústias e frustrações; calam desejos e aspirações, elegendo o conforto de uma vida acética, num entorpecimento que evita o risco de se verem desnudar perante terceiros, ignorando que é através deles que vem o conhecimento sobre si mesmos. »

SALTANDO DO PARÊNTESES

NOTAS SOBRE O OUTRO

MIGUEL
ARRANHADO

Que direitos posso reclamar para mim? nenhuns. Sem família, ligações ou cidadania. Amigos, sim, mas nada de muito vinculativo e legal. O visto de residência que precisa de ser renovado. Nada que ligue. Nada que crie raízes.

E assim chegas. Tu que (provavelmente) também não tens qualquer direito a esta cidade, a este país. Vens com o olhar bem desperto, a saber nada. Chegas a este local que não te aceita inteiramente. Tu, o Outro. Sempre, o Outro. Sempre a ser colocado no lado de fora, a ser a constante presença no lado de fora. O constante questionar se sabe falar a língua de cá, se gosta da nossa comida, das nossas cidades. O questionar sobre de onde vens, ao que acabarás por eventualmente responder — depois de viveres cá há mais de uma década — "no fundo da rua" e todos se vão rir e dizer "não, a sério, de onde és realmente?"

O teu avião aterra num aeroporto, um local que não existe, uma passagem, onde ouves histórias em que acreditas sem questionar (como não?), porque até as histórias mais surreais soam a



verdade, quando estás num país sobre o qual pouco sabes. Desembarcas e tentas dar mais cor ao teu olhar. Entras no metro para chegares ao centro da cidade, porque é o centro deste novo mundo, o centro onde tens de chegar, esquecendo o nome da rua que seria o teu destino. Tudo é um labirinto confuso e a tua cabeça ainda está dentro de um avião a caminho de ti. Perdes-te nos corredores a caminho desse centro desconhecido e sentes a tua preocupação, a tua solidão, o Outro que és, e tentas encontrar o teu ritmo num novo espaço. Com a vida inteira guardada apenas em algumas malas, procuras o teu caminho por entre a multidão de novas caras, indo contra mulheres de salto alto, passando por homens de fato e olhando com atenção para as paredes cheias de anúncios numa língua tão distante da tua. E tu só sabes dizer "Obrigado", aquela palavra que parece vir de outro mundo, mas que viajou quilómetros até ao país que deixaste para trás.

Na memória, ficam os primeiros momentos em que saíste do labirinto de corredores das estações de metro. Sais de debaixo da terra no Marquês de Pombal. Ênfase em pom, porque ainda não sabes falar português, ainda não sabes como dar a entoação certa às palavras. Olhas à tua volta. Tudo, mas mesmo tudo, é novo. Não vês, cheiras ou ouves

algo familiar à tua volta. Ficam os carros de todas as formas. Os montes de cigarros pisados no meio do chão. Os posters rasgados nas paredes. Os bares e restaurantes cheios de gente. a forma como as luzes iluminavam a rua, dando à noite um brilho especial. As barbearias a fechar, os últimos varredores na rua, a pressa dos que querem chegar a casa, o grupo de pessoas a falarem, enquanto fumam um cigarro, e as várias lojas que se seguem umas atrás das outras.

Lembra-te de como o teu palato era diferente, quando chegaste. Como compreendias tão pouco de comida, tu, o Outro, o pagão que batizava cada prato de comida com o máximo de molho que conseguia. Como não sabias a diferença entre os vários tipos de peixe, como tinhas medo de experimentar algo que não conseguias pronunciar corretamente, como confundias os vários tipos de pratos de bacalhau que existem, como era inimaginável para ti comeres alguns queijos, por causa do seu aroma forte. Como vais demorar anos até conheceres o Polvo à Lagareiro e muitos mais anos até gostares de azeite, até perceberes a magia que é molhar o pão em azeite, até começares a exigir que coloquem bastante no teu peixe grelhado, peixe esse que já saberás dizer o nome... São precisos muitos anos para dares um novo instinto ao teu gosto por comida, para treinares o teu corpo a desejar estes sabores estrangeiros, sabores que se vão tornar, aos poucos, nativos, sabores estrangeiros para a tua boca e para o teu cérebro, uma boca e um cérebro que se vão reconstruindo para conseguirem navegar pelas belas nuances desta terra que se vai tornando cada vez menos estrangeira.

Quanto mais conheces, mais acumulas em ti — locais que, na realidade, são memórias, são dores, alegrias, tristezas e remendos, são recordações guardadas nos recantos desta cidade e aos quais não vais regressar. E assim, os nomes de alguns locais transformam-se, temporariamente, em campos de minas, enquanto outros te enchem coração. Com o passar do tempo, a grande maioria acaba por se tornar num local como tantos outros. Lembra-te das tuas primeiras noites de verão num

quarto nada preparado para o calor que fazia, os mergulhos nas praias mais próximas, as noites na varanda a observar uma cidade em silêncio e os candeeiros a brilhar ao longe. Lembra-te dos monumentos, dos edifícios, das ruas. Destas outras casas, outras estações, outros cafés, outros restaurantes, outras caminhadas à noite, sempre a sentires-te de fora, sempre o Outro, a olhar para dentro.

E assim chegas. Tu, o Outro. Chegas a esta cidade onde não podes reivindicar nada para ti, chegas com a mente em branco, uma mente pronta para recomeçar, a achar que sabe muito pouco, quando, na realidade, não sabe nada. É melhor dessa forma, para não te iludires. Saboreia bem estes inícios, momentos que não se podem repetir, repletos de caos, que ficam impressos na mente de um novo visitante, desejoso, cheio de energia, facilmente impressionável. Estes instantes vão continuar cristalinos na tua memória muitos anos depois de teres chegado àquele aeroporto, depois de te teres perdido no metro, depois de teres ficado preso entre a multidão, depois de teres fugido ao labirinto das estações de metro e teres emergido no centro desta tua nova cidade, para, finalmente, dares os teus primeiros passos dentro dela.

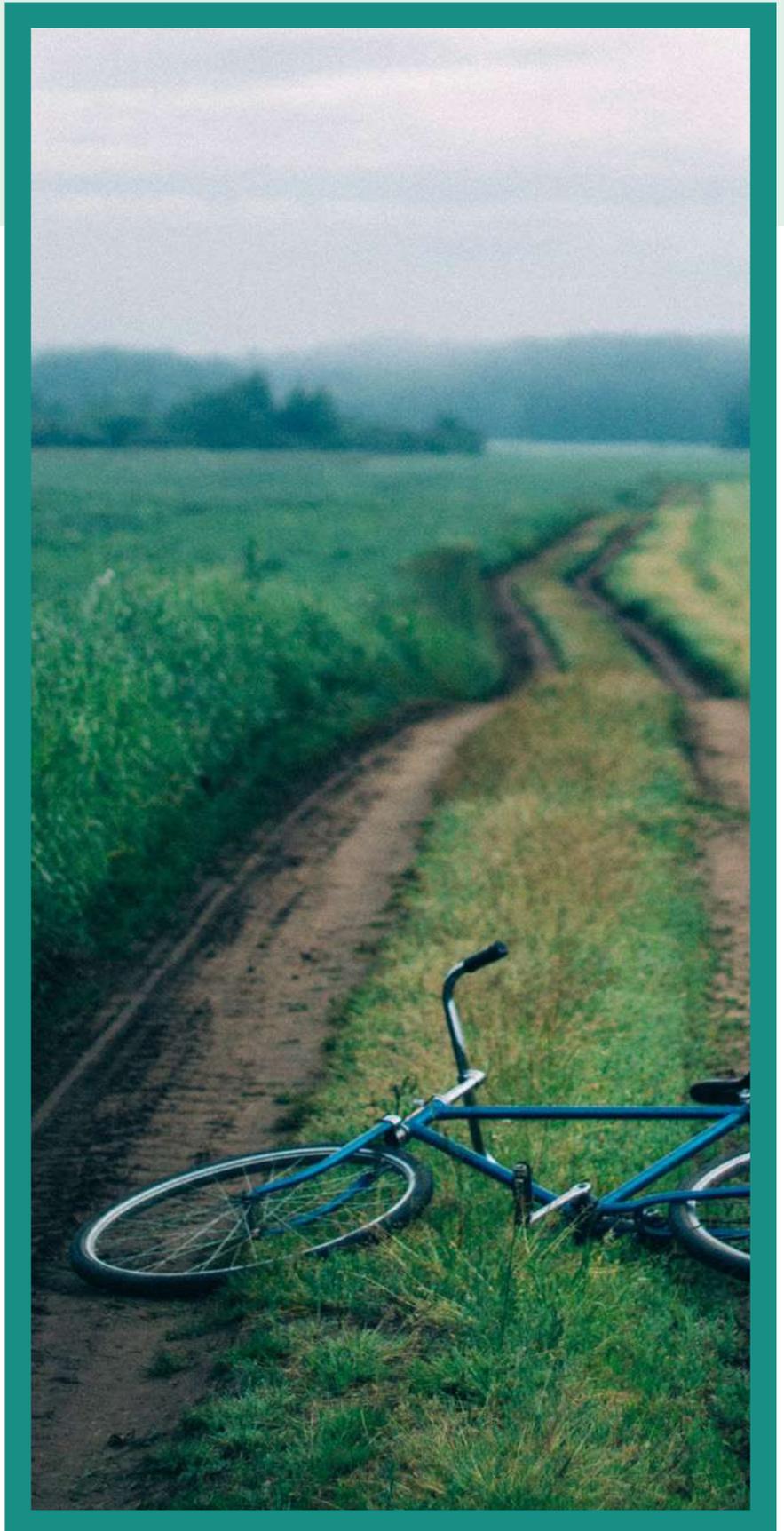
**«Quanto mais
conheces, mais
acumulas em ti
— locais que, na
realidade, são
memórias, são
dores, alegrias,
tristezas e
remendos»**

É COMO CAIR DA BICICLETA

NUNO
GONÇALVES

Eu devia ter uns sete anos, mal crescidos, e aquela engenhoca instável de metal, assente apenas em duas rodas, ainda me intimidava.

— Vá, pedala, que não te largo — dizia o meu avô, ajudando-me a equilibrar, com uma mão no selim. E eu sabia muito bem que ele ia largar. Talvez até já tivesse largado após aquelas duas primeiras pedaladas e todo eu abanava, qual trapezista manco, a tentar manter o equilíbrio, a direção e a calma. A calma perdi-a, em primeiro lugar. Logo a seguir, foi-se o controlo sobre o guiador e dei por mim a pedalar em direção ao muro, tentando que a bicicleta mudasse de rumo pela força de gritos aflitos. O muro acolheu-me com a meiguice possível e o chão também fez o que pôde para não me esfolar os joelhos em demasia. Estava ainda a decidir se enxugava as lágrimas ou o ranho, quando sinto o meu avô aproximar-se e, talvez por achar que o chão e o muro foram demasiado brandos comigo, prega-me uma valente bofetada que me arrancou os óculos da cara.



Sempre interpretei essa bofetada como fruto de frustração. Poderia também ter sido uma daquelas palmadas que damos a um qualquer objeto eletrónico que se tenha decidido a deixar de funcionar e o meu avô tivesse esperança de que eu sofresse apenas de mau contacto e não de crónica falta de jeito. Ainda assim, talvez a frustração seja a melhor explicação.

O meu avô dedicava-se a cada projeto com toda a energia, não como se a sua vida dependesse disso, mas como se a existência da própria Humanidade estivesse dependurada dos seus esforços. Tudo era igualmente importante, igualmente digno da sua dedicação e raiva: política, futebol, família, ensinar o neto a andar de bicicleta.

Quando, ainda antes dos seus cinquenta anos, o coração o avisou que estava a viver depressa demais, atirando-o para a mesa de operações após um enfarte, voltou a sua força para a bicicleta. E, como não se ficava em nada por meias medidas, transformou o sedentarismo numa paixão absoluta pelo pedalar que acabou por lhe garantir mais umas décadas de vida.

Por isso é que interpreto aquela bofetada como frustração. A frustração de não perceber porque é que os outros não se conseguiam oferecer por completo a um projeto, não agarravam as tarefas com a mesma determinação e porque é que os outros se contentavam com a mediocridade e não lhes eram intoleráveis os falhanços.

É provável que eu não tenha interpretado desta forma a dor que sentia na bochecha naquela altura. É possível que tenha apenas percebido que era melhor calar, engolir e voltar a tentar, depois de recolocar os óculos nas orelhas. Cheguei ao fim daquele dia esfolado, derrotado, calado. E ainda sem me conseguir aguentar em cima da maldita geringonça. Haveria de acontecer. E haveria de passar inúmeras horas e incontáveis quilómetros a pedalar atrás do meu avô (já que era um ótimo corta-vento), enquanto íamos descobrindo o Alto Minho.

Não lhe herdei a garra nem a determinação, porém, reconheço em mim uma disponibilidade para a obsessão numa nova aprendizagem, assim como o meu avô fez, quando as pernas deixaram

de permitir tantas aventuras na estrada, e se dedicou à pintura.

Também não herdei aquela vontade de vencer a vida a correr, mesmo que para isso fosse preciso libertar as fúrias e raivas contidas.

Mas aprendi com ele.

Aprendi que nem sempre nos estendem uma mão quando estamos caídos. Que nem sempre a bonança segue a tempestade. Que, por vezes, ninguém nos ajudará a erguer quando estamos desamparados.

Aprendi que quando damos por nós no meio do chão, quer seja por aselhice nossa ou pelas intempéries do caminho, o melhor é sacudirmo-nos, levantarmo-nos e voltar a montar no selim, antes que a vida nos pregue uma bofetada.

«É provável que eu não tenha interpretado desta forma a dor que sentia na bochecha naquela altura. É possível que tenha apenas percebido que era melhor calar, engolir e voltar a tentar, depois de recolocar os óculos nas orelhas.»

SALTANDO DO PARÊNTESES

VONTADE DE SER DIFERENTE

SÍLVIA
BERNARDO

Chamo-me Maria, tenho 35 anos, e desde a mais tenra idade procuro dar um rumo à vida. Cedo, foi-me perguntado o que queria ser quando crescesse. Do pouco que me lembro, a imagem que visualizo facilmente é que a maioria das crianças queria ser polícia ou cabeleireira — talvez porque na altura era normal ter como modelo a seguir uma figura cativante do dia a dia do comum mortal. Do que me contam, sei que ainda pequenita dizia que queria ser mãe — como se mãe fosse a única coisa que realmente poderia ser um dia. Mais tarde, no jardim de infância, foi-me pedido que me desenhasse na profissão que queria para o futuro: desenhei-me enquanto professora.

Numa fase da vida a que a memória já chega sozinha, recordo-me que, sempre que uma pessoa presente na minha vida me fascinava num ou noutro aspeto, eu passava a ambicionar ser como essa pessoa. Houve um período em que queria ser arquiteta, como a minha amiga Alice, porque ela sabia que o queria ser, desenhava plantas de casas com lápis e canetas de cor



e ensinou-me a fazer o mesmo. Quando penso nisso, não sei o que me fascinava mais, se a beleza das casas ou o facto de ela saber com tanto afincado o que queria ser um dia. Hoje, é uma arquiteta de sucesso. Depois, chegou a fase de adoração pela minha irmã — continuo a adorá-la, mas agora com olhos mais astutos. Queria ser e fazer tudo como ela: desde a forma de vestir à forma de estar; um ídolo. Entre o que fazer e não fazer, de modo passivo, aprendi muito ao admirá-la. É a influência mais importante na minha vida, agora enquanto pilar de suporte a cada passo e decisão tomada.

Noutro momento, por ocasião de concorrer à universidade, tive a oportunidade de escolher por mim e para mim, mas tinha a faceta de "eterna indecisa" — até para escolher um gelado tinha de me sentar à frente da placa e ponderar bem as opções; quando tomamos uma decisão abrimos uma porta e fechamos muitas outras e eu sempre me preocupei

mais com as que se fecham. Não foi fácil. Acabei por optar por um curso que acreditava querer, para logo concluir que o fizera por influência do meu pai que queria uma "doutora" em casa e me falou nele. No entanto, a vida encarregou-se de me voltar a encarrilar no caminho certo — fui colocada apenas na segunda fase e segui com medo do futuro.

Os anos fluíram e surgiram vozes distintas que me despertaram para a realidade. "O que te torna interessante é não seres igual às outras." "Esta menina sorri com os olhos." "Tão cedo e com uma personalidade tão forte." "Maquilhada perdes a tua essência." "Os outros são os outros." Emergiu em mim uma corrente de energia que trouxe novas vontades: que tal começar a focar-me no que gosto e quero para mim? Que tal ser eu? Percebi que os outros são muito bons nas nossas vidas, mas eu quero ser diferente. Não ser apenas mais uma ovelha do rebanho e, ao invés, ser o patinho feio, porque se diferencia dos restantes — tudo é uma questão de perspectiva. Já dizia Oscar Wilde "Most people are other people. Their thoughts are someone else's opinions, their lives a mimicry, their passions a quotation".

No meu grupo de amigos, éramos alguns rapazes e sete raparigas e, intrinsecamente, havia muitas chatices associadas. Comigo, viram negra vida, eu era a "aderente resistente". Não gosto de fazer algo "porque toda a gente faz". Por exemplo, beber café no espaço da moda, ou tirar fotos em determinados sítios e de determinadas maneiras, ou ouvir aquela música "porque é o que toda a gente faz, agora". Ainda hoje, ofereço resistência em ceder ao que as massas seguem. Nasceu em mim a vontade de ser diferente e o inconformismo.

Contudo, esse desapego das vontades dos outros, trouxe um período de divagação pela vida. Continuei no mesmo sentido porque é o que se espera de nós, apesar de não sabermos onde queremos chegar. O que eu considerava tempo desperdiçado, levou-me ao sítio em que devia estar, no exato momento, para ter a epifania que me faltou a vida toda — foi tempo precioso. E agora?

Depois do longo caminho, continuar à espera de poder ser quem se quer ser deve considerar-se uma forma de tortura, ao passo que o saber finalmente é uma forma de magia. O mais irónico foi perceber que andei às voltas dentro de um percurso fechado e que afinal a resposta esteve sempre no início, em mim própria — mãe e professora. Se a vida não escreve piadas sozinha! Ainda assim, continuo com vontade de ser diferente e, se o destino existe, acredito que terá escrito uma linha distinta para mim. Serei só eu ou temos todos esta vontade? Por mais únicos que queiramos ser, fomos sempre buscar uma entrelinha a outro, porém, em nós, ela tem um novo contexto e leva a outro significado. O importante é mantermo-nos fiéis a nós mesmos, adicionar à receita os pozinhos mágicos de confiança e avançar.

«Contudo, esse desapego das vontades dos outros, trouxe um período de divagação pela vida. Continuei no mesmo sentido porque é o que se espera de nós, apesar de não sabermos onde queremos chegar.»

DAR UMA NOVA OPORTUNIDADE AO AMOR

CIDÁLIA
SANTOS

Ainda vale a pena acreditar no amor? Quantas vezes colocamos esta pergunta a nós mesmos e pensamos que nunca iremos encontrar um grande amor? Os desgostos, causados por relacionamentos passados, criam muros que nos aprisionam.

Por outro lado, a pressão da idade, da família, da sociedade ou o medo de ficarem sozinhas levam muitas pessoas a somarem ligações superficiais. Saltam de relação em relação, para superarem esse vazio.

Uma vez disseram-me "Nem todas as cobras são venenosas". Esta frase ainda permanece na minha memória. Uma verdade.

Porém, inúmeras vezes colocamos rótulos a todas as pessoas que aparecem no nosso dia a dia e refugiamo-nos na solidão.

Com medo das lágrimas, não deixamos entrar os sorrisos.

E se, de uma forma

**«Uma
verdade.
Porém,
inúmeras
vezes
colocamos
rótulos a
todas as
pessoas que
aparecem no
nosso
dia a dia e
refugiamo-nos
na solidão.»**

inesperada, surgir alguém que queira partilhar esta viagem connosco, que nos faça sentir vivos, apaixonados e com vontade de trilhar novamente sonhos? E se essa pessoa, apesar de insistirmos em não lhe abrir a porta, continua a acreditar num caminho ao nosso lado?

Podem surgir as dúvidas e as lembranças dos amores falhados, mas deixemos que nos ajude a limpar as nossas feridas. Não tenhamos medo de ser sinceros e de partilhar as nossas angústias. Essa pessoa não tem culpa da queda das outras relações, viveu também as suas histórias, mas está disposta a lutar por nós e connosco. E ainda que os abraços sejam uma miragem, essas almas já se entrelaçaram há muito tempo.

O amor continua a mover o mundo. Vamos dar-lhe uma oportunidade?



QUERO SER COMO OS OUTROS

DANIELA
ROSA

Há algum tempo, em conversa com o meu marido, comentei que estavam a decorrer formações na empresa onde trabalho. Pensava que só me podia inscrever numa delas pela forma como foram anunciadas as vagas, então só me inscrevi numa, contava-lhe. Contudo, depois descobri que vários colegas se tinham inscrito em todas.

— Estou cheia de trabalho! Escolhi a formação que tem o horário pós-laboral, mas há pessoas que se inscreveram em todas! Como é possível? — contava-lhe, num tom um pouco indignado. — Se os meus colegas fazem todas as formações, também vou fazer. Não sou mais tola do que eles!

A resposta do meu marido foi breve e incisiva:

— Mas o que é que tu tens a ver com os outros? Que mania essa de te comparares com as outras pessoas.

Fitei-o por cima dos óculos, com um olhar pensativo. Queria responder-lhe algo, mas nada me ocorria. Aquela conversa deixou-me a pensar. Porque me importava assim tanto com o que os outros faziam ou não? Realmente era verdade. Eu dava muito valor à opinião alheia. "O que posso fazer para contrariar ou melhorar isso?", pensei. A resposta surgiu instantaneamente, aceitar-me como sou, esse seria o primeiro passo.

Todos nós temos defeitos e qualidades. Não somos seres perfeitos, mas seres em evolução. Peguei numa folha de papel e comecei a escrever todas as minhas qualidades. Isto fez-me sorrir e senti gratidão pela pessoa que sou. Logo depois, fiz outra lista, com os tópicos que gostaria de melhorar como: às vezes falar sem pensar, procrastinar, ser indecisa, etc. Também incluí na lista características físicas que não gostava em mim e que não conseguia mudar e ao lado escrevi uma vantagem associada a essa qualidade. Por exemplo: sou baixa — não bato tanto com a cabeça nas coisas.

Outro aspeto de que me apercebi ser necessário mudar: o pensamento negativo e o medo de errar. Parei de dar tanta importância a tudo e comecei a descomplicar. Cada vez que entrava em pânico e achava que o pior iria acontecer, substituía esse pensamento por outro pensamento oposto e motivador. E se algo não correr bem, há que aceitar que errar faz parte do processo. Errar e corrigir é o que nos faz melhorar. A vida é feita de experiências. Se nunca me permitir errar, nunca irei fazer nada de novo, nunca irei avançar. Jamais alguém melhorou por "chicotear-se" vezes e vezes sem conta, sobre algo que fez mal. Sê a tua própria cheerleader! — escrevi em maiúsculas no caderno.

Assim, comecei a desenvolver o hábito de dar uma palmadinha a mim própria nas costas. Cada vez que corria algo bem, fazia uma pequena dança de vitória e dizia a mim própria: "Boa miúda! Continua!" Quando algo corria menos bem, fazia ajustes, anotava esse tema na minha lista diária de "o que aprendi hoje" e ao lado escrevia o que faria de diferente.

Não tenho de pensar duas vezes, ou comparar-me com alguém antes de fazer algo, tenho de sentir se aquilo, se aquela peça se enquadra com o puzzle da minha vida. O reflexo no espelho é o meu, não o dos outros. Por isso, tenho de ter a coragem de ser quem sou. Como diz a autora Júlia Domingues, "(já) não é sobre ser melhor do que os outros, é sobre sermos melhores do que ontem." Que o hoje seja sempre um caminho em direção a melhores versões de nós próprios, a cada passo que damos. Não quero ser igual às outras pessoas, quero ser quem eu sou. Isso sim requer coragem.



Cinquenta anos, um marco na vida, faz-me pensar sobre onde cheguei e o trilho que falta percorrer.

Nesta reflexão, posso adotar as seguintes posturas: lamentar as decisões que tomei, chorar pelas experiências que não tive e queria ter, ou ficar grata pela viagem e pelas pessoas que encontrei. Todas me ensinaram. No caminho, houve vários encontros e desencontros. Pessoas que, de alguma forma, deixaram marcas negativas, emaranhados de nós, pensamentos ruminantes, angústias.

A ingenuidade inicial, a pouca experiência de vida, o acreditar nos valores da verdade, da honestidade, do amor, fizeram-me confrontar com o menos positivo das pessoas e passar por desertos existenciais. Todas as moedas têm duas faces. Não há uma única verdade e uma única realidade, mas, antes, há várias verdades e várias realidades.

Uma grande força na vida é podermos escolher o guião e mudar o argumento, os cenários e as personagens que contracenam connosco.

**«Tantas
pessoas se
cruzaram
comigo, entre
pontes, ruas
estreitas,
encruzilhadas
e avenidas.
Não importa o
que deixaram
ou levaram. O
mais valioso
é que fizemos
caminho.»**

Desatando os nós, muitos laços se criaram que me deram muito amor: a família, os amigos, seres sem conta que me ajudaram a descobrir o meu eu, a encontrar quem sou. Nos seus olhos vi os meus olhos, nos batimentos dos seus corações bateu o meu coração. Os laços que vamos criando constroem uma manta de retalhos de afetos que enformam a vida. "Eu sou", porque existem os outros, mas não sou "eles". A descoberta da autenticidade, do propósito de vida é uma viagem individual. Tantas pessoas se cruzaram comigo, entre pontes, ruas estreitas, encruzilhadas e avenidas. Não importa o que deixaram ou levaram. O mais valioso é que fizemos caminho. Cinquenta anos de vida, novas oportunidades me esperam. Não é o fim, é o começo de novas viagens, com múltiplos itinerários. Pode ser para uma cidade do interior do país, quem sabe até Roma ou Paris. Desatemos os nós que nos aprisionam e construamos laços que nos dão raízes e asas.



OS OUTROS NÃO SOMOS NÓS

JÚLIA
DOMINGUES

Quando nascemos, nascemos nós. Nascemos despidos de roupas e ignoramos o preconceito. Dizem os antigos que já trazemos a alma carregada com a própria essência e que não haverá ninguém igual a nós. Somos seres especiais – convencem-nos. Viemos ao mundo para sentir, realizar e...agradar. Só que, aqui, o "agradar" é camuflado pelo mantra "ser feliz". Ah! Agora sim; viemos ao mundo para ser feliz. Soa melhor.

Mas o que é isto de vir ao mundo para ser feliz?

É simples (ou deveria ser). Ser feliz é exaltar a nossa essência, engrandecê-la, deixá-la sair cá para fora, celebrá-la todos os dias e vivermos (de) bem com isso. No fundo, ser feliz não deveria ser mais do que a possibilidade de sermos nós. Como quando nascemos, que nascemos nós (e não com uma carrada de pessoas à volta a impingirem-nos a fórmula da felicidade).

Nenhuma criança quando vem ao mundo é autónoma. Aliás, nenhum ser vivo quando nasce é autónomo. Todos precisam dos outros para se alimentar, para matar a sede e para dar os primeiros passos. O que acontece a seguir é o que nos distancia dos outros animais.

Enquanto uns aprendem a ser livres e felizes, sem depender dos seus pares, nós, os tais seres especiais, continuamos dependentes que os outros nos digam como devemos ser felizes.

Desde (demasiado) cedo condicionamos a nossa vida para agradar os outros, convencidos de que assim iremos encontrar a felicidade. Se fizermos isto, os outros vão gostar de nós; se dissermos aquilo os outros vão ficar felizes; se nos comportarmos assim não desagradamos aos outros e se não desagradarmos (muito) aos outros, talvez os outros se agradem por nós. E se os outros gostarem de nós, então (já) podemos ser felizes.

Só que.

O tempo passa e percebemos (e sentimos) que os outros, muitas vezes, pesam-nos mais do que nos aliviam, diminuem-nos mais do que nos acrescentam e doem-nos mais do que saram. Pautamos a nossa existência por comportamentos subordinados às expectativas que os outros têm sobre nós e não pela partilha da nossa verdadeira essência com os outros. É desta forma que os outros nascem na nossa vida. Os outros isto, os outros aquilo. Os outros fazem, os outros acontecem, os outros dizem, os outros acham.

Só que.

A vida é hábil. E teima em colocar as coisas (e as pessoas) no sítio certo. E é quando isso acontece que percebemos que por mais que os outros sejam importantes na nossa vida (e são), não podem ser mais importantes do que nós. Não podemos deixar que os outros se substituam à nossa felicidade. Não vamos agradar a toda a gente. Nem todos vão aceitar as nossas escolhas. Os outros não somos nós e (só) cada um sabe o que se passa dentro de si.

Só que.

Passamos metade da vida a tentar agradar os outros para que depois sejam os outros a ensinarem-nos que quem vive (só) para agradar os outros, não se consegue agradar a si.



"Quem quer, quem quer casar com a carochinha?"

A felicidade encontra-se para além das nossas janelas?

"Ninguém gosta de mim", "Ele não me faz feliz", "Não tenho sorte nenhuma", há quem diga, aguardando dos outros o direito a ser venturoso. Que trapalhada! Não nos conhecemos como fonte de amor, e dificilmente amamos, no sentido mais profundo da palavra. Cobramos.

Ainda hoje repercute no mundo o que há dois mil anos uma alma nobre aconselhou sobre o amor: "Ama ao próximo como a ti mesmo"¹. Uau! Afirmação tão poderosa que parei para me questionar: "Como medir o amor que sinto por mim?"

Afinal, quem somos? A nossa essência passa-nos de lado. Isso é mau.

Desorienta-nos. Cingirmo-nos ao que mostra o cartão de cidadão, o diploma, ou a nacionalidade, não será redutor? Ficar à janela de nós mesmos e aguardar um não sei o quê?

Somos mais que um simples corpinho. Vários são os relatos e estudos científicos que nos levam a um entendimento da vida, para além do que é visível.

Pedro, desde pequeno, falava um idioma desconhecido dos progenitores. Descobriu-se que era

japonês. Já adulto, ao visitar o Japão pela primeira vez, identificou uma série de lugares como se já os conhecesse.

Lara, com dois anos, afirmava que teria sido pai da sua avó.

"Noutra altura" dizia ela, apresentando argumentos que deixavam a avó a pensar.

Lulu, ao acordar do coma, sorriu, afirmando que deixara de ter medo de morrer. Estivera num lugar no mundo espiritual, algo tão tangível, que o seu conceito sobre a vida além da vida mudou por completo.

Filipa tinha um amiguinho invisível. "Muito criativa, a minha filha", justificava Sara. Um dia, a pequena saiu-se com "Está aqui um senhor que disse que continuas a ser a princesa violeta". E acrescentou "Tem uma bengala igual à que está na arrecadação, usa os óculos na ponta do nariz e dança assim" — mostrava uns passinhos de dança iguais aos que Sara fazia com o pai, quando pequenina. Filipa não conhecera o avô que falecera dois meses antes de ela nascer. A mãe sentiu-se invadida por uma alegria incomum, pois tudo era verdade e jamais comentara com a criança o que ela relatara.

O psiquiatra e pesquisador Ian Stevenson (1918 – 2007) estudou mais de 2500 casos de crianças que disseram recordar outras existências. A sua pesquisa demonstrou que essas lembranças não seriam meras fantasias. Este e outros assuntos, entre os quais a mediunidade, vêm sendo abordados ao nível de pesquisa científica. Deste modo, tem-se vindo a levantar o véu do que haverá para além da vida física, na busca de um significado maior para a nossa existência.

É essencial sairmos do mundo das aparências, para deixarmos de cair no abismo de nós mesmos.

A dor no mundo é gritante. Não será este o momento ideal para nos questionarmos a sério sobre a imortalidade? Mudar o paradigma. Afinal, nós e os outros estamos no mesmo barco, não será?

1) Evangelho de Mateus 22:37-39



O OUTRO OS OUTROS

MARGARIDA
CONSTANTINO

Os outros, ou aqueles que pensamos serem os outros, provêm de várias categorias: os membros da nossa família, aqueles com quem convivemos diariamente, aqueles com quem nos cruzamos, os que conhecemos através dos meios de comunicação, das redes sociais, os que vivem noutra parte, os que nos precederam e os que nos sucederão. E muitos mais poderíamos acrescentar a esta lista. Nós e o eu, fazem parte de alguma categoria de outros. Como as ondas do oceano se aproximam e separam, emergem e submergem num perpétuo movimento.

Direi que os outros, sejam próximos ou distantes de nós, estão em constante mutação. Mudam, transformam-se. O mesmo ocorre connosco, com a perspectiva que temos deles e eles de nós. Estamos num contínuo de espaço e tempo em constante transformação. O que foi já não existe no momento seguinte. O outro faz parte do que nós somos em cada momento. Tal como no salto quântico, quando uma partícula subatômica se move de A para B sem percorrer o espaço intermédio e sem usar tempo. A partícula ora está em A, ora está em B. Como para lá foi? Quando para lá foi? Não sabemos. Assim, o outro está em nós e fora de nós, sem ocupar tempo nem lugar.

Fomos, somos, muitos e nenhum. Todos os que passaram por nós, nós próprios, fomos e já não somos. Já não somos o bebé recém-nascido, embora nesse outro "nós" já estivesse a matriz do que viríamos a ser. As nossas características físicas e mentais estavam nesse bebé de quem não nos lembramos ter sido. Desapareceu a criança que foi à escola. Eramos nós ou eram outros? Já não temos aquela pele, aquela voz, não somos da mesma altura, não pesamos o mesmo, quase todas as nossas células foram substituídas. Permanece uma essência invisível. Se nos esforçarmos,

conseguimos recordar aromas, cores e sons, temos alguma ideia do som das vozes de quem foi próximo de nós. Assim, havia uma parte desse ser que era o "eu", não o outro.

Os nossos antepassados fazem tanto parte de nós como a nossa prole. Temos traços físicos e psicológicos dos nossos avoengos, tal como os nossos descendentes têm peculiaridades nossas.

O outro não existe sem um observador que sou eu. A vida e o ser têm um padrão de mutação aplicado a tudo e a todos. As nossas necessidades são interdependentes das necessidades dos outros, estamos todos ligados por partículas em constante reposicionamento. Somos observadores e observados num mundo de igualdade. A realidade é construída por cada um de nós, na posição em que nos encontramos naquele momento. Conseguimos ver o que o nosso "olhar" pode alcançar. Para lá da linha do nosso horizonte, o universo continua a existir connosco neste lugar e outros noutros lugares. Os dois coexistem no mesmo espaço e tempo.

O outro sou eu. Os outros somos nós. Desfrutar deste intervalo aqui na terra, conscientes de que somos efémeros, viemos e vamos todos para o mesmo infinito, é um privilégio temporário que o Universo nos entrega.



A ESCRITA SUBSTITUIU A VOZ

MARIA BRUNO
ESTEVES

Despertou da cirurgia. A sua voz sumira: não se escutava qualquer som. Maria revive esse momento. Sentiu uma dor no coração. As lágrimas escorreram-lhe pela face. O medo de não voltar a falar instalou-se-lhe no íntimo.

Seguiram-se anos angustiantes a procurar, a escrever, a ordenar tudo o que se passara. Entrava em pânico quando lhe faltava uma palavra, um nome, um acontecimento. Uma cortina de fumo ocultava-lhe as recordações.

As memórias emergem em súbitos clarões. E a voz sempre presente.

Recorda a primeira vez que deixara a casa dos pais. Completara dezanove anos. Sentada junto à janela, observava as casas, as ruas, os campos. As gentes daquelas terras iam entrando e saindo, num rodopio de rostos e sons de vozes. Maria continuava sentada no seu lugar. A voz do pai, sempre presente, "o que os outros vão dizer!".

Parada, na beira da estrada, sentira medo do desconhecido. Era ainda uma menina, mas tinha de mostrar que era uma mulher. "Sou a professora!" afirmou para si própria.

Foi um ano de descoberta. Os alunos eram pouco mais novos do que ela, uns quatro ou cinco anos. Estávamos em 1975. Vivíamos em pleno período revolucionário. A indisciplina reinava nas escolas. Os professores encontravam-se na linha da frente. Maria era uma jovem professora.

A voz, a sua fraqueza. Crescera com o medo de não ser reconhecida. Mas nunca desistira de acreditar em si.

Em criança, a timidez anulava-lhe a voz. Na escola permanecia em silêncio. Lembra-se de que durante a infância tivera dificuldade em soletrar determinadas palavras. Chamavam-lhe "sopinha de massa". Nas aulas de educação musical escondia-se atrás das colegas. Sentia-se o patinho feio. Tinha de provar o seu valor todos os dias.

Aos outros e a si. A confiança surgiu quando largou os julgamentos, quando abandonou as máscaras que a protegiam.

"A voz é o instrumento que nos permite comunicar. É através do seu som que os outros nos identificam".

A voz já não poderia ser o instrumento de trabalho.

A escrita substituiu-a. E das palavras fez poesia.

Neguei-te

*A verdade estava fechada
atemorizada
atormentada*

*no medo de ver a minh'alma nua
despida das sombras.*

*Nas minhas palavras o encontrei
e o reconheci.*

Onde andaste?

*Que lugares percorreste,
para que não encontrasse
o verdadeiro EU?*

*Aquele que pensava conhecer
e, afinal... desconhecia.*

*Dissimulado no mais profundo do meu SER,
apareceste
revelaste-te*

*reconheci-te no recôndito do meu coração
entre as dores do meu corpo
e tudo mudou:*

— era eu, o meu juiz!

*Foi aparência ou engano
conveniência ou arte de sobrevivência
ou um EU encoberto*

*oculto
cobarde?*

*Suavemente... bateste à porta deste EU
perdido na procura
e que se procura*

... ainda.

USE

YOUR

VOICE

NO LEITO FLUIDO DA ESCRITA

DAVID
ROQUE



Pedras roladas, sapos coaxantes, peixes distraídos, lama escura, limo esguio, folhas de árvores, detritos espúrios, pessoas lúdicas, ramos boiantes é o que o rio encontra no caminho, a diversidade infinita que toma para si. Também o escritor é um curso de água que serpenteia pela paisagem e se apropria do que lhe convém para se tornar rico e crescer. Como o rio, também a escrita necessita da fluidez que lhe garanta a sobrevivência, a soberba capacidade de contornar, desbastar ou incorporar os obstáculos.

A imaginação não irrompe do nada, ela necessita de alimentação do exterior. A mente que nada viu, observou, cheirou, ouviu, sentiu, saboreou é apenas um vaso oco, um cântaro decorativo, uma mala de viagem sem jornada nem bagagem. A imaginação é a capacidade de criar imagens, de reaproveitar o que os sentidos perceberam e o que a mente misturou. Se entendermos que o trabalho do autor não passa por criar imagem, então o que faria exatamente? Nada. O escritor propõe pessoas e figuras que não existem, a que chamamos personagens; ações e acontecimentos que podem ou não ter ocorrido; ou ainda ambientes com

realidade apurada ou pincelados com devaneio criativo. O ficcionista é, assim, o equivalente (em papel e alfabetos) ao antigo imaginário, o entalhador de santos para os altares das igrejas. Ambos comungam do poder de gerar imagem, a que, aqui, chamaremos imaginação.

O segundo poder a seguir ao da imaginação é o da criação (e rimam), porque a primeira é do âmbito do mental, da interioridade, e a segunda é da ordem dos pulsos e das mãos, da exteriorização. Não é ficcionista quem imagina, é-o quem cria a partir da imaginação. Porém, conceber a imaginação como psicológica não significa dar-lhe foros de genética, de determinismo biológico inato. Admitamos existirem traços individuais de ADN que capacitam alguns para um melhor (ou maior, mais acertadamente) imaginário, mas sem o rio seguir o percurso no seu leito de enriquecimento, como poderá chegar ao mar? Qualquer pretendente a criador de obra literária tem de manter os seus sentidos bem apurados, registar o mundo, ler jornais, ouvir conversas, folhear livros (muito), ir ao cinema, beber das mais variadas artes e de todos os movimentos do mundo, humanos e naturais.

O caderninho de apontamentos é arma que deve estar presente no coldre do escriba, por duas razões: capturar qualquer eflúvio de imaginação, sempre com a imponderabilidade de um géiser, ou fixar um quadro da realidade exterior, conversa, pessoa, gesto, ato, objeto, cheiro, melodia... Quem sabe? O escritor tem a obrigação da mundanidade, de fluir como um rio e arrebanhar tudo o que puder pelo caminho. É um coletor de generoso coração, capaz de transformar impressões e detritos existenciais em obras literárias.

São dádivas, senhores, são dádivas!

«O segundo poder
a seguir ao da
imaginação é o da
criação (e rimam),
porque a primeira é
do âmbito do mental,
da interioridade, e a
segunda é da ordem
dos pulsos e das mãos,
da exteriorização.»»

QUERIA? JÁ NÃO QUER?

MARCO
NEVES

A *mais famosa pergunta dos cafés portugueses* permite-nos conhecer um dos erros linguísticos mais comuns e menos discutidos: o **literalismo**.

Que se acuse quem, depois de usar a palavra "queria", nunca enfrentou a pergunta: "Queria? Já não quer?". Uma inocente piada de café, dirão. Talvez. Mas não deixa de ser um bom exemplo de um erro linguístico muito comum: o literalismo.

Admito: quando estou a pedir um café com "queria" estou a usar uma forma verbal do passado para fazer um pedido no presente. Um horror! Mas a verdade é que a língua é assim, mais complexa do que parece à primeira vista. Usamos o pretérito imperfeito para fazer pedidos com mais delicadeza ("era a conta, por favor"); usamos o futuro para falar de algo incerto do passado ("ela terá lá ido ontem"); usamos o pretérito perfeito composto para falar do que fazemos várias vezes ("tenho falado com ele todos os dias")... Podia continuar!

A língua é assim: cheia de subtilezas que usamos sem reparar. Uma vez por outra, há quem interprete literalmente uma palavra ou expressão e declare que tal palavra ou expressão é um erro.

Se alguém pede um copo de água, só pode estar a errar, pois o copo não é feito de água — como se a preposição "de" não servisse para muitas coisas...

Se alguém faz a barba, está a errar também, pois a barba não se faz — o que dirão da cama, do tempo e do amor, tudo coisas que fazemos sem pudor?

E, claro, se alguém queria um copo de água, está a errar a dobrar. Na mente virada para as interpretações literais, a pessoa está a declarar que houve um tempo em que queria um copo feito de água...

Um disparate? Sim, claro. Mas é assim que o literalismo funciona.

Estas correções tontas são modas. Ninguém se chateia com o balde de tinta — só com o copo de água (e, no entanto, o balde não é feito de tinta). Ninguém se aborrece com o fazer a cama — só com o fazer a barba (e, no entanto, também não construímos uma cama). O "queria ou quer?" é apenas mais um desses tiros ao lado que se tornam modas.

Estes pequenos e inócuos disparates permitem-nos olhar, pelo contraste, para a maneira como a língua funciona. Se olharmos para estes erros que não são erros, encontramos subtilezas do português. O "de" em "copo de água" torna o copo numa medida da quantidade de água que queremos. Podia querer um litro, uma garrafa, um balde de água... Mas não: quero "um copo" de água. Já o "queria" dos pedidos mostra-nos uma das muitas maneiras como a língua permite amaciar uma ordem ou um pedido: "já agora, se não fosse incómodo, queria um copo de água". Tenho mais más notícias para as mentes literais: a língua também se faz de usos figurados que se cristalizam. O sol nasce porque



aparece de novo todos os dias; a temperatura sobe porque o mercúrio subia nos termómetros; o tempo anda para a frente; o sangue ferve; o amor evapora-se; a língua pula e avança... As figuras de estilo como a metáfora e a metonímia não se restringem à literatura. Fazem parte da linguagem do dia-a-dia. De tão repetidas, algumas das expressões soam-nos a cliché e, por isso, devem ser evitadas em textos que se queiram originais — mas apenas por isso. Não sejamos literalistas ao interpretar o que os outros dizem: é um grave erro de português.

Não é só do português nem é só de agora: a expansão dos significados das palavras faz parte dos mecanismos linguísticos essenciais da linguagem humana. Sem esta constante expansão semântica, as línguas seriam ferramentas bem menos úteis e, na verdade, menos rigorosas, pois não nos permitiriam falar tão claramente de realidades novas ou complexas. Seriam também ferramentas bem menos interessantes, arrisco dizer.

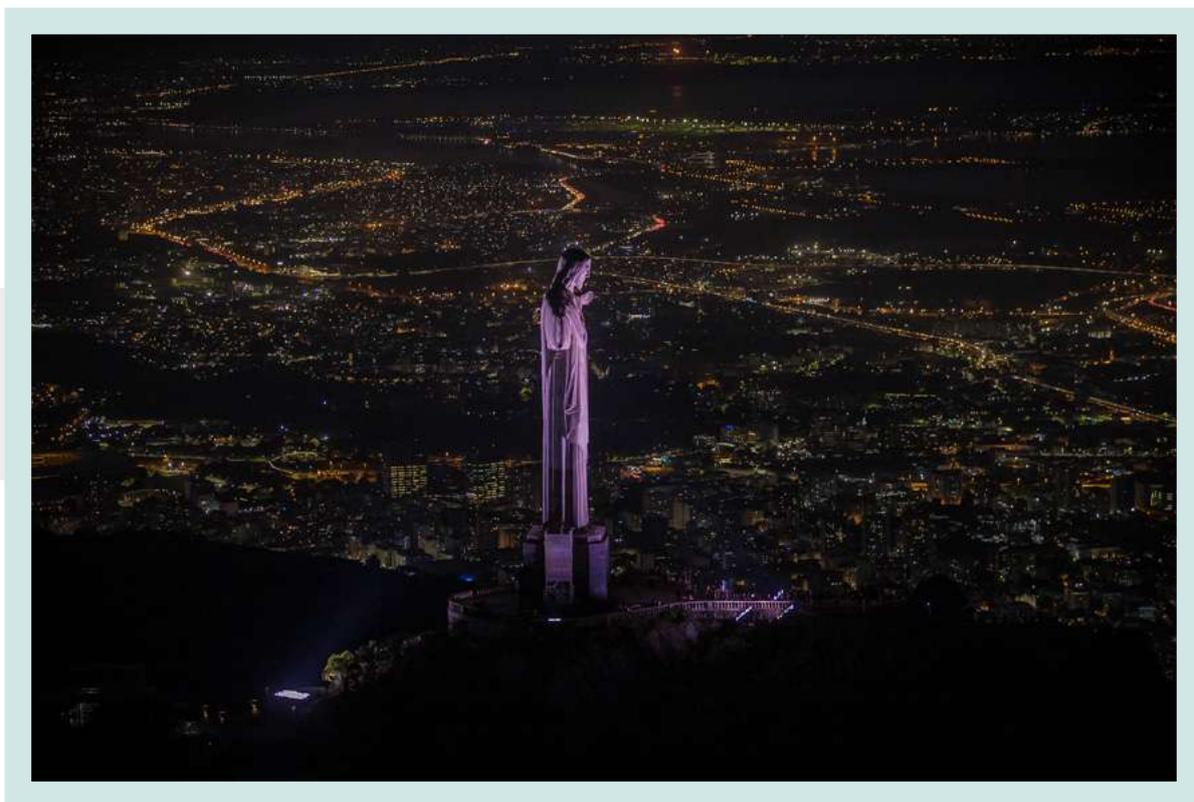
Para terminar, reparo numa expressão que fazia sentido literal e já não faz. "Puxar o autoclismo"... Já não puxamos nada! Mas a expressão tornou-se parte da língua. Os espíritos literais bem podiam começar a olhar para o equipamento sanitário, a ver se nos deixavam beber o café em paz.

«Estes pequenos e inócuos disparates permitem-nos olhar, pelo contraste, para a maneira como a língua funciona. Se olharmos para estes erros que não são erros, encontramos subtilezas do português.»

Todos os dias chegam notícias extraordinárias do Brasil.

Zumbi e Nganga Zumba, guerreiros angolanos que ajudaram a criar essa nação, continuam a ser mortos todos os dias, física e simbolicamente. De facto e de jure.

A nossa irmãzinha Kathlen Romeu, radiante e luminosa como uma estrela nascente brilhando em todos os céus do mundo, foi morta com tiros alegadamente equivocados, mas certos, pelo simples facto de existir e ser feliz.



Carregava dentro dela, amorosamente,
um outro ser,
forte, belo e promissor,
destinado a realizar prodígios desconhecidos,
mas os seus carrascos, taciturnos como pedras sem alma,
julgaram isso uma agravante...

O jovem Thiago da Conceição,
que tinha apenas 16 anos e, portanto,
acreditava na inexorabilidade do tempo,
foi surpreendido entre o quarto e a sala
da casa onde morava esquecido por todos os poderes,
menos o de matá-lo:
um tiro preciso, apenas um tiro,
absolutamente previsível
como o ódio dos senhores da Casa Grande,
impediu-o, talvez felizmente,
de descobrir que o mundo não tem lugar
para jovens como ele.

Matheus Ribeiro tinha algo que não lhe podia pertencer e,
além disso,
estava no lugar errado. O anátema
tinha,
pois,
toda a razão de ser.

Como se atreveu ele a protestar?

É preciso investigar...

No dia em que o país atingiu a marca de 500 mil mortos,
o Grande Mito rasgou a máscara
e sorriu como uma hiena.

A sua corte de generais,
bispos, empresários,
milicianos e robôs
conspira ardentemente contra o futuro.

Amanhã qual será a notícia?

Agora o poema descansará.

Aguardarei em silêncio o anúncio dos tambores...



PASSEANTE DE PARIS

JOÃO
VENTURA

Gosto de Paris e dos seus clichés. Gosto dos entardeceres sob o zinco da esplanada do "Café de Flore", folheando um livro acabado de comprar, ali mesmo do outro lado da rua, na livraria "La Hune". Gosto de caminhar à deriva por *Germain-des-Près*, guiado pela intuição do passeante, e de ir, depois, pela *Rue de Seine*, cruzar o arco que dá para o *Quai de Conti* e para a *Pont des Arts* onde — quem sabe? — talvez sob "a luz cinza e esverdeada que flutua sobre o rio possa entrever" a Maga da "Rayuela" de Julio Cortázar, umas vezes "andando de um lado para o outro da ponte, outras vezes imóvel, debruçada sobre o parapeito de ferro, olhando a água". Gosto dos *bouquinistes* ao longo dos cais do Sena. Gosto da *Île de Saint-Louis* com as suas boutiques elegantes. Gosto de deambular pelo *Marais*

«Gosto de me imaginar "Le Paysan de Paris" e como Aragon perder-me na sua cartografia, escutando a formidável ressonância das pequenas coisas que apenas se revelam ao passeante.»

até à *Place de Vosges* e, depois, tomar um chá na *Rue Vieille du Temple*. Gosto da *Rue Mouffetard*, "essa maravilhosa rua estreita com o seu mercado sempre coalhado de gente", cruzada por Hemingway a caminho do "Café des Amateurs". Gosto do aroma forte dos queijos que assomam nas vitrines da velha *crémérie* da *Rue Saint Jacques*. Gosto da livraria "Arbre à Lettres", na *Place Contrescarpe*, onde vem desembocar a *Rue Mouffetard*. Gosto de errar pelas passagens secretas, onde Walter Benjamin via Paris como a cidade dos espelhos. Gosto de me imaginar "Le Paysan de Paris" e como Aragon perder-me na sua cartografia, escutando a formidável ressonância das pequenas coisas que apenas se revelam ao passeante. Gosto de Paris, porque, como escreve Enrique Vila-Matas, "Paris Nunca se Acaba".



RENASCER, DE SUSAN SONTAG

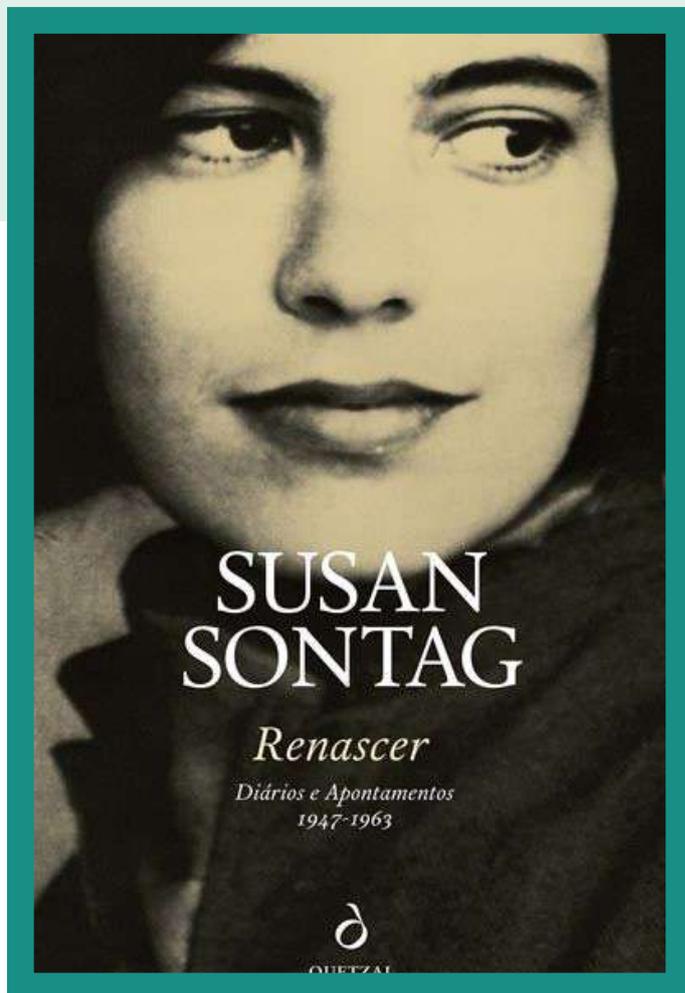
MÁRIO
RUFINO

Por vezes, na busca da verdade, a pessoa esconde-se e ficciona-se. Sue oculta-se na sombra da sua metáfora, a voraz Susan Sontag.

"A «verdadeira eu», a inerte. Aquela de quem fujo, em parte, estando com outras pessoas. A lesma. Aquela que dorme e quando acorda está continuamente com fome. Aquela que não gosta de tomar banho e não sabe dançar. Aquela que gosta de ir ao cinema. Aquela que rói as unhas. Chamem-lhe Sue."

David Rieff filtrou o indizível do dizível e criou um cânone de todos os diários e apontamentos da sua mãe. São cerca de 100 cadernos reduzidos a um livro. Fica a grande dúvida: O que haverá de tão perturbante na parte, na maior parte, que não foi publicada?

Optou por ser ele o editor, apesar de preferir não saber e que outros não soubessem.



A (sua) mãe não deixou qualquer instrução sobre os textos, escritos por ela própria (compreendem o período de 47 — 63).

Susan Sontag nasceu em 1933 e morreu em 2004 de síndrome mielodisplásica (câncer do sangue). Assim sendo, esses textos cobrem desde a adolescência até ser jovem adulta.

"Renascer — diários e apontamentos" (Quetzal) espelha a face escondida da intimidade. Por dentro do ícone cultural, existe muita fragilidade. A sexualidade era um assunto a evitar a qualquer custo; Susan não conversava sobre a sua vergonha. No entanto, os diários são o reverso dessa figura entusiasmante, impulsiva e vulcânica.

No prefácio, as palavras do filho são certeiras: *"Ela estava tão pouco à vontade com o seu corpo como serena na sua mente."*

A mente era o refúgio perfeito. Enquanto estivesse entregue à literatura, pintura, música e fotografia não pensava no desencontro consigo própria ou com a mãe (relação que viria a marcar) a cadência da sua vida, ou com o filho e amantes.

Sontag, a poderosa metáfora, era como se fosse omnipresente: movida a anfetaminas, lia em invejável qualidade e quantidade, assistia a estreias de filmes, peças de teatro, óperas e exposições; a vida social era intensa e o sexo (como a comida) parecia nunca ser suficiente.

A mulher sofria com o abandono, humilhava-se nas relações, mas também rebaixava e maltratava. Tinha uma fome emocional impossível de amainar. A própria diagnosticou a clivagem entre uma e outra: *"A minha escrita [de ficção] é sempre sobre dissociação — «eu» e «a coisa»."*

Apesar de falar na terceira pessoa, tanto na ficção como no ensaio, muito revelou no subtexto. Mas não tanto como nos seus diários. Depois da publicação, os amigos próximos ficaram surpreendidos com as fragilidades deste monólito cultural capaz de desafiar os mais instruídos desde precoce idade. Se culturalmente parecia imbatível, emocionalmente era formada por pedaços mal encaixados.

"Renascer — diários e apontamentos" revela as incoerências de uma figura fascinante na cultura do século XX.

«Por dentro do ícone cultural, existe muita fragilidade. A sexualidade era um assunto a evitar a qualquer custo; Susan não conversava sobre a sua vergonha. No entanto, os diários são o reverso dessa figura entusiasmante, impulsiva e vulcânica.»»

A CONSPIRAÇÃO DOS OSCUROS

PORVENTURA
CORREIA

A visita que o Oniromante da Azaruja fez ao sonho do ministro das finanças, reputado político, resultou no acesso a informações invisíveis a qualquer outro jornalista. Já o anotei na lista de prestimosos informadores, que guardo na memória, por força da segurança que merecem as minhas fontes do mundo obscuro.

Não só descobri que o ministro desviava dinheiro público para cofres esconsos além-fronteiras, como também que ele e alguns parlamentares não são humanos. Uma súcia de obscuros instalada na política, sob controlo do Homem de Ferro, o maior inimigo da Velha das Fitas Vermelhas e dos oniromantes. O ministro e mais algumas pessoas do Parlamento são mantas protegidos por um encantamento de alta-costura, digamos assim. Os mantas são criaturas batráquias de águas pestilentas, que afogam e comem qualquer humano que se avizinhe das margens. Têm o dobro da altura de um humano comum, cornadura espiralada e buracos fundos na vez dos olhos, onde dançam labaredas constantes, por vezes usadas como lança-chamas. O que os transforma em bem

vestidos deputados é da mais alta fábrica, uma magia de "vera-figura", em que se ludibria os cinco sentidos, talvez cozinhada pela própria Gancha, consorte do Homem de Ferro. Quando soube da conspiração, fui assistir a sessões da Assembleia com os meus óculos de escama ótica de narval. Detetei-os todos, na sua tenebrosa presença. Faltava descortinar os seus intentos malignos. Após vigia obstinada, descobri que se reuniam numa herdade a quilómetros de Lisboa, mosqueada de salgueiros e charcas paradas. A lonjura do casarão para o interior da propriedade murada não permitia abeirar-me para ouvir os seus planos, porém sei que só o mal os entretém e contenta. Onde obter mais informações? Porque querem dinheiro? Porque desejam o poder político dos homens? O chefe da redação não deixou publicar as notas sobre os embustes do ministro, com a justificativa da gravidade das acusações não ter fontes sólidas. Fiquei-me por uma reportagem sobre personagens televisivas do momento, com profundidade de folhas de papel. A vida de jornalista de mundos paralelos não é fácil. Só me restava ir ao Mundo Contrário indagar as novidades. O Mundo Contrário, fica aqui o segredo, é o mundo inverso ao nosso onde, numa liberdade total, transitam criaturas de luz, seres do obscuro ou sujeitos neutrais. No contrário de Lisboa há uma Aobsil, do Porto uma Otop, de Paris uma Sirap, e por aí segue este universo. A diferença é que as povoações têm uma luz rósea misteriosa e o espaço entre elas é escuro como betume, sem alto nem baixo, nem frente nem atrás. Os dragões felpudos são os únicos que se adentram nas estradas da noite de alcatrão, e as percorrem como se de facto existissem direções e sentidos. Contudo, isso é outra história, que terei de contar aos meus pacientes leitores.



QUERO ESCREVER AUTOAJUDA, TEM ALGUMA DICA?

JAMES
McSILL

Claro!
Mas antes vamos fazer um passeio por esse mercado.

Os leitores, mais que nunca, exigem resultados práticos e um retorno do tempo investido na leitura e aplicação dos princípios, práticas ou conselhos, bem como, estão conscientes de que tempo é, sobretudo, dinheiro. Os leitores da última década descobriram que programas e filosofias, como a "lei da atração", foram princípios prometidos, mas, simplesmente, não funcionaram para eles. Isto é, os genuínos livros de autoaperfeiçoamento vendem bem, os velhos «abracadabra», cada vez menos.

Primeiro, é uma indústria muito diversificada, inclui uma variedade de segmentos de mercado, dos institutos holísticos e esotéricos aos infocomerciais – gente que escreve um livro para se promover ou promover a sua empresa –, livros de palestrantes motivacionais, livros que repetem o que se assiste em seminários, treinamento pessoal, educação, perda de peso e programas de gerenciamento de estresse e truques para melhor gerir a sua vida pessoal ou empresarial. Basta colocar as palavras «líder» e «liderança»

«Primeiro, é uma indústria muito diversificada, inclui uma variedade de segmentos de mercado»

no Google e ver por si mesmo o que digo. Espera-se que este mercado cresça e continue a atingir uma média de 5,5% de ganhos por ano. Quem hoje não tem um livro publicado para alavancar o seu negócio, pode não ter negócio.

Se você ministra seminários ou é um palestrante público, sem livro você tem credibilidade zero. Zero, nada, nenhuma. Se pensa em entrar nesse mercado, sugiro que já tenha o livro, ou os livros. E que não sejam autopublicados ou o famoso «escrevi um capítulo de uma coletânea».

Os seminários de treinamento ao vivo são um negócio incrível, de 500 milhões de dólares ao ano nos EUA, por exemplo, quase o mesmo na América Latina, mais de 1 bilhão na Europa. Embora tenha havido um declínio nos últimos anos devido aos custos de viagem, ainda é um mercado crescente. Entretanto, numa tendência que se estabeleceu durante a pandemia, os webinários estão agora se tornando mais populares, com menor custo e disponibilidade a qualquer hora do dia. Só que, a figura do palestrante

local está desaparecendo. Por exemplo, se eu desejar, posso me projetar em 3D, a partir do meu estúdio, para qualquer parte do mundo. A restrição é a língua (no meu caso, trabalho em inglês, português ou espanhol), que a cada dia se torna menos uma barreira. O Skype, por exemplo, já me traduz para o Alemão e Japonês, o Zoom, o fará em breve. Daí, o bom mesmo é ter o livro e já pensar em traduzi-lo. A venda de um livro físico ou eletrônico, verdadeiramente profissional, é essencial. Se não o fizer, o concorrente o fará. Aqui repito: sem o livro você não tem credibilidade. E quem diz isso não sou eu, é o mercado. Você está buscando sobre o que escrever e para quem?

A lista de sete factos a seguir, ajudará a fornecer as principais tendências do autoaperfeiçoamento.

- 1) 18 mil coaches são registados e muitos mais trabalham apenas nos Estados Unidos. Quase o mesmo número se aplica ao Brasil.
- 2) Os com livros mais conhecidos tendem a ser mais bem-sucedidos.
- 3) Quanto mais simples for o título, melhor vende.
- 4) Quanto mais bem-estruturado o livro, mais credibilidade traz.
- 5) Por que esse é um mercado tão grande? É que as histórias que contamos a nós mesmos e aos outros falam dos nossos problemas ou soluções subconscientes. Temos vários níveis de comunicação, mas alinhar e verbalizar uma estória são os mais primordiais de todos. Podemos narrar a mesma estória com o foco no problema ou com o foco na solução.

«Se você ministra seminários ou é um palestrante público, sem livro você tem credibilidade zero. Zero, nada, nenhuma. Se pensa em entrar nesse mercado, sugiro que já tenha o livro, ou os livros. »

Repito o que disse já na primeira lição: remodele a sua estória e remodelará a sua "excelência humana". Em miúdos, quanto mais conhecer de história para entender as estórias de sua vida, mas fácil será reinterpretá-las e transformá-las.

- 6) Nós nos contruímos a partir das estórias. Se a nossa história vai mal, um bom livro poderá ajudar a resolver. Pois o que você narra sobre si mesmo fará com que os outros reajam, esta reação será consequência direta de como você pensa, entende, alinha e expressa as próprias estórias que lhe afetam a vida. ➤

«A reflexão sobre a estrutura subjacente é mais do que uma reflexão sobre a solução. Uma vez que tenha definido o problema, terá criado um objetivo que vislumbrará o futuro, isso levará o leitor em direção à solução de uma maneira estruturada.»

- 7) Já passou pelos problemas e encontrou uma solução? Desenvolveu um método? Não deixe para depois.... Escreva um livro.

Para estruturar o seu livro de autoaperfeiçoamento, a base é a mesma que usamos para estruturar um romance ou uma apresentação.

O segredo está em como abordamos partes dos três aspetos da estrutura.

Na estrutura subjacente, para delinear o objetivo/obstáculos/desfecho de uma cena, por exemplo, evite calcá-los em questões como:

- O que está errado?
- Quão grande é esse problema?
- Há quanto tempo o problema está acontecendo?
- Por que não o resolvi ainda?
- Por que eu o tolero?
- Qual é o pior exemplo desse problema?
- De quem é a culpa?

Essas perguntas ou focalizam no passado, ou no presente. Elas também fazem com que você fique completamente associado ao problema e se sinta mal com isso. Em vez disso, faça perguntas tais como:

- O que eu quero?
- O que eu quero em vez da situação atual?
- Que recursos tenho para conseguir?
- Como eu me sentirei quando resolver o problema?

O «eu» aqui, entenda-se «o leitor», o consumidor deste gênero literário.

A reflexão sobre a estrutura subjacente é mais do que uma reflexão sobre a solução. Uma vez que tenha definido o problema, terá criado um objetivo que vislumbrará o futuro, isso levará o leitor em direção à solução de uma maneira estruturada. Se se pensar bem nos recursos e estiverem claros no livro, os obstáculos serão realisticamente enfrentados com ferramentas que o leitor sabe que possui, e o "desfecho" será adequado, deixando o leitor com a sensação de ver o problema equacionado. E o livro que você escreveu será um sucesso.

Compartible
tudo que gosta
e sempre esteja
aberto a novas
experiencias

Trabalho
Gratuito
Estudo

compartilhando
pessoas

C



OS OUTROS ESCRITORES

LÉNIA
RUFINO

No processo de edição do primeiro romance, uma das coisas que me serviu sempre de farol foi a certeza de que queria que o caminho que fiz servisse de exemplo para outros escritores em busca da publicação de estreia.

Fala-se pouco do processo de publicação em Portugal. Encontro imensos autores que não fazem ideia de que passos devem dar para concretizar o seu sonho: não sabem que editoras abordar, como abordar uma editora, o que esperar a seguir. São poucos os que dedicam tempo a estudar o mercado, a tentar compreender as "regras do jogo" e que, depois, usam essa informação para chegarem à publicação dos seus livros.

Custa-me saber que é difícil publicar em Portugal, e que o facto de se ter conhecimentos no meio ajuda a desbloquear muita coisa. Mas, apesar de ser difícil, não é impossível.

Conto-vos a minha história, e se ela servir para ajudar um escritor que seja, então o objectivo foi cumprido. Não venho de um meio ligado à escrita: não cresci entre escritores (nem no seio de nenhuma outra



área artística), não sou jornalista e nunca privei com este ambiente. Sou uma simples mortal que cresceu com o sonho de ser escritora, não porque me interesse a fama, mas porque vivo com demasiadas histórias para contar, e porque me habitam demasiadas personagens que me pedem que lhes dê vida, trazendo-as para o papel.

Aos 23 anos, comecei a escrever em blogues, o que mantive durante mais de uma década. Pelo meio, fui escrevendo poemas e pequenos contos. Publiquei alguns no extinto "DNJovem" (de onde também saíram nomes como José Luís Peixoto, Ricardo Araújo Pereira e Pedro Mexia, por exemplo); muito do que escrevi ficou na gaveta. Hoje, olhando para trás, agradeço por ter tido o bom senso de não ter tentado publicar nada daquilo) nessa altura: era demasiado imatura, tinha uma escrita ainda muito incipiente e estava longe do que sou hoje, enquanto escritora. Não digo com isto que seja preciso esperar até aos 40 anos para publicar. Digo apenas que, no meu caso, ainda bem que soube esperar.

Demorei-me na escrita porque não fazia ideia de como se escreve um romance. Fui à procura de ajuda e fiz dois cursos de Escrita de Romance com o João Tordo, em que usei partes do que estava a escrever para os exercícios do curso. Só quatro anos e meio depois de começar a escrever o meu livro senti que ele estava pronto a ser apresentado às editoras. Gastei horas e horas em revisões, aprimorei o

que pude, sem ajuda de nenhum editor, e sem conselhos de ninguém experiente na área. O meu manuscrito era uma coisa em bruto, a precisar de ser burilada por quem entende do assunto.

O passo seguinte foi talvez o mais desafiante: entendi que seria disparatado enviar o meu livro para todas as editoras, porque nem todas publicam autores estreantes ou o género literário que escrevi. Portanto, dediquei-me a estudar um pouco o mercado editorial e cheguei a um número razoável de editoras que poderiam servir o meu propósito.

Depois, procurei contactos o mais directos possível. Em alguns casos, consegui; noutros, não passei do e-mail genérico que as editoras divulgam nos seus sites.

Enviei o meu manuscrito para as editoras que seleccionei, e imaginei que demorasse muito tempo a obter respostas — algumas nunca chegaram, outras demoraram efectivamente algum tempo, e duas ou três foram rápidas a dizer que não iriam publicar o meu livro. E está tudo bem. A minha oportunidade haveria de chegar, se fosse para acontecer.

A meio de Setembro de 2019, recebi o meu tão esperado "SIM". Obviamente, a alegria foi imensa. Começámos imediatamente a trabalhar no manuscrito: fez-se uma revisão linguística da obra, tratou-se da capa... e o mundo parou às mãos de uma pandemia. A publicação foi adiada e acabou por me ser dada a hipótese de aguardar por melhor altura, ou de cancelar o contrato e voltar à casa de partida. Senti que era isto que devia fazer e anulei tudo o que fora estipulado antes. Chorei. Rendi-me ao medo de ter nas mãos um sonho que não era para acontecer. Estávamos em Julho de 2020.

Mas o mundo gira e as peças encaixam nos sítios onde cabem. Pouco tempo depois deste retrocesso, fui abordada por uma das editoras que não tinha contactado antes. Uma das assistentes editoriais seguia-me no Instagram, acompanhou o processo, e sugeriu à sua editora que lessem o meu manuscrito. Não foi uma janela que se abriu depois da porta se fechar; foi um portão gigante, na verdade. Passadas duas semanas de ter o meu manuscrito

lido, a editora ligou-me a perguntar se queria editar o livro com ela. Explodi de alegria mais uma vez, ainda mais do que aquando do primeiro "sim". Depois disto, o trabalho foi intenso: revisões literárias (que não tinham sido feitas com a primeira editora), revisões linguísticas, a escolha da capa e dos separadores, a selecção da fonte e do seu tamanho. Nestes passos todos, as minhas editoras foram de um profissionalismo muito, muito impressionante. Nunca me deixaram sozinha, nunca me impuseram nada. Aconselharam-me, orientaram-me, mas deixaram para mim a palavra final.

Em Março de 2021, fui buscar os primeiros exemplares do meu livro à editora. Chorei, claro que chorei. Tinha nas mãos a concretização do meu sonho.

A altura do lançamento foi uma época de muito medo para mim. Estava absolutamente orgulhosa do que tínhamos feito, mas... e se o mercado não gostasse do meu livro? E se tudo fosse uma desilusão imensa?

Não foi. Felizmente, o livro foi bem recebido, e eu senti mesmo muito carinho da parte dos leitores que estava a conquistar. Claro que houve quem não gostasse tanto, e li críticas menos boas. Às que senti como construtivas dei a máxima atenção — vi nelas uma forma de melhorar o que faço quando escrevo. Às maldosas não dei importância nenhuma.

Agora, um ano e meio depois de ter o livro cá fora, estou de novo perante o dilema da página em branco. E continuo com medo de falhar, de não ser capaz de contar a história que quero trazer cá para fora. Mais do que inspiração, a escrita requer dedicação. Todos os que escrevem porque é esse o seu sonho sabem isto. A esses, aos que estão agora a começar, deixo esta história, para que lhes sirva de exemplo e, quem sabe, os ajude a conquistar o sonho. Se precisarem de mim, estou sempre à distância de um e-mail ou de uma mensagem no Instagram. Vemo-nos por aí, nas páginas dos vossos futuros livros.

A pedido da Autora, este texto não segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

BIBLIOTERAPIA E CRONOTERAPIA

SANDRA
BARÃO NOBRE

Suponho que, tal como eu, a maior parte de vós tenha uma relação complexa com o tempo, este conceito ainda não absolutamente definido pela ciência, mas imiscuído na vida de todos os humanos de forma fatal, conscientes que somos da nossa finitude. É esta noção, sempre em pano de fundo, de dias contados, que volta e meia emerge por entre a névoa das rotinas e suscita a pergunta universal e intemporal: o que ando eu a fazer com o meu tempo de vida? Não é novo afirmar que vivemos em contrarrelógio: os dias são preenchidos por mil tarefas e responsabilidades pessoais e profissionais registadas a cores distintas em agendas que nos tiranizam; somos pressionados e pressionamo-nos a sermos produtivos, a definir objetivos injustos, a abraçar a multitarefa, a agarrar oportunidades ou a criá-las, a fazermos só mais aquele esforço. Tudo isto para — o diabo seja cego, surdo e mudo! — não nos sentirmos culpados, não sermos confundidos com quem não concretiza, não alcança, quem preguiçou e estagnou.

Fizemo-nos adoradores do deus Chronos, o deus do tempo invencível, indomável, que nos destrói e

devora. Tentamos domesticá-lo, administrá-lo — quantas formações já fizeram sobre gestão de tempo? — e, no entanto, ao fim do dia, ao fim dos anos, acumula-se a sensação de estafeta infinita a contornar e a saltar obstáculos, a sensação de caos e de exaustão.

O biblioterapeuta Marc-Alain Ouaknin e o neurocientista Lamberto Maffei, nas suas obras "Bibliothérapie: lire c'est guérir"¹ e "O elogio da lentidão"² respetivamente, ofereceram-me uma palavra para nomear esta sensação de "caos dentro da rotina": cronopatologia, literalmente "doença do tempo". Enquanto Maffei sublinha a ironia que é o ser humano almejar imitar a produtividade e a velocidade das máquinas que ele próprio inventou (fruto de um cérebro lento nos seus processos de pensamento profundo e crítico essenciais à criatividade — o que é um paradoxo), Ouaknin defende que "a ausência de passado e a perda de capacidade de se projectar no futuro", isto é, o manter-se atolado no dia-a-dia rotineiro e caótico são, para além de doenças do tempo, o tempo da doença. Também o filósofo germano-coreano Byung-Chul Han, no seu livro "A Sociedade do Cansaço"³, constata que "a sociedade de produção e de actividade produz um cansaço e esgotamento excessivos (...) um cansaço individual, um cansaço que separa e isola (...) que provoca no indivíduo a incapacidade de ver e o mutismo", que "dá lugar a uma mera preocupação pela sobrevivência" e "leva ao enfarte da alma". Surgem as Depressões, os Transtornos

1) "Bibliothérapie: Lire, C'est Guérir, de Marc-Alain Ouaknin, Points, 2015

2) "Elogio da Lentidão", de Lamberto Maffei, Edições 70, 2018

3) "A Sociedade do Cansaço", de Byung-Chul Han, Relógio d'Água, 2014

por Défice de Atenção e Hiperactividade ou a Síndrome de Burnout, tudo doenças do tempo, tudo cronopatologias às quais, segundo Ouaknin, devem corresponder cronoterapias.

A Biblioterapia é claramente uma das terapias disponíveis. Primeiro porque permite temperar a adoração do deus Chronos com a veneração do deus Kairós, o deus do tempo de qualidade, oportuno, vivido com significado, propósito e prazer. É isso que se espera da interação com uma história — que seja prazerosa, que envolva e enleve o leitor, o ouvinte ou o espectador. Para que tal aconteça, antes de mais é preciso parar tudo: deitados, sentados, em pé ou mesmo em movimento (já vi pessoas a ler enquanto caminham), tudo o resto — as tarefas, as preocupações, os prazos — fica posto de parte quando entramos dentro de uma história.

Então, abre-se uma clareira, um intervalo onde se manifesta o poder da narrativa que, para além de suscitar e apaziguar emoções, nos leva a resgatar memórias, a fazer associações diversas com a nossa experiência de vida, a extrapolar — logo a imaginar, a levantar novas hipóteses, a descortinar outras perspectivas. E ainda nos oferece uma temporalidade organizada, um fio condutor com princípio, meio e fim, que nos ajuda a ligar passado, presente e futuro, capacidade que perdemos na bruma do caos rotineiro. Segundo Ouaknin a narrativa torna "possível a reinserção numa temporalidade harmoniosa onde o futuro vai buscar forças ao passado e a memória dá asas à esperança."⁴ Foi o que sentiu a jornalista Laure Adler após a morte de um filho, quando encontrou na leitura uma tábua de salvação: "Sei que o livro, ao trocar o meu tempo pelo seu, o caos da minha vida pela ordem da narração, me ajudou a recuperar o fôlego e a avistar um futuro."⁵



Fica a sugestão: quando se sentirem engolidos(as) pela exaustão da rotina caótica, parem e entrem dentro de uma história. Parem e leiam. Transformem o cansaço violento num cansaço amigável, num "cansaço clarividente"⁶, redentor, que permite o acesso a formas morosas de estar e ao rejuvenescimento. É neste tempo de paz que se combate o tempo da doença e a doença do tempo. Por isso a Biblioterapia é cronoterapia.

4) "Bibliothérapie: Lire, C'est Guérir, de Marc-Alain Ouaknin, Points, 2015

5) Citada por Irene Vallejo, em "Manifesto Pela Leitura", Bertrand Editores, 2021

6) "A Sociedade do Cansaço", de Byung-Chul Han, Relógio d'Água, 2014

AS NOSSAS COLETÂNEAS



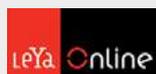
O TEMPO DAS PALAVRAS COM TEMPO

Pequenas grandes histórias para ler e viver.

Com prefácio de James McSill

Disponível em:

EBOOK



IMPRESSO



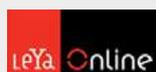
NÃO VÃO OS LOBOS VOLTAR

Por vezes, é preciso enfrentar o passado para viver o presente.

Com prefácio de Sofia Batalha

Disponível em:

EBOOK



IMPRESSO



QUE O CAMINHO NÃO NOS FUJA

Ninguém regressa igual da viagem

Com prefácio Júlia Domingues

Disponível em:

EBOOK



Podcast

LIVROS A TRÊS

Livros, leituras e escrita

Analita Santos

Cláudia Passarinho

Inês Pinto



DISPONÍVEL NOS PRINCIPAIS AGREGADORES DE PODCAST.



Ouçá no
Google Podcasts

A SUA
REVISTA
LITERÁRIA



PALAVRAR.OPRAZERDAESCRITA.COM

Um projeto:



Analita Alves dos Santos
O PRAZER DA ESCRITA